PADRE JÚLIO MARIA

Missionário de Nossa Senhora do S. S. Sacramento

LUZ NAS TREVAS

RESPOSTAS IRREFUTÁVEIS ÀS OBJEÇÕES DOS PROTESTANTES

Aprovação Eclesiástica

CARTA

Do Exmo. Sr. D. Carloto Távora ao autor

Meu caro padre Júlio Maria. Em resposta à carta de V. Revma., pedindo-me o*Imprimatur* de seu novo livro: *Respostas irrefutáveis às objeções protestantes*, mando-lhe, com a licença pedida, meus sinceros parabéns pela feliz idéia de reunir em volume uma série de polêmicas já publicadas em *O Lutador*. Estas respostas têm sido muito apreciadas pelos católicos e pelos protestantes, e conheço de perto o bem que elas têm feito, e as conversões que têm operado. Estas respostas são, de fato, irrefutáveis, porque são todas tiradas da sagrada escritura; e negá-las seria negar a própria Bíblia. O fundo de sua argumentação é doutrinal, substancial, como a forma é alerta, e de uma sinceridade comunicativa. Tenho a certeza que as suas polêmicas continuarão a fazer o bem às almas: aos católicos, dando-lhes armas sólidas para combaterem a impiedade e o erro; aos protestantes, mostrando-lhes o sentido exato da Bíblia, os erros da interpretação individual e a segurança da interpretação eclesiástica. Peço ao bom Deus abençoar o seu zelo apostólico do bem e da verdade.

Sou com toda estima de V. Revma. Humilde servo.

Carloto, bispo de Caratinga.

PROLÓQUIO

Da terceira edição

As duas primeiras edições deste livro esgotaram-se rapidamente, apesar do número avultado dos exemplares de cada edição.

É sinal de que o livro responde a uma exigência da época e da disposição dos espíritos.

Os protestantes, de todos os lados, fazem uma propaganda frenética de seus erros, procurando arrastar para o mal e a perdição os católicos fiéis; é, pois, necessário opor-lhes uma refutação clara, simples, doutrinal e popular de suas objeções, mil vezes pulverizadas, mas sempre novas para eles, porque são o fruto da ignorância e do fanatismo.

Não quis fazer mudanças nesta terceira edição, para não aumentar o volume, e evitar repetição de doutrinas já expostas em outros volumes.

Peço a Deus servir-se deste livro para orientar os católicos, firmá-los em sua fé, e dar-lhes uma resposta positiva e clara, para responder aos que ataquem a sua religião, a única verdadeira.

O presente livro tem disso um instrumento eficaz para a *conversão* de muitos, já caídos nas garras do erro protestante, e a *confirmação* de muitos vacilantes em suas convicções religiosas.

Possa ele continuar este mesmo apostolado.

P. Júlio Maria.

INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

Durante as festas marianas de 1928, os protestantes distribuíram um desafio, *exigindo*(nota-se bem: não pedindo), um texto da bíblia que provasse diversas verdades professadas pelos católicos e negadas por eles.

Respondi de chofre; porém, dispondo apenas das colunas de um pequeno semanário, foi-me impossível publicar todas as respostas; e as que foram publicadas, em conseqüência do pouco espaço, foram de tal modo cortadas que, muitas vezes, perderam a força de uma argumentação cerrada e irrefutável.

Eis a razão por que resolvi enfeixar em volume as tais respostas, que não receio intitular de irrefutáveis, para quem procura sinceramente a luz e a verdade.

Há outra razão ainda. Uma das tais respostas foi combatida pelos pastores protestantes, como é natural.

Todas as objeções ou protestos aduzidos em nada abalaram as verdades expostas, porque são *irrefutáveis*, apoiadas sobre a Bíblia, a Ciência e o Bom-senso; porém tais objeções permitiram-me completar a argumentação e, deste modo, dar novas respostas às dificuldades que os protestantes costumam levantar.

Assim, completadas as respostas constituem uma exposição clara e doutrinal das grandes verdades e dos principais dogmas do catolicismo, e uma refutação completa dos erros protestantes.

É uma polêmica documentada, uma argumentação segura, mostrando e comparando o erro e a verdade – para que do contraste saia a luz, que permite distinguir aqueles que, *ponentes tenebras lucem, et lucem tenebras* (Is. 5,20), "*fazem da escuridão luz, e da luz escuridão",* como fazem os pobres protestantes, unicamente com o intuito de contradizer a Igreja católica.

Possam estas respostas fazer conhecer e armar a religião verdadeira, a única religião divina, que é a de Jesus Cristo, perpetuada e representada no mundo pela Igreja católica, apostólica, romana.

Possam estas respostas trazer ainda um pouco de luz aos pobres protestantes, nossos irmãos separados da verdade, enganados e seduzidos por mercenários e exploradores que se chamam pastores, mas que, na palavra de Cristo, são *lobos devoradores vestidos como ovelhas*(Mt. 7,15)

Possam eles, à luz da verdade, distinguir as calúnias e o fanatismo, com que tais pastores procuram inspirar-lhes ódio à Igreja verdadeira, afastando-os, deste modo, do caminho único da salvação.
São bem eles que tinha em vista o divino Mestre quando disse: *Ai de vós, fariseus hipócritas, que fechais o céu aos homens, porque nem vós entrais, nem deixais entrar os outros que querem entrar.* (Mt. 13,13).

Pode haver, sem dúvida, protestantes sinceros, convencidos, pela ignorância em que vivem, dos princípios da religião, como pelas calúnias e acusações através das quais apreciam a Igreja católica.

São ignorantes; e a ignorância é a mãe de todos os erros. Mas, se é perdoável a ignorância num homem do povo, sem instrução, ela é inescusável em homens que pretendem ser os guias dos seus irmãos, os pastores do rebanho; neles a ignorância é um crime, uma perfídia.

Se, pelo menos, estudassem e examinassem a história, os fatos e as escrituras, para neles enxergarem o que brilha com tamanho fulgor: a verdade única e provada pelos evangelhos e pelas epístolas... mas não; limitam-se em resumir toda a sua crença em duas dúzias de objeções ridículas e mil vezes pulverizadas, contra a Igreja católica, copiando dos outros uma lengalenga bolorenta de calúnias, e não se dando ao trabalho de examinar o valor, o fundado, a falsidade ou ridículo destas mentiras.

Atacar a crença dos outros não é provar a autenticidade da sua própria crença.
Por que os tais pastores, em vez de formularem objeções, não provam a legitimidade do protestantismo?

Em vez de atacarem a doutrina católica, que é a do *evangelho*, por que eles não demonstram e provam que o protestantismo é a religião verdadeira, - que Lutero fora enviado por Deus para reformar a religião – que a bíblia é o Deus do mundo, que cada um pode interpretar como entender – que tais pastores são ministros legítimos de Cristo – que as mil seitas protestantes são todas *religiões* verdadeiras, etc.?

Eis os fatos que eles deviam estabelecer, sobre a bíblia.

Nas seguintes teses, não somente responderei às objeções atiradas aos católicos, mas estabelecerei a verdade católica, para que, pelo confronto, brilhe a plena luz, a luz inteira, a luz verdadeira, *que deve iluminar todo homem que vem e vive neste mundo* (Jo. 1,9).

Tenham os protestantes sinceros a coragem de ler estas respostas e eles serão obrigados a tirar uma conclusão que eu deixo ao livre alvitre deles, porque será ditada pela sua consciência.

Quanto aos católicos, eles encontrarão nestas discussões a exposição sucinta e clara da sua fé, ao mesmo tempo uma arma para refutar as calúnias que lhes são atiradas e responder às objeções que costumam formular os inimigos da nossa santa religião.

CAPÍTULO I

O QUE É UM PROTESTANTE

A definição não é fácil, porque o protestantismo, pela sua divisão e sua adaptação a todos os erros, é uma heresia que muda de forma e de fundo, conforme a situação e os países onde se implanta.

O sábio Webster define-o, dizendo que um *protestante é um cristão que protesta contra as doutrinas e práticas da Igreja católica*. Querendo definir a seita de Lutero, o grande dicionarista não encontrou uma definição doutrinal positiva; caracteriza-a por uma aversão comum.

É que, como salientou o P. Leonel Franca, os descendentes de Lutero não são irmãos, são conjurados. A sua unidade é o acesso da unidade católica, é a unidade católica hostilizada.

A religião verdadeira é necessariamente uma coisa positiva, tendo dogma, moral e culto, determinados e positivos.

É a nota distintiva da Igreja católica o ter os seus *dogmas* positivos e divinos, o ter o seu*culto* majestoso e expressivo.

As outras seitas religiosas, embora falsas e de origem humana, possuem entretanto certo número de ensinamentos positivos que constituem um como fundamento dogmático; o protestantismo está muito abaixo de qualquer outra seita e não possui nada de positivo; é uma negação de tudo o que afirma a Igreja católica.

Quando a Igreja católica diz: sim! o protestantismo diz: não. – quando Ela diz: não, o protestantismo clama: sim; de modo que o protestantismo é a negação da doutrina católica.

O protestante, como bem diz o nome por que é conhecido, é um homem que protesta.

Não se deve mais dizer: é um *cristão*; porque há protestantes quem nem acreditam no batismo e não são batizados validamente, ficando simplesmente pagãos.

É um homem que protesta contra a Igreja católica, contra o ensino de Jesus Cristo, e, por cúmulo, protestam contra a palavra divina, servindo-se desta mesma palavra.

Não acredita mais em Deus; só acredita na bíblia que ele torce, interpreta, rasga, ou adora, conforme os seus caprichos.

Para ele, a bíblia não é mais um livro divino, cujo conteúdo é a expressão da palavra divina; é um ídolo, que ele consulta como os antigos agoureiros romanos consultavam o vôo dos pássaros para conhecer a vontade divina, ou os astrólogos consultavam os astros para conhecerem o destino. O nome mudou; a coisa ficou.

Em vez de consultarem as aves, como os romanos, ou os astros, como os gregos, o protestante consulta a Bíblia, dando ele mesmo, ao texto, o sentido de que precisa e que mais se adapta a seu capricho ou seu interesse.

Todo livro precisa de uma interpretação autêntica, feita por uma autoridade competente senão é uma letra morta, e a letra morta só pode dar a morte, enquanto o espírito da interpretação autêntica dá vida.

É o que clara e energicamente exprime S. Paulo: "*A letra mata e o espírito vivifica* (2Cor. 3,6). E ainda: *Para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra* (Rm. 7,9). Os judeus estavam na velhice da letra; Cristo trouxe a novidade de espírito e os protestantes rejeitam este espírito.

Como tal os protestantes não tem dogma, tornando-se destarte em vez de cristãos verdadeiros judeus.

Porque o dogma exige uma verdade contida na sagrada escritura, e declarada autêntica pela autoridade competente.

O protestante tem a bíblia (embora falsificada e truncada), porém não possui nenhuma autoridade superior, idônea para declarar uma palavra ter tal sentido, e exprimir tal verdade.

Não tem moral fixa, estável, porque *basta crer e fazer o que quiserem*, como diz Lutero, o que exclui toda moral.

Não tem culto público, porque o culto é a expressão da crença e sendo a crença individual, o culto igualmente deve ser individual.

Eis o protestante isolado, separado de tudo, sem dogma, sem moral, sem culto, sem autoridade, sem regra de fé firme. Nada de positivo nele... tudo é negativo: é um protestante: isto é, um revoltoso, um crítico, um censor, um zombeteiro, que procura destruir sem nada edificar... que procura arrancar a fé católica, para substituí-la pela revolta, pela negação, pelo nada.

E como o protestantismo fica em pé? Tem um duplo apoio: a ignorância e a revolta. Nos pastores tem outro apoio: o interesse, a ganância, o lucro.

Cada pastor é um aventureiro, um verdadeiro explorador, que procura viver e enriquecer-se à custa dos ignorantes.

Ele mesmo não acredita naquilo que ensina, porém é um meio lucrativo de cavar a vida, de garantir o futuro e deixar um pecúlio aos filhos.

Os *protestantes* dividem-se em duas categorias:

1º - Os ignorantes, iludidos e enganados pelos finórios que se intitulam pastores.
2º - Os pastores, enganadores, por interesse, verdadeiros mercenários que enganam para ganhar a vida

Os primeiros são vítimas, dignos de compaixão. Os segundos são uns tratantes sem consciência que, para ganharem a vida, perdem as almas dos incautos.

Dos primeiros, Deus terá talvez misericórdia; para os segundos só pode ter anátemas, como os que dirigiu aos fariseus de seu tempo: *Ai de vós, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito... e depois... o fazeis filho do inferno, duas vezes mais do que vós*(Mt. 12,15).

CAPÍTULO II

POR QUE OS PROTESTANTES PROTESTAM

Por que eles protestam? Porque é da essência mesma da seita. No dia em que os protestantes deixarem de protestar, deixarão de ser protestantes, como o bêbado, deixando de beber, deixa de ser bêbado, como o brigador, ao deixar as rixas, deixa de ser brigador, ou como o ladrão, deixando de tirar o alheio, deixa de ser ladrão.

Protestar é a própria essência do protestantismo; nisto está a sua razão de ser.

No dia em que os protestantes deixassem de se reformar, de protestar, diz Sabatier, professor na faculdade protestante de Paris, no dia em que reconhecessem a autoridade exterior, como regra e prova de fé, nesse dia deixariam de ser protestantes, nesse momento se suicidariam.

É por isso que hoje se hoje, nos círculos adiantados da seita, que os protestantes que ainda estão com Lutero, não o compreendem.

Lutero conquistou-lhes o direito de protestar. Seus verdadeiros discípulos, os herdeiros genuínos do espírito de tal pai, serão os que usarem de igual direito para protestar contra ele, como eles protestam contra Roma. Os que vivem depois reivindicarão, com igual energia, a prerrogativa de protestar contra a geração presente. É assim e só assim que se pode conservar o protestantismo: protestando e protestando sempre.

O célebre Maistre tem uma frase profunda neste mesmo sentido: "O protestantismo, diz, ele, conserva apenas o mesmo nome, mudando continuamente sua fé, porque seu nome sendo meramente negativo e exprimindo apenas a renúncia ao catolicismo, *menos ele acredita, mais ele protesta, e melhor protestante ele é"*. (Do Papa, I. IV, cc 5)

Para compreender o protestantismo é preciso ter diante dos olhos este princípio básico: que a sua essência é a negação, é o protesto, é a revolta contra Roma.

Divide-se o protestantismo em centenas, devia-se dizer milhares de seitas, em desacordo entre elas, combatendo-se mutuamente... nenhum ponto doutrinal lhes é comum, o único laço que os liga todos é o ódio à Igreja católica, e o protesto contra tudo o que esta Igreja ensina, de modo que toda a religião protestante consiste em fazer objeções contra a Igreja católica... Objeções!... sempre e só objeções, sem quererem escutar a resposta.

Um bispo protestante – pois, para melhor macaquear a Igreja verdadeira, certas seitas ainda têm bispos – o bispo de S. David definiu a sua religião: *a abjuração do papismo.*

Eis o que é um protestante, e eis a razão por que ele protesta. É a sua essência, a sua razão de ser... Protesta... deve protestar..., e no dia em que não protestar mais deixa de ser protestante para ser de novo católico.

Para dar a este protesto uma capa ou aparência de razão, o protestante vem com a *bíblia*, que o condena a cada passo, porém, ele não quer ver a condenação, quer *protestar*, e ei-lo a formular as objeções mais absurdas e mais extravagantes.

Pouco importa que a própria bíblia refute as suas objeções; ele não quer ver, e não vê, pela razão muito simples que *não há pior cego que aquele que não quer ver.*

Não protesta nem contra o espiritismo, nem contra o budismo, nem contra o positivismo, nem contra o bolchevismo... não; só protesta contra a Igreja católica, porque só ela possui a verdade, e esta verdade é o alvo do seu protesto e a mira das suas objeções.

Protestam pois contra a Igreja, contra a autoridade da Igreja, contra os seus dogmas, contra os sacramentos, contra o culto, contra tudo o que forma a doutrina básica da Igreja verdadeira.

A Igreja católica é a única baseada sobre São Pedro e seus sucessores. – Guerra pois ao papa e toda a autoridade!

A Igreja possui dogmas revelados, que formam a base do seu ensino. Guerra pois a estes dogmas!

A Igreja possui uma moral pura, santa, um sacerdócio virgem. Guerra pois ao celibato e tudo o que é puro!

A Igreja possui um culto majestoso, atraente, manifestação da sua fé e de seu amor. Guerra pois ao culto da Igreja!

A igreja honra de um culto de superveneração a imaculada Mãe de Deus, e de um culto de veneração aos Santos. Guerra pois a Cristo, guerra à Virgem santa, guerra aos santos!

O protestantismo não possui santo nenhum!... a Igreja católica os conta por milhares... Então grita-se: “São ídolos... adoram as imagens... são idólatras!...”

Pobres protestantes. Os ídolos são eles, estes ídolos dos quais o profeta dizia: *Têm olhos e não enxergam, têm ouvidos e não ouvem; têm língua e não falam* (Ez. 12,2).

Eis por que o protestante protesta e contra quê ele protesta. É um ignorante pelo orgulho; é um revoltoso impelido pelo fanatismo, é um ateu envolvido na capa de uma bíblia... conservando só a capa, sendo ele mesmo o texto da bíblia, isso é, sua própria vontade, pela livre interpretação.

Oh! Eu sei, o povo ignorante em sua simplicidade nem pensa nisso; ele se deixa seduzir pelos mercenários gananciosos, pelos tais pastores, que vivem à custa da sua simplicidade. Os culpados são estes *vendidos* que, para ganharem dinheiro, vendem e perdem as almas dos outros, depois de terem vendido a própria alma.

Pobres protestantes iludidos, escutai este aviso do Espírito Santo, tirado de um dos livros da bíblia, que arrancaram vossos pastores por ser a condenação deles; do segundo livro dos Paralipômenos: Eis o que diz o Senhor Deus: *Por que violais vós os preceitos do Senhor, o que vos não será de proveito, e por que abandonastes vós o Senhor, para ele também vos abandonar?* (2 Crônicas. 24,20).

Deixai de protestar e voltai à religião dos vossos pais, à religião de Jesus Cristo, ensinada pela Igreja católica. Ela é a única que possui dogmas imutáveis, e faz praticar uma moral santa e santificante, a única que possui um culto interior, exterior, digno de Deus e dos homens, a única, enfim, que foi fundada por Jesus Cristo, e atravessou os séculos, sempre a mesma, sempre idêntica, sempre divina, porque com ela está o Espírito de Deus. *Eis que eu estarei convosco até ao fim dos séculos* (Mt. 28,20).

CAPÍTULO III

CONTRA QUE OS PROTESTANTES PROTESTAM

Contra quem? Contra o quê? Protesta-se contra aquilo que é injusto ou nos incomoda; e, não sendo assim, protesta-se por vício ou por mania.

Os protestantes protestam contra a Igreja católica e contra os ensinamentos da mesma.

Por quê? Terá a Igreja católica cometido qualquer injustiça contra eles? Nunca! A Igreja católica, como mãe carinhosa e como pai vigilante, ensina a doutrina recebida por Jesus Cristo... Exorta os homens a praticar a virtude, a afastar-se do mal, a respeitar as pessoas que não partilham o seu credo, embora refutem os erros por elas ensinados.

É a sua tarefa em tempo de paz. E em tempo de guerra, quando é atacada pelos inimigos, defende-se e defende o seu chefe Cristo, como o soldado, atacado pelos inimigos da pátria, defende a sua honra, a sua bandeira e o seu chefe.

É o seu direito. É o seu dever. Atacada, ela se defende; perseguida, ela reza e sofre; levada ao patíbulo – o católico morre; porém a Igreja não pode morrer; - ela se levanta mais radiante do meio do sangue dos seus filhos, para cantar o seu hino de triunfo em cima do túmulo dos seus perseguidores.

Quanto aos seus inimigos, ela perdoa, reza por eles e procura converter seus próprios algozes. Tudo isto é nobre, é leal, é brioso, e deve excitar a admiração e não o ódio.

Não podendo protestar contra qualquer injustiça da parte da Igreja católica, deve-se concluir que os protestantes protestam, porque ela os incomoda. Isso pode ser. A *verdade*incomoda a mentira; a *virtude* incomoda o vício; a *honestidade* incomoda a ganância; Deus incomoda o demônio.

Estamos de acordo neste ponto. A Igreja católica, pelo seu ensino, sempre idêntico e sempre invariável; pela sua organização admirável; pela sua santidade que realiza na pessoa de seus filhos; pelas altas intelectualidades que a professam, defendem e exaltam, forma com tudo isso um astro luminoso, que incomoda a retina visual da miopia protestante. Assim, incomoda ao libertino a pureza de uma donzela, como incomoda ao ladrão a presença da polícia, como incomoda ao bêbado a temperança dos sensatos.

Isto é lógico. A mão coça onde há coceira, diz o ditado. Assim explicado, compreende-se a razão íntima do protesto dos protestantes e a mira desse protesto...

Não protestam nem contra a barbaridade de um Calles, no México; nem contra a tirania de um Lenine, na Rússia, nem contra a perversidade do espiritismo, nem contra a imoralidade dos costumes e das modas. Isto, para eles, não merece protesto, mas merece-o a Igreja de Cristo, a Igreja do Papa, a Igreja de Roma, que atravessa os séculos, passando por cima dos ódios e da lama dos vícios, sempre bela, sempre pura, sempre majestosa e sempre divina!... Ah! Isso é demais... é preciso protestar – e o protestante, escutando a calúnia dos seus pastores, em vez de escutar a voz do bom-senso, protesta e vive protestando.

Cristo, o verdadeiro Deus, dirigindo-se a Pedro, disse: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (Mt. 16,18).*Estarei convosco até o fim dos séculos* (Mt. 28,20). *Se alguém, ainda que fosse um anjo do céu, vos anunciasse outro evangelho além do que vos tenho anunciado, seja anátema* (Gl. 1,8).*Pedro, rezei por ti, para que a tua fé nunca venha a desfalecer* (Lc. 22,32).

Tudo isto é claro; é tal um sol refulgente!

O protestante, entretanto, protesta, e tapando os olhos com os dois punhos, grita: - “Não! São Pedro não é o chefe da Igreja! – Não é ele o primeiro papa! – Ele nunca esteve em Roma! – Não tem nenhuma autoridade! A Igreja romana está errada!... A religião verdadeira é o protestantismo de Lutero!

Cristo disse: Minha Igreja! É um erro! grita o protestante, a igreja verdadeira é a de Lutero.

Pobres protestantes! Protestam contra Deus, contra a Igreja fundada por Cristo, filho de Deus, contra a Igreja fundada por Cristo e contra a doutrina ensinada por Deus.

Mas, então, em que acreditais, pobres protestantes? Se fôsseis sinceros, devíeis responder: Só acreditamos no protesto.

Afirmamos tudo aquilo que a Igreja católica nega, e negamos tudo que ela afirma: eis a nossa religião. *Nós protestamos!*

A Igreja católica crê que São Pedro e seus sucessores são os representantes de Cristo na terra. *Nós protestamos!*

A Igreja católica crê na pureza imaculada da Mãe de Jesus, honrando-a e invocando-a.*Nós protestamos!*

A Igreja crê na confissão, no poder que o sacerdote recebeu de Cristo, de perdoar os pecados. *Nós protestamos!*
A Igreja crê no céu para os justos, no inferno para os maus e no purgatório para aqueles que têm de expiar ainda umas faltas. *Nós protestamos!*

A Igreja crê na intercessão dos santos, no culto dos finados, na união que existe entre os vivos e os mortos. *Nós protestamos!*

A Igreja crê nos sete sacramentos, no poder da oração, no valor das boas obras, nas indulgências concedidas pela Igreja. *Nós protestamos!*

A Igreja crê na bíblia, como um livro divino, exigindo uma interpretação autêntica, feita por uma autoridade legítima. *Nós protestamos!*

A Igreja crê na tradição, conforme as palavras de São Paulo: *Conservai as tradições que aprendestes, ou por nossas palavras, ou nossa carta* (2 Tess. 2,14). *Nós protestamos!*

Eis o protesto dos protestantes. Eis por que, como e contra que eles protestam.[1]

Para quem quer refletir e é capaz de o fazer, a verdade se impõem com todo o rigor e com todas as suas conseqüências.

____

1) Cf. o nosso livro: "O Anjo das Trevas", Polêmicas de doutrina, de ciência e de bom senso, Cap. VII: O Bibeball protestante – e o cap. V: O tinteiro de Satanás.

____

O protestantismo é uma seita humana, de revoltosos ou de ignorantes, de orgulhosos ou de néscios. Numa palavra, é bem a seita anunciada por São Paulo:

Muitos andam... que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição, cujo deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas (Fp. 3, 18-19).

Não é isso o retrato perfeito de tais pastores, protestantes, exploradores, vendedores de bíblias, de sermões e consciências, que só pensam em ganhar dinheiro e em passar boa vidinha?

Refllitam sobre isto, pobres protestantes iludidos, enganados por estes falsários que nada têm de pastores, mas que, como o disse Cristo, são *ladrões e salteadores* (Jo. 10,1).

CAPÍTULO IV

COMO OS PROTESTANTES PROTESTAM

Há diversos modos de protestar. Protesta-se contra a mentira, pela manifestação da verdade. Protesta-se contra a injustiça pela valorização dos seus direitos. Protesta-se contra a calúnia pela exibição das provas contrárias. O protestantismo protesta contra a Igreja católica! Já expliquei a razão deste protesto; mas, como é que ele protesta? Mostrando a verdade? Mostrando seus direitos? Mostrando sua inocência? Nada de tudo isso. É o contrário: ataca a verdade. Não respeita os direitos alheios. Calunia a inocência de que e de quem não conhece. Protesta unicamente pela calúnia, pelo ódio, pela hipocrisia e pelas objeções. É um protesto fora de todas as regras do bom-senso, da lógica e da bíblia, que se ufana de praticar.

O protesto verdadeiro, lógico, racional e convincente seria de mostrar, de provar a mentira, a injustiça ou a calúnia.

Por que os protestantes não provam a mentira, a injustiça ou a calúnia da Igreja católica contra eles? Pela razão que a Igreja não mente, nem comete injustiças, nem calúnias... e que os mentirosos são eles; os fautores de injustiças são eles; os caluniadores são eles ainda.

A Igreja católica teria direito de protestar; ela não protesta, mas sim, mostra a verdade, prova esta verdade e *pela verdade dissipa o erro.*

Por que os protestantes não seguem o mesmo caminho? Em vez de limitar a sua ação em fabricar objeções, por que não provam eles a verdade do protestantismo? Se tal verdade existe, ela há de dissipar necessariamente o erro católico como a verdade católica dissipa o erro protestante.

A primeira obra que uma religião deve fazer é provar a autenticidade, a autoridade e a legitimidade do seu ensino; em outros termos: é provar os seus dogmas.

Por que não o fazem os protestantes? Pela razão muito simples de não terem *dogmas*. A negação ou o protesto não se sustentam por si mesmos, só podem existir onde há uma coisa positiva, que se possa negar, onde há uma verdade contra a qual se possa protestar.

***

O protestantismo é um verdadeiro *parasita* religioso, que só pode viver nas costas do catolicismo, procurando chupar-lhe a fé, como os parasitas – animais ou vegetais – que vivem do sangue ou do suco de outro. Tirai das costas do animal tal parasita-bicho e está morto; arrancai tal outro parasita da casca do vegetal, e morto estará também.

Assim o protestantismo. Se o catolicismo pudesse morrer, - o que é impossível – no mesmo dia e na mesma hora estaria morto o protestantismo. Arrancai-o das costas do catolicismo e ele será um cadáver em putrefação.

A Igreja católica é o objeto positivo; o protestantismo é a sua negação. A Igreja católica é o sol luminoso e resplandescente do dia; o protestantismo é as trevas da noite onde se tropeça e perde o caminho. *Vae ponentes tenebras lucem* (Is. 5,20).

A Igreja católica é uma instituição modelar, harmoniosa e divina; o protestantismo é a anarquia, a desordem e a revolta que procura aviltar esta instiuição. *Super hanc petram aedificabo ecclesiam meam* (Mt. 16,18).

A Igreja católica é um colosso de vida, de progresso, de expansão e de força; o protestantismo é um ancilóstomo ou necátor que procura fixar-se no organismo para aí produzir a *opilação* espiritual, o cansaço de Deus e amarelão religioso. *Ite in mundum universum, praedicate evangelium* (Mt. 16,15).

A Igreja católica é a água divina, num vôo direto, em demanda do céu; o protestantismo é a pulga que procura fixar-se nas asas do pássaro, para cansá-lo e impedir seu vôo. *Sicut aquila, provocans ad voladum pullos suos* (Dt. 32,11).

A Igreja católica é árvore frondosa, em cujos ramos as aves do céu, que são os santos, se aninham; o protestantismo é o parasita que procura envolver o tronco, chupar-lhe a seiva, para esterilizá-lo. *Fit arbor, ita ut voluvres caeli... habitent in ramis ejus* (Mt. 13,32).

A Igreja católica é o farol luminoso, que Deus colocou à beira da estrada humana, para indicar aos homens a verdade e a virtude; o protestantismo é a noite escura, que cega o olhar do viandante e o faz precipitar-se no abismo. *Posui te in lucem gentium* (At. 13,47).

A Igreja católica é a ponte que liga a terra ao céu, e onde os homens devem estar para, da terra, subirem ao céu; o protestantismo é o abismo horrendo, que passa por baixo da ponte, onde se precipitam aqueles que desprezam a ponte. *Arcta via est, quae ducit ad vitam* (Mt. 7,14).

A Igreja católica é a arca fora da qual ninguém se salva, sendo todos – como no dilúvio – arrastados pelas ondas em furor; o protestantismo é o lodo terrestre, é o arrecife, formado pelas árvores arrancadas, pelas casas destruídas, que procura atalhar a navegação da arca. *Tanquam navis quae pertransit fluctuantem aquam* (Sab. 5,10).

A Igreja é a barquinha de São Pedro que leva, através do oceano do mundo, os filhos de Deus, até aportar no céu; o protestantismo é a perdição, é a porta para o inferno. *Si ecclesiam non audierit, sit tibi sicut ethnicus* (Mt. 18,17).

A Igreja católica é o reino de Deus, reino triunfante no céu; reino padecente no purgatório; reino militante na terra; o protestantismo, estando fora deste tríplice reino, é necessariamente o único reino aí não incluso: o reino de Satanás, ou inferno. *In hoc manifestati sunt filii Dei, et filii diaboli* (Jo. 3,10).

Para terminar resumamos tudo em duas palavras: a Igreja católica é a obra de Deus, fundada por Deus, sustentada por Deus, inspirada por Deus, fazendo as obras de Deus; o protestantismo é obra dos homens (de Lutero), fundada pelos homens, hoje sustentada pelo dólar americano, inspirada pelo ódio, e fazendo as obras do ódio e da revolta. *Ex fructibus eorum cognoscetis* (Mt. 7,20).

É o bastante para os homens sinceros compreenderem o que é o protestantismo e como é que ele protesta.

Protesta pelo ódio, pelos ataques, pelas objeções, pelas calúnias, pela hipocrisia, fazendo em tudo o contrário do que manda a bíblia e o bom-senso. E têm a coragem de chamar isso de religião! É muita coragem!

CAPÍTULO V

A CONTRADIÇÃO DOS PROTESTANTES PROTESTANDO

Como provei nos capítulos precedentes, um protestante é um homem que protesta.

Ora, pelo próprio princípio de sua crença, este homem não tem o direito de protestar; pelo seu protesto ele condena a si próprio.

Parece um paradoxo, uma contradição nos termos e no fato. Assim é a realidade; porém o protestante, sendo sempre um ignorante em matéria religiosa, não nota a contradição flagrante entre os princípios básicos de sua crença e os protestos com que destrói estes princípios.

Escutem bem isso, caros protestantes. Em que consiste o princípio fundamental do vosso protestantismo? Talvez nunca pensaram nisso seriamente. Pois bem, ei-lo: *O protestantismo consiste em admitir só as verdades contidas na bíblia.*

I. Só a bíblia

A bíblia, só a bíblia... é o grito dos filhos de Lutero.

Onde encontraram eles na bíblia, esta passagem: “só a bíblia”? até hoje eu não a encontrei, nem a encontrarei jamais, porque lá não figura.

É já uma contradição! A bíblia diz claramente que *Jesus Cristo fundou sua Igreja sobre Pedro* (Mt. 16,18), diz que *estaria com ele até ao* fim do mundo (Mt. 28,13-20), *que lhe dava as chaves do reino do céu* (Mt. 16,19) que esta Igreja seria coluna e fundamento da verdade (1 Tm. 3,15), que *é preciso* escutar esta Igreja *sob pena de ser tratado como um pagão* (Mt. 18,17). Diz ainda: *Cristo mandou os apóstolos* pregarem *o evangelho*, e nem fala da bíblia, nem de espalhar bíblias (Mc. 16,20).

Eis o que encontro na bíblia, mas em parte nenhuma se me depara esta regra de Fé: “só a bíblia”.

Encontro sim, esta passagem: *Examinai as escrituras* (Jo. 5,39), a qual Cristo cita contra seus adversários para provar a divindade de sua missão, - porém isso nem é um conselho, mas sim uma prova de ser ele o Messias predito e anunciado.

Jesus Cristo anunciou de viva voz, não escreveu uma só linha.

A Igreja, depois de fundada, propagou-se em toda parte, e não havia ainda um único livro do novo testamento...

Só a bíblia, dizem os protestantes, tudo deve apoiar-se sobre a bíblia!

Mas por que então Cristo não deu esta bíblia? Por que ele não disse aos apóstolos: Sentai-vos e escrevei, ou viajai e distribuí bíblias; em vez de: *Ide e pregai - quem vos ouve, ouve a mim*(Lc. 10,16).

E os apóstolos foram fiéis à sua missão; poucos escreveram, e escreveram pouco; mas todos pregaram, e muito.

Eis como cai no chão o primeiro princípio protestante, só a bíblia. Isso é invenção de Lutero; e não figura na Bíblia.

II. O livre exame

O segundo princípio fundamental do protestantismo é o livre exame. Isto quer dizer que cada um tendo uma bíblia, não precisa de explicação de ninguém, ele mesmo pode e deve interpretar a bíblia à sua vontade, e tirar dela os artigos de fé, que bem lhe apareça.

Aqui a contradição é fenomenal... e chega às raias do absurdo.

Escutem. Cada um deve interpretar a bíblia... isso é essencial, porque cada um é inspirado pelo Divino. Mas se basta a bíblia que cada um deve compreender – abaixo oradores, pastores, predicantes, cuja função é explicar a bíblia.

Se, para chegar ao céu, basta a bíblia, por que tais pastores vão meter o bedelho nas frases que cada um deve decifrar? Por que as casas de culto... desde que há uma bíblia em casa?

Se eu fosse protestante, não quereria casa de culto, nem suportaria pastores. Munido da minha cara bíblia, fechava-me no quarto, e pôr-me-ia a ler os passos que mais me agradassem. Isso, sim, seria seguir os conselhos do papai Lutero, que disse: "todo cristão é para si mesmo a Igreja nas coisas relativas a fé".

Como é, meus caros pastores protestantes, que vós teimais em pregar, ensinar, catequizar, contra a vontade expressa do vosso fundador e pai? O que vos compete é distribuir bíblias... só bíblias.

E devem ser bíblias sem a mínima explicação, nem verbal, nem escrita, senão perturbais a inspiração pessoal divina.

De duas uma: ou a bíblia é suficiente ou não o é. Se o é: então abaixo os pastores, com seus comentários e explicações! Se não o é: - Então cai o grande princípio protestante da interpretação individual.

III. Vosso e nosso direito

Uma contradição mais flagrante ainda se apresenta: se cada qual é inspirado pelo Espírito Santo, como é que o protestantismo está dividido em centenas, até milhares de seitas, que professam doutrinas contrárias, e fazem-se guerra mutuamente?

O Espírito Santo está em contradição consigo mesmo? Ou o Espírito Santo é um ignorante... ou os pastores protestantes o são... ou Deus mente, ou os pastores mentem. Resolvam, caros protestantes.

Agora temos uma conclusão muito importante. Vós dizeis que cada um pode individualmente interpretar a bíblia; nós também temo-la, com a vantagem de que a nossa é completa e a vossa truncada, faltando-lhe livros inteiros.

Vós interpretais a vossa bíblia, dizendo que é o vosso direito. Nós interpretamos a nossa; é também nosso direito. Vós escutais os vossos pastores e as explicações verbais e escritas que eles dão da bíblia.

Nós escutamos os nossos sacerdotes, os nossos bispos, o papa de Roma, que explicam também a bíblia: creio ser o nosso direito.

Não podeis negar, pois os nossos padres, bispos, teólogos e papa, bem valem, pela virtude e pela ciência, pela experiência e pela sinceridade, os vossos pastores, que provam ser hipócritas, exploradores, tratantes; são pastores só para melhorar e cavar a vida e arrancar dinheiro das pobres vítimas que se deixam iludir por eles. Mas então dizei-me, por que o vosso fanatismo, a vossa propaganda, vossas calúnias contra a Igreja católica?... Por que, ó protestantes?...

Nós interpretamos a bíblia. É o nosso direito, nossa interpretação não concorda com a vossa, como a vossa não concorda com o protestante vizinho...

Que tendes vós com isso? Cada um interpreta como entender! É o livre exame. Vós seguis os vossos pastores boçais, interessados.

Nós seguimos a nossa Igreja católica, infalível, construída sobre o rochedo de São Pedro. Creio que temos este direito.

Então, por que protestais, ó protestantes? Por quê? Protestando contra a interpretação dos outros, fazeis ruir o fundamento do vosso protestantismo, que consiste na liberdade de interpretar a bíblia.

Tudo isso é contradição... sois divididos contra vós mesmos... A verdade é uma e indivisível. – Estais, pois, no erro, e o vosso protestantismo não passa de uma mania ignorante ou perversa.

A palavra do Mestre é clara: *Todo reino dividido contra si mesmo será devastado; e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá* (Mt. 12,25).

Pobres protestantes, deponde os preconceitos e refleti um instante. A verdade vos condena pelos vossos próprios lábios: *Condemnabit te os tuum et non ego* (Job 15,6).

Protestais, e não tendes o direito de *protestar*; sois *protestantes*, e não o podeis ser; o vosso próprio protestantismo vos condena.

Como é isso, então? Só Satanás é capaz de ver bem claro num tal tinteiro! Contradição!! Só contradições!!

Ora, Deus não pode estar com a contradição, que é mentira. O que prova que Deus não está convosco, meus caros e infelizes protestantes.

CAPÍTULO VI

OS PROTESTOS DOS PROTESTANTES

É tempo de passar a tais objeções ou protestos e dar-lhes uma resposta peremptória que não possa refutar nem a má fé, nem a perfídia dos chefes protestantes.

Pobres protestantes, *vós blasfemais o que ignorais (2 Ped 2,12), e seduzis os corações dos inocentes com palavras suaves* (Rom 16,18), procurando – não a salvação das ovelhas – mas, sim, vossos próprios interesses, conforme as palavras do Senhor ao Profeta Ezequiel: *Ai dos pastores que se apascentam a si mesmos. Comeis a carne das ovelhas e vos vestis da sua lã; degolais o cevado; porém não apascentais as ovelhas* (Ez 34, 2-3)

Em vez de formulardes miseráveis objeções, que mostram a vossa ignorância e a vossa má fé, em vez de citardes nas almas o ódio à Igreja católica, o vosso dever seria de mostrar o caminho do bem, de reprimir os abusos e de expor os dogmas da vossa seita.

Para mais clareza, eis aqui textualmente reproduzido o desafio, com tas as objeções.

Darei, em seguida, uma resposta clara e irrefutável às mesmas objeções, apoiada sobre a sagrada escritura, o bom senso e a história, de modo a satisfazer a todos os gostos e a todas as exigências, não deixando outra saída para a má fé do protestante, senão a interpretação errada da sagrada escritura. Para esse mal não há remédio.

O homem falso, sem caráter, mentiroso, caluniador, não é mais um homem, é um monstro – e um monstro não precisa de argumentação, senão de chicote, como o aconselha o Espírito Santo: *O açoite para o cavalo, o freio para o jumento e o pau para as coisas dos tolos* (Prov 26, 3).

Se porém, os protestantes são sinceros e capazes de compreender a verdade, após a leitura das respostas, que seguem, devem ficar convencidos da verdade católica. Tenham, pelo menos, a coragem de ler...tenham a vontade de compreender...e a humildade de abraçar a verdade...e estará extinta a pobre e nefanda seita de Lutero, entre nós.

Eis, pois, a folha espalhada em Manhumirim no fim o mês mariano de 1928.

Exige-se do Revmo Padre Júlio Maria,

1. Um texto da escritura provando que devemos orar à Virgem Maria
2. Um texto da bíblia que prove que Maria foi concebida sem pecado
3. Um texto da escritura que prove que São Pedro não tinha esposa
4. Um texto da escritura que prove que os ministros de Deus não devem se casar
5. Um texto da escritura que prove que São Pedro foi bispo de Roma
6. Um texto da escritura que prove que o Papa é Vigário de Cristo e sucessor de São Pedro
7. Um texto da escritura que prove que os padres podem perdoar os pecados
8. Um texto da escritura que prove que o vinho na ceia do Senhor deve ser tomado apenas pelos padres
9. Um texto da escritura que prove a existência da Missa Romana
10. Um texto da escritura que prove que os padres têm o poder de mudar o pão em corpo, sangue, alma e divindade de Jesus Cristo
11. Um texto da escritura que prove que há sete sacramentos
12. Um texto da escritura que prove que o uso de imagens foi recomendado por Jesus Cristo ou seus apóstolos
13. Um texto da escritura que prove a existência do purgatório
14. Um texto da escritura que prove que há mais de um mediador
15. Um texto da escritura que prove que devemos orar pelos mortos
16. Um texto da escritura que prove que devemos jejuar nas sextas-feiras
17. Um texto da escritura que prove que o batismo lava o pecado original, faz cristãos, filhos de Deus, herdeiros do reino de Deus
18. Um texto da escritura que prove que as crianças que morrem sem o batismo vão a um lugar chamado limbo e que prove que tal lugar existe

19. Um texto da escritura que apóie o batismo de sinos
20. Um texto da escritura que prove que um homem deve ser perseguido e amaldiçoado, por haver abandonado conscienciosamente a religião em que nasceu e aceitado a religião de Jesus Cristo

Se porventura S.Revma, não apresentar estes textos, fica perante o respeitável povo manhumirense provado que S.Revma. não conhece a bíblia sagrada, ou que a religião tão ardorosamente pregada não é bíblica, ou prova os dois pontos, isto é: que S.Revma. não conhece a bíblia e a sua religião não é verdadeira.

Um crente.

Pois bem, provarei ao tal crente sem crença que o sacerdote conhece a Bíblia, mil vezes melhor que os protestantes; que a religião católica é a única verdadeira. Veremos depois se tais pastores protestantes, que tanto gostam de fazer objeções, são capazes de compreender as respostas destas objeções, e têm a sinceridade de aceitar a verdade irrefutavelmente provada. *Stabo... ut videam quid respondeam ad argumentem me*. Aqui estou para responder às objeções atiradas! (Hab 2, 1).

CAPÍTULO VII

DEVEMOS ORAR À VIRGEM MARIA

Como bom protestante, o tal crente começa naturalmente pelo ódio à SS.Virgem

Esta primeira objeção é uma prova de *má fé* e do erro dos protestantes. Elucidamos bem esta doutrina, pois é como o ponto de mira das objeções protestantes. Em si, tal objeção é simplesmente ridícula. Há certas coisas que não se provam, porque constituem um *princípio* de vida, de desenvolvimento ou de organização natural. Os princípios do *bom senso* não precisam de provas, senão a consciência individual e universal. E estamos aqui diante de um tal princípio.

I - Prova do bom senso

O bom senso nos diz, o coração nos prova, e a experiência universal confirma que *uma mãe tem sempre perto de seu filho um crédito todo particular. Tu honrarás a tua mãe todos os dias de tua vida*, disse o santo homem Tobias (Tob 4,3), repetindo a lei divina dada por Deus: *Honra teu pai e tua mãe* (Ex 20, 12).

É um laço sagrado, imortal, que liga o filho aos pais durante a vida e se perpetua a eternidade, pois no céu como na terra o filho será sempre o filho de seus pais.

Este princípio aplica-se à SS.Virgem, com mais razão ainda do que a outras criaturas, pois é dela, e só dela, por operação do Espírito Santo, que o filho de Deus recebeu a sua humanidade. *Ecce Virgo Concipiet* (Is 7, 14). Ele nasceu de uma Virgem.

Deve-se concluir pois que hoje ainda na glória do céu, Maria, sendo a Mãe do Filho de Deus, *Maria de quem nasceu Jesus, que se chama Cristo* (Mt 1,16), conserva com seu divino Filho relações de maternidade, e em conseqüência tem direito às honras a que ela tinha direito e recebia aqui na terra.

Isabel prostrou-se diante da Virgem, com amor e veneração, exclamando admirada:*Donde me vem a dita que a mãe do meu Senhor venha ter comigo?* (Lc 1, 43). Hoje o mundo deve continuar a mesma veneração e o mesmo brado de amor, para honrar a Mãe de Jesus, que continua sempre a ser *mãe do Senhor*.

* * *

Por que este rancor, este ódio, contra a pura Mãe de Jesus? Será um meio de agradar ao Filho, insultar sua santa Mãe?

Pobre protestante, diga-me: se insultassem a sua mãe com o intuito de agradar-lhe, que é que responderia o amigo? – Diria, de certo: Quem insulta a minha mãe, insulta a mim, e quem a honra, honra a mim!

E o amigo diria muito bem; mostraria que é bom filho, e que, como tal, considera inseparavelmente unidos o respeito ao filho e à mãe – a honra da mãe e do filho.

Mas, então, Jesus não será bom filho?...Ele não exigirá, Ele, Deus, aquilo que nós, homens, exigimos tão imperiosamente?
É ele, Deus, que pôs no fundo de nossa alma este respeito, este brio, este zelo pela honra de nossa mãe, e ele, vindo a este mundo, ele, o autor da lei, não a cumpriria... não daria exemplo?... Ele seria menos digno, menos brioso, do que nós?

Não está vendo que é um absurdo!

Neste caso, Jesus Cristo seria menos virtuoso, menos homem, que o último dos homens... que o mais celerado, o qual, após ter perdido toda honra social, e todo brio, conserva ainda o respeito à sua mãe! Que insulto ao próprio Deus!

Eis aonde o leva o seu ódio à Igreja Católica, pobre protestante! A Igreja Católica *honra e invoca* a santa e pura Mãe de Jesus, como sendo Mãe do Redentor, e como tal, sendo-lhe unida por inquebrantáveis laços de intimidade, de dignidade, de amor, que fazem dela a mais santa, a mais bela e a mais poderosa de todas as criaturas, exaltadas e glorificadas por Deus.

Não é isto o que anuncia o anjo Gabriel, proclamando-a escolhida entre as criaturas, repleta de todas as graças, e unida a Deus com uma intimidade única?

Ave, cheia de graça! O Senhor é convosco! Bendita sois vós entre as mulheres (Lc 1,28).

Medite bem isto, meu caro protestante... Reflita sobre cada uma dessas expressões divinas, e verá que, iniciando as suas caducas e grotescas objeções com insultos à Mãe de Jesus, está refutando de antemão a própria doutrina protestante, que cai necessariamente, perante o bom senso, a lógica e a sagrada escritura, que nos ensinam o contrário.

II - O que é orar

Devemos orar à Virgem Maria, isto é bem provado pela sagrada escritura, como vou mostrar-lhe aqui irrefutavelmente, porém, antes, é preciso bem determinar o que é orar, pois os protestantes não o entendem ou fingem não entendê-lo.

Orar, como sendo a expressão do culto, quer dizer, *prestar homenagem, louvar, exaltar, suplicar*, embora nem toda homenagem e toda exaltação seja uma oração.

No triste afã de fabricar objeções, os protestantes pretendem que *orar* é uma adoração, porque, dizem eles, vem de *adorar*. É ignorância ou perversidade. *Orar e adorar* são dois termos radicalmente distintos. Podem manchar e *desmanchar*, mas não existe entre estes dois termos nenhuma relação de significação.

Adoramos a Deus; e oramos a Deus e aos Santos, sem adorá-los.

O culto, que prestamos à Mãe de Deus, é o culto de *honra* e de *invocação*, que a teologia traduz por *hiperdulia*, ou suma veneração, completamente distinto do culto de *adoração*, prestado só a Deus, e o simples culto de *veneração* (dulia), prestado aos outros santos.

Dirigindo-se a Deus, os católicos dizem em suas preces: *Tende piedade de nós!* Dirigindo-se a Mãe de Deus, eles dizem: *Rogai por nós!* Dirigindo-se aos santos, dizem: *Intercedei por nós!*

Três palavras que exprimem a diferença do culto prestado a estas três categorias.

Diga, amigo protestante, não é isto lógico, razoável, legítimo? Faça calar um instante o seu obcecado ódio à Igreja Católica e pondere o seguinte raciocínio:

III - O que é honrar e invocar

Como já disse, o culto da SS.Virgem consta de dois atos: a *honra* e a *invocação*. Ora, haverá coisa mais justa que honrar aquela que foi honrada pelos próprios anjos, pelo próprio Deus? Ela é a Mãe de Deus, e por este título ocupa lugar glorioso e único na criação. Ela foi na terra a criatura *mais santa* e é no céu a *mais poderosa* de todos os eleitos.

Além disso, ela é a *nossa Mãe*, conforme a palavra do Apóstolo, que chama Cristo o*primogênito entre muitos irmãos* (Rom 7,29). Somos irmãos espirituais de Jesus Cristo; Jesus é o filho da SS.Virgem; somos, pois, filhos espirituais da SS.Virgem, que é verdadeiramente a nossa Mãe.

Ecce Mater tua: Eis a tua Mãe (Jo 19, 26). Sendo a nossa Mãe, a SS.Virgem têm o direito a uma honra e a um culto acima das honras e do culto que tributamos às outras criaturas.

Honramos e exaltamos os grandes homens da terra, os heróis, os gênios, os beneméritos da humanidade; e não honraríamos, nem exaltaríamos aquela a quem devemos o Redentor, o Filho de Deus, numa palavra: a salvação! O bom senso se revoltaria contra a asserção negativa!

E não somente honramos os benfeitores da humanidade; nós fazemos os seus retratos, erigimos-lhes estátuas e monumentos; e não o faríamos para a mais bela, a mais santa e mais benfazeja das criaturas, que é a Virgem Mãe de Deus? O coração humano se revoltaria contra a asserção negativa!

Tiremos a conclusão: é, pois, lícito, é lógico é necessário *honrar a SS.Virgem*.

Honrá-la não é o bastante. É preciso *invocá-la*, pois a invocação é uma *parte constitutiva do culto*. As *honras* prestadas exaltam a grandeza e a virtude. A *invocação* exalta o poder e a bondade.

Maria SS. é grande pela sua qualidade de Mãe de Deus e pelas exímias virtudes que a adornam. Ela é poderosa e bondosa como a mãe dos homens; poderosa para *poder* ajudá-los; bondosa para *querer* fazê-lo.

Ora, nós, aqui na terra, somos pobres pecadores, somos necessitados e fracos; precisamos de auxílio, de forças e de generosidade. A quem pedi-los? Aos homens? Os homens sabem apenas dar esmola material; só Deus pode sustentar e fortificar a alma. É dele, pois, que devemos receber a esmola espiritual.

E esta esmola é transmitida aos homens, pelas mãos da SS.Virgem. Ela é *cheia de graça*(Lc 1, 28) para poder transmitir aos homens a graça, como o canal transmite aos campos, ressequidos pelo sol, as águas do oceano.

Tal um canal repleto, que recebe as águas e as transmite aos campos, assim a Virgem Maria recebe de Deus as graças divinas para comunicá-las aos homens.

Maria, diz S.Bernardo, *está colocada entre Jesus Cristo e os homens para ser o canal que esse divino Salvador derrama sobre a humanidade... Deus escolheu Maria*, diz ainda o mesmo doutor, *para ser o canal das graças, e ele quer que as alcancemos todas pela sua intercessão* (Sermo de Aquaeductu).

Maria SS. *pode*, pois, ajudar-nos, porque é Mãe de Deus... Ela *quer* ajudar-nos, porque é nossa Mãe. Ela nos *ajuda*, porque é o ofício de que o próprio Deus a encarregou.

É, pois natural, lógico e lícito invocá-la. Se o não fosse, Deus não deveria tê-la feito tão grande, tão poderosa e tão bondosa; senão estas prerrogativas ficariam como sepultadas nela, sem ter por onde e sobre que exercer-se. E Deus nada faz inutilmente.

Devemos, pois, concluir, pela aproximação da vontade de Deus, do poder e bondade de Maria SS., e de outro lado, das nossas necessidades, que devemos *invocar* a Mãe de Deus, do mesmo modo que o pobre e necessitado deve invocar ao rico, para manifestar-lhe as suas precisões e obter dele o auxílio necessário.

Eis o que o bom senso e a razão nos ensinam acerca do culto de Maria SS. que nos mostram a liceidade e a necessidade de *honrar* e de *invocar* a santa e imaculada Mãe de Jesus.

Resta-me provar que tal prática está em pleno acordo com a bíblia. É o que farei irrefutavelmente com os textos da Sagrada Escritura.

IV. Prova bíblica

Vamos agora à prova positiva... às provas da bíblia.

O protestante que sempre anda com a bíblia, devia ter encontrado muitos e decisivos passos que provam claramente o que acabamos de dizer.

Infelizmente, como justo castigo do seu orgulho, eles são, como diz o Evangelho, *de olhos obcecados e coração endurecido, de modo que não enxergam com os olhos e não entendem no coração* (Jo 12,40).

Tome a sua bíblia, caro protestante, e medite bem cada uma das provas que vou citar aqui. Para completa compreensão, e para não deixar a mínima dúvida, nem a menor saída da verdade, vou provar-lhe quatro coisas pelos textos da bíblia que resumem e como que esgotam o assunto:

1º Que podemos orar aos santos;
2º Que devemos orar aos santos;
3º Que Deus escuta as orações dos santos;
4º Que Deus recomenda de recorrer às orações dos santos.

Eis quatro coisas formidáveis, meu caro crente, que vão muito além do seu pedido. Não somente citarei um texto da bíblia, mas citarei dezenas de textos, para mostra-lhe que orar à Virgem Maria é *bom*, é *permitido*, é *aconselhado*, é *recomendado* por Deus mesmo.

A conclusão de cada uma destas provas será a seguinte (convém indicá-la logo, para poupar-lhe raciocínios e delongas): Se Deus escuta as preces dos santos, é sinal de que tais preces lhe *agradam*; se ele recomenda de recorrer às orações dos santos, é sinal de que ele*quer* que os homens orem aos *santos*. E se Deus escuta aos santos e recomenda de recorrer a eles por serem seus *amigos*, com mais razão ele escuta a Santíssima Virgem e recomenda de recorrer a ela, por ser sua *Mãe*.

Provar que se *pode e deve orar aos santos*, é provar, pois, que se pode e que se deve orar à Virgem Maria, a mais santa dos santos, a rainha dos santos.

V. Podemos orar aos santos

Objetam os sábios protestantes que as almas santas, uma vez perto de Deus, no céu, não podem interceder para os homens por causa da mudança de *esfera espiritual*.

Ignorância dos princípios que regem a ordem sobrenatural. Tais princípios afirmam que há *três ordens* para o homem: A ordem *natural* (da natureza); a ordem *espiritual* (da graça); a ordem da *visão beatífica* (da glória).

Cada uma destas ordens, a começar pela ordem natural, aperfeiçoa, a natureza; a *glória* aperfeiçoa a graça.

Nada há destruído, mas aperfeiçoado.

Se o justo na terra pode interceder junto de Deus, na ordem espiritual, ele o pode mais ainda na ordem da visão beatífica.

Quer isto dizer que os santos da terra, sendo intercessores perto de Deus, o serão muito mais quando estiverem no céu.

São três ordens distintas, mas ligadas pelo mesmo laço divino. A *natureza* serve apenas de base à graça. A graça serve de base a glória.

Deus criou o homem na natureza pura; elevou-o, por privilégio gratuito, à ordem da graça – para coroá-lo um dia na ordem da glória. É sempre o homem... mas homem elevado a uma ordem superior, sem perder a essência da ordem inferior.

Provar pois que podemos orar aos santos da terra, é provar que podemos orar aos santos do céu.

Com estes princípios, ser-nos-á fácil compreender o valor das provas bíblicas. Lê-se no Gênesis que Deus disse a Abimelec: *Agora, pois, restitui a mulher a seu marido (Abraão) porque é profeta e rogará por ti, para que vivas* (Gn 20,7). Mas, amigo protestante, se é proibido *orar aos santos*, como é que Deus diz: rogue por ele, e lhe alcance a vida? Crê o Sr. na bíblia, ou não crê?

No livro dos reis lemos: O povo disse a Samuel: *Roga ao Senhor, teu Deus, pelos seus servos, para que não morramos* (1 Rs 12, 19). Outra prova de que os profetas costumavam rezar pelo povo, e que Deus atendia a tais preces.

No terceiro livro dos reis lemos ainda: *Faze oração ao Senhor, teu Deus, roga por mim... e o homem de Deus fez oração ao Senhor e foi atendido* (3 Rs 13,6). Outra prova de que podemos recorrer aos santos, para que eles intercedam por nós junto de Deus.

No livro de Judite, encontramos um passo luminoso que resolve a questão e dissipa todas as dúvidas. Escute a súplica de Ozias e dos anciãos a Judite: *Agora, pois, ora por nós, porque tu és uma mulher santa e temente a Deus* (Jdt 8,29).

Que quer dizer isso? Prova que uma pessoa santa e temente a Deus pode ser invocada e pode interceder por nós perto de Deus. Que coisa mais clara e positiva? E podia multiplicar tais passos, porém, para quem não crê na bíblia, parece-me inútil. *A palavra de Deus não muda* (1 Ped 1,25).

Repita Deus cinqüenta vezes a mesma verdade ou diga uma só vez, o seu valor fica o mesmo.

Que provam, pois, este e muitos outros passos da bíblia, senão que é bom e permitido *orar aos santos*, que os justos podem orar por seus irmãos?

Ora, se os santos da terra, sendo rogados pelos irmãos, alcançam-lhes o que podem, será possível que estes santos, depois de terem entrado no céu, tenham perdido este poder de intercessão? É impossível, pois no céu as almas justas estão com Deus: são seus amigos íntimos.

Se é permitido *orar* a um justo da terra, para que nos alcance favores de Deus, com mais razão deve ser permitido *orar* à criatura mais justa e mais santa que há no céu: a Virgem Maria.

A conclusão é clara e irrefutável: A bíblia mostra que é *permitido orar* aos justos da terra; com mais razão é permitido orar aos justos do céu. – Ora, Maria SS. é a mais justa de todos os justos do céu. É pois, permitido orar à Virgem Maria.

VI. Devemos orar aos santos

Vamos adiante, meu caro protestante. A primeira prova devia ser decisiva para qualquer homem sincero e de boa fé; continuemos, porém, e depois de ter provado que *podemos*, provemos que *devemos* orar aos santos, e entre eles à Virgem Maria.

Abramos o livro de Jó, escutemos o que Deus disse aos amigos do santo: *"Tomai sete touros...e ide a meu servo Jó...o meu servo Jó... orará por vós e admitirei propício a sua face*(Jó 42,8). Que bomba, amigo protestante, já refletiu

sobre este passo? Deus manda recorrer ao servo Jó, e promete escutar a prece que Jó há de fazer em favor dos seus amigos. Não somente permite, mas *ordena* positivamente recorrer ao santo homem Jó.

E quantos passos deste gênero se podiam citar do Antigo Testamento; mas vamos às provas mais positivas ainda: as próprias palavras do Cristo: *Orai pelos que vos perseguem e caluniem*(Mt 5,44).

S.Tiago, por sua vez, nos ensina: *Orai uns pelos outros, para serdes salvos, porque a oração do justo, sendo fervorosa, pode muito* (Tgo 5, 16).

S. Paulo não é menos explícito: *Não cessamos de orar por vós*, diz ele, *e de pedir que sejais cheios de reconhecimento da sua santa vontade* (Col 1, 3-9).

Eis passos muito claros, que provam que devemos orar aos santos, não somente a Deus,*porque a oração dos justos pode muito para os outros.*

Pode haver dúvida sobre esta ordem de Deus? Parece-me que não!

Como é, pois, meu caro protestante, que tens a ousadia de dizer que é proibido orar aos santos?

O amigo está em plena contradição com a sua bíblia, com a palavra, com a ordem expressa de Deus.

De fato, Deus dá ordem de recorrer a Jó, para que ele ore pelos delinqüentes. Jesus Cristo nos faz orar *uns pelos outros* (Mt 5, 44). S. Tiago nos ordena de *orar uns pelos outros* (Tg 5,16). S.Paulo diz que ora *pelos colossenses* (Col 1,3)

Tudo isso prova que Deus aceita as orações dos justos que vivem ainda neste mundo, e não somente que aceitas as orações mas que quer estas orações de uns pelos outros. É uma verdadeira ordem.

E se objetassem que podemos e até *devemos* às vezes orar aos justos da terra e não aos justos do céu, a resposta estaria no Evangelho.

No evangelho de S. Mateus (20, 30), Jesus Cristo ensina que os *santos são como os anjos de Deus no céu*. Ora, os anjos intercedem por nós, como vemos indicado na Sagrada Escritura. É Zacarias quem no-lo afirma dizendo *que o anjo intercedeu por Jerusalém, ao Senhor dos exércitos.* (Zac 1, 12-13)

Jesus Cristo declara que *haverá júbilo entre os anjos, de Deus por um pecador que faz penitência* (Lc 15,10), o que prova que eles se interessam pelos homens.

De novo, amigo protestante, que prova tudo isso?

Prova evidentemente que os justos, os santos e os anjos do céu se interessam pelos homens, intercedem pelos homens, e devem ser invocados, louvados, *orados pelos homens*.

E se isso é verdade dos santos e anjos, com quanto mais razão é verdade da rainha dos santos e dos anjos, da *SS.Virgem Maria*.

VII - Deus escuta os santos

Vamos mais adiante, amigo protestante, e vejamos agora *como Deus* escuta a prece dirigida aos seus justos ou santos.

Não é menos interessante recolher uns passos da Sagrada Escritura a este respeito.

Comecemos com Jeremias, onde lemos este trecho expressivo: *E o Senhor disse-me: Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, a minha alma não se inclinaria para este povo; tira-os da minha face e retirem-se* (Jer 15, 1 ss).

Tal texto prova, claramente, duas verdades: 1º Que os justos e santos, mesmo depois de mortos – como no tempo de Jeremias estavam Moisés e Samuel. – podem *interceder* pelos homens, perante Deus. 2º Que não obstante essa intercessão, a culpa humana pode ser tão grave, que não logrem aplacar o Senhor.

Imaginemos que um magnata da terra nos dissesse: Estou tão indignado contra fulano, que não lhe perdoaria, ainda que meus filhos me pedissem... Não seria lógico depreender que, junto deste pai, os filhos tinham valimento como intercessores? Pois bem, a mesma verdade depreende-se do passo bíblico, que nos mostra o valimento de Moisés e Samuel, no céu, perto de Deus.

Para invalidar este passo, os sábios protestantes dizem que neste tempo os justos não tinham entrado no céu, mas estavam no *Limbo*. É nova ignorância do princípio, senão do fato. A Igreja Católica pela comunhão dos santos, abrange *a terra, o céu, e o purgatório* e, antes da vindo do Salvador, o céu estava fechado, e os justos iam para o *limbo*, onde esperavam a vinda do Messias, o qual, no dia da sua morte, devia abrir-lhes a porta do céu.

Os justos eram, pois, santos; ora, a santidade não depende do lugar onde o santo reside, mas do estado de sua alma, de modo que os patriarcas, no limbo, podiam interceder pelos homens, como o podem no céu, e como o podem as próprias almas do purgatório.

Há muitos outros trechos bíblicos de igual valor comprobatório.

Eis um outro que não figura na bíblia protestante truncada, pois acharam bom cortar o livro dos Macabeus, por conterem muitos passos que os condenam.

Aí vemos como Judas Macabeu viu em sonho o grão Sacerdote Onias, já morto, que orava por sua nação, e que, designando o profeta Jeremias, lhe disse: *Este é o amador dos seus irmãos e do povo de Israel; este é Jeremias, profeta de Deus, que ora muito pelo povo e pela santa cidade* (2 Mac 15,12-14).

Não é bem concludente este passo, mostrando um santo *orando pelos homens da terra*?... E se os santos oram por nós, seria proibido orarmos aos santos? Que lógica estranha seria esta!

Eis, pois, provado mais uma vez que podemos e devemos *orar* aos santos, e como Deus escuta e atende ao pedido de seus servos.

E eles orando por nós, nós temos o *dever* de implorá-los, de invocá-los, para que eles nos ajudem e nos amparem com a sua valiosa proteção.

E se devemos orar aos santos, devemos orar, sobretudo, *à santa dos santos*, à Virgem Mãe de Deus.

VIII. Deus recomenda

Passemos ao último ponto, mostrando que Deus *recomenda* recorrer aos santos.

Há muitos passos que o provam, entretanto um dos mais expressivos é o que Deus dá a Elifás, em relação ao seu amigo Jó.

Eis o que diz Deus: *"Ide ao meu servo Jó, oferecei um holocausto por vós: o meu servo Jó, porém, orará por vós"* (Jó 42,8).

Claro é que Deus poderia ter atendido à prece de Elifás diretamente, porém manda-o ao seu servo Jó para que este *ore por ele*, mostrando destarte que a prece de Jó lhe é mais agradável que a prece dele. Elifás não ora diretamente a Deus, mas indo a Jó, ora ao santo homem que interceda por ele.

É o que ainda fazem diariamente os católicos, dirigindo-se aos justos, aos santos, aos amigos de Deus, e sobretudo à Mãe de Deus, para que intercedam por eles. Não é isso perfeitamente bíblico, conforme aos conselhos de Deus, conforme às normas do bom senso, e aos exemplos dos santos? Só um cego pode não ver e não compreender isso!...

IX. Provas do Evangelho

Concluamos estas diversas considerações sobre o culto dos santos e da SS. Virgem, mostrando mais uma vez, de um modo irrefutável, que *podemos e devemos orar à SS. Virgem*.

Estas considerações serão, talvez, capazes de excitar justos remorsos a quem ainda não está com a consciência inteiramente atrofiada pelos golpes da heresia protestante.

Uma vista no Novo Testamento confirmará os pontos doutrinais já expostos sobre a intercessão da Virgem Santa, e da necessidade de *orar-lhe*.

No evangelho de S. Lucas, Jesus Cristo ensina que *devemos granjear amigos, com as riquezas da iniqüidade, para que quando viermos a precisar, nos recebam nos tabernáculos eternos* (Lc 16, 9).

Quais são estes amigos de que nos fala o Mestre?

São os santos, os amigos de Deus, que podem valer-nos na grande hora da necessidade que é sobretudo a hora da prestação de contas no tribunal de Deus: *ut quum defeceritis.*

E quais as riquezas da iniquidade? São as riquezas terrenas, assim chamadas, por serem muitas fruto ou origem das iniquidades.

Aqui os amigos protestantes dão logo o brado de revolta, acusando os católicos de conquistar os santos do céu a peso de ouro, e de ouro iníquo. É a nova ignorância, ou velha maldade.

O sentido deste texto é óbvio e claro; é como se o Salvador nos dissesse: *Servir-vos dos bens terrestres para conquistar bens divinos.*

Estes bens terrestres são a riqueza, as dignidades, a vida, a saúde, etc.: e os bens divinos são os amigos de Deus, que podem ser nossos intercessores junto de Deus. É o sentido claro desta passagem.

Não se trata aqui de *comprar* o céu a peso de ouro como malevolamente insinuam os protestantes, sempre à cata de objeções; mas de servir-se de ouro e outros bens, para adquirir bens espirituais, pelas boas obras. *Bene agere, divites fieri in bonis operibus. Fazer o bem e tornar-se rico pelas boas obras,* como diz o Apóstolo (1 Tim 6,18). Estas boas obras são um meio de agradar aos santos e de merecer o auxílio dos santos. E como poderão eles ajudar-nos, senão pedindo por nós a Deus? E que pedirão eles a Deus, por nós, se nós nada lhe pedimos?

Esta comparação do divino Mestre mostra, pois, claramente, como podemos e como devemos recorrer aos santos, invocá-los, rogar-lhes em nossas necessidades.

No mesmo capítulo, Jesus Cristo nos mostra um réprobo, no fundo do inferno, recorrendo a Abraão e a Lázaro e interessando-se pela sorte dos seus irmãos, ainda na terra, pedindo que sejam avisados, para que eles não venham também parar nesse lugar de suplícios (Lc 16, 19-21).

Ora, se um tal sentimento de compaixão se encontra num réprobo, como não se encontraria nos santos?

Nova objeção protestante a respeito deste texto: "Neste texto, dizem eles, não se encontra nem sombra de intercessão dos santos e anjos...muito pelo contrário, quem está no inferno não tem mais esperança." Nova prova de ignorância ou de má fé.

Como já disse acima, a graça não destrói a natureza, mas aperfeiçoa-a; como a glória não destrói a graça, mas completa-a.

Se pois encontramos num réprobo no inferno tais sentimentos de consideração para com os parentes da terra, e este espírito de intercessão, para evitar-lhes um mal, como é que não encontraríamos idênticas disposições num santo, que, além de possuir a glória divina, conserva ainda todos os nobres sentimentos da natureza e da graça? Contestar uma tal verdade, seria afirmar que os réprobos têm sentimentos mais nobres que os próprios santos e os anjos! É simplesmente ridículo e grotesco.

Vemos nesta parábola o abismo intransponível que existe entre o céu e o inferno, mas vemos também que a natureza, no que ela tem de bom, não é destruída pela morte, mas, ou pervertida pelo castigo eterno, ou aperfeiçoada pela glória.

Um réprobo, apesar de ser definitivamente fixado no mal, conserva ainda sentimendos de compaixão para com seus irmãos na terra... com quanto mais razões o santo do céu conserva, e isso ampliados e intensificados, os mesmos sentimentos para com os seus amigos da terra.

É, pois, uma prova insofismável da intercessão dos santos.

X. Exemplos dos anjos

Outro argumento, este de paridade, mas muito legítimo, é o que nos fornece a consideração dos anjos.

Eles ouvem as nossas preces e as oferecem a Deus, como vemos no livro de Tobias, (que também não figura na bíblia protestante truncada, porque contém demais verdades que refutam o protestantismo).

O arcanjo Rafael diz a Tobias: *Quando rezavas com lágrimas, e sepultavas os mortos eu oferecia tua oração a Deus* (Tob 7,12). Que prova irrefutável de que os anjos estão encarregados de oferecer nossas preces a Deus, servindo, deste modo, de intermediários para nossa salvação.

Um passo idêntico encontra-se no profeta Zacarias. Convém citá-lo, porque é impugnado pela ignorância protestante: *E o anjo do Senhor replicou e disse: Senhor dos exércitos, até quando deferirás tu o compadecer-te de Jerusalém e das cidades de Judá, contra os as quais te iraste? Este é já o ano septuagésimo. Então o Senhor, dirigindo-se ao anjo que falava em mim disse-lhe boas palavras de consolação* (Zac 1, 12-13).

Nova objeção protestante: "Em Zacarias, dizem eles, não há nada que se refira ao culto dos anjos e dos santos... É bom que o leitor confronte as citações, para ver como os padres tratam a escritura!" Seria ingenuidade de criança, se não fosse perversidade obcecada.

Se o texto citado não prova a intercessão dos santos e anjos, com que palavras então é preciso exprimir a tal intercessão, para torná-la compreensível? Vemos aqui um anjo recorrer a Deus, implorá-lo pedir misericórdia para Jerusalém. E Deus, ouvindo o anjo, diz-lhe palavras de consolação, e quais são estas palavras?

O profeta no-las transmite: *Portanto, isto diz o Senhor,* continua o vidente, *voltarei para Jerusalém com entranhas de misericórdia: e a minha casa será edificada, diz o Senhor dos exércitos... As minhas cidades ainda hão de ser cheias de bens, e o Senhor ainda consolará Sião, e ainda escolherá Jerusalém* (Zac 1, 16-17). Eis a súplica, e eis a resposta. O anjo intercede... e Deus atende a sua súplica.

E os protestantes têm a coragem de dizer que em Zacarias não há nada que prove a intercessão dos anjos.
Há aí a mais bela e a mais positiva das provas, que um espírito sincero possa desejar.

Entre muitas outras palavras de força comprobatória igual, citemos ainda o seguinte do Novo Testamento: É São João que conta a visão do Apocalipse. *Depois disto vi quatro anjos que estavam sobre os quatro ângulos da terra, detendo os quatro ventos da terra, para que não soprassem sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. E vi outro anjo que subia da parte do oriente, tendo o selo de Deus vivo; e clamou em alta voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de fazer mal à terra e ao mar, dizendo: Não façais mal à terra e ao mar, nem às árvores, até que assinalemos sobre a sua fronte os servos de Deus* (Apoc 7,1-3).

Que nos mostra esta passagem? Um anjo intercedendo pelos justos, para que estes não sejam atribulados junto com os maus. O anjo pede e é atendido, apesar de o Senhor já ter dado o poder de fazer o mal à terra, ou de castigar os seus habitantes.

Pobres protestantes, que se obstinam em confundir o que é tão claro, e em rejeitar o que está mil vezes repetido na bíblia. A bíblia é a vossa condenação, e é com ela que o Juiz supremo vos dirá um dia: *Julgo-te pela tua própria boca, servo mal* (Lc 19,22).

As Sagradas letras estão cheias de fatos exuberantes que compravam quanto é agradável a Deus a veneração dos *seus* enviados e dos seus santos.

Inúmeras graças ali se contam que foram concedidas a muitos infelizes, pelo patrocínio dos santos e dos anjos.

XI. Onde está a idolatria?

Moisés, Elias, Eliseu, São Pedro, São Paulo acalmam tempestades, limpam leprosos, ressuscitam mortos, operando como intercessores entre Deus e os homens; e prostrados diante de si, tiveram as turbas maravilhadas pelos prodígios que eles realizavam em nome do Senhor, a quem invocavam como amigos e servos beneméritos.

Eram idólatras as multidões que veneravam a tais santos? Cometeram, acaso, uma abominação perante Deus? Mas, então, como é que eles alcançavam as graças pedidas?

Ao contrário, vemos a cada passo, no Antigo e Novo Testamentos, os severíssimos castigos com que Deus pune os que menosprezam os seus santos.

Ora, se não é idolatria a veneração dos profetas, dos justos, dos santos vivos, por que haveria de ser dos santos mortos?

Tão pouco é verdade que o culto dos santos subtraia algo do que devemos a Deus. Singular idéia!

Nova objeção protestante...O pobre não cansa de pedir esmolas...nem o protestante em fazer objeções.

Um deles, com pretensões a sabichão, exclama: “Moisés, Elias, Eliseu, Pedro e Paulo foram intercessores na vigilância de sua vida terrena, mas não são no céu!”

Sempre a mesma ignorância. Então o poder que Deus concede a seus santos, só pode ser dado aqui na terra, e Deus não pode continuar a dar esse poder no céu?...

Mas então onde está a onipotência divina? Deus está limitado, neste caso, no exercício do seu poder.

Se Deus pode agir diretamente neste mundo, por si mesmo, por que não pode, indiretamente, por meio de seus santos e anjos? Que estranha lógica é esta?

Imagine-se que venha alguém à vossa casa e não preste atenção à vossa mãe veneranda, nem lhe preste as homenagens a que ela tem direito, que vos não afague os filhos, nem ligue a menor importância aos vossos demais amigos; e que, interrogado sobre tão absurdo procedimento, responda: “Assim o faço, desdenhando vossa mãe, vossos filhos, vossos amigos, para nada subtrair à consideração que vos é devida...” Não se diria com mas razão que o tal sujeito é o mais rematado doido?

E, todavia, outro não é o modo de se haverem os protestantes para com a Virgem e com os Santos! Pobres protestantes, que procurais agradar a Deus, insultando a Mãe Santíssima e os seus amigos!... É o cúmulo da loucura e da falta de bom senso.

Muito ao invés do que hereticamente ensinais, a veneração dos santos nada tira ao supremo culto da Divindade; e antes redunda em maior glória de Deus o culto inferior e subordinado com que honramos aos que, neste mundo, tão bem o souberam imitar e servir.

Não podia faltar nova objeção protestante. O mal é inesgotável, como sendo a *negação do bem*. O mesmo sábio protestante objeta depois: "Quem entra na minha casa deve respeitar a minha família. É uma figura que ilustra as relações humanas. Perante Deus falha a figura. Deus é Deus!" Pobre cegueira voluntária!

As relações que existem entre os homens são a imagem das relações que existem entre Deus e as criaturas, com a diferença de que elas são elevadas a uma ordem superior, e a mais alto grau de perfeição. É sempre a conseqüência do mesmo princípio. A glória coroa a graça, como a graça aperfeiçoa a natureza.

Por que é que Deus se compara a um *rei*, *Rex sum ego* (Jo 18,37) senão para fazer-nos compreender o seu poder e o supremo domínio?

Por que se compara ele a um pai: *Si ergo Pater ego sum* (Mal 1,6), senão para mostrar-nos a sua autoridade paternal, cheia de vigilância e de bondade, e lembrar-nos que lhe devemos a honra que um filho deve a seu pai? *Se eu sou o vosso pai, onde está a honra que me deveis?...Se eu sou vosso Senhor, onde está o temor que me deveis?...*(Mal 1,6).

Por que Deus se compara enfim a uma mãe, a um amigo, a um benfeitor, a um bom pastor, ao bom samaritano, etc.? *Como uma mãe acaricia os seus, assim vos consolarei* (Is 66,13). *Vós sois meus amigos* (Jô 15,14). *Passou fazendo o bem* (At 10,11). *Eu sou o bom pastor* (Jo 10,11).

Por que emprega ele estes diversos nomes, senão para manifestar-nos os sentimentos íntimos de seu coração e as relações que devem existir entre nós e ele?

"Deus é Deus – diz o protestante, - e a figura falha". Não falha nada...ao contrário: a figura completa-se, eleva-se, e conserva a sua aplicação.

Se Deus é rei, pai, amigo, benfeitor, bom pastor, ele quer que tais relações sejam correspondidas por sentimentos correspondentes da nossa parte. Ele humaniza, por assim dizer, as relações que devem existir entre ele e nós, e indica, pelas relações, os sentimentos que devemos manifestar-lhe. Nova e esplêndida prova da *necessidade* da intercessão, pois todos estes termos exprimem a idéia de uma *intercessão*, de uma proteção, de uma desvelo.

Não objetem os cegos protestantes que só há um mediador, - Cristo Jesus. Isto é velho demais; a idéia de um só mediador, *principal*, não exclui a idéia de mediadores *secundários*, assim como a idéia do presidente da república não exclui nem presidentes do Estado, nem presidentes do município. Não somente não se excluem, mas se reclamam, como hierarquia bem constituída.

Terminemos aqui. Só um cego pode não ver, e um louco pode não compreender.

A invocação de Maria SS., como sendo a criatura mais santa, que viu nascer o sol, e pelos privilégios de que foi dotada pelo Altíssimo, merece todas as nossas homenagens, pode e deve ser louvada, exaltada, orada.

XII. Resumo destas provas

Em resumo: a Bíblia prova clara e expressivamente que os justos e santos da terra gozam de um verdadeiro poder de intercessão junto de Deus, ocupam-se dos homens, oferecem a Deus as preces dos homens, protegem os homens, etc.

Ora, como supor uma tal intercessão e proteção, se nos fosse vedado dirigir-nos a eles, invocá-los, orar-lhes? Seria ridículo supô-lo!

Os justos e santos, como *medianeiros secundários*, podem pois ser invocados, orados...E com mais razão pode e deve ser invocada a SS. Virgem Maria, por ser a mais justa, a mais santa, a mais exaltada por Deus, a mais elevada de todos os santos.

É o que desejava provar, e creio ter provado bastante claramente, de um modo irrefutável, para quem acredita na Bíblia e no bom senso.

É, pois, bem claro e provado pela sagrada escritura que *podemos e devemos* invocar aos santos e entre eles, de modo especial, *à santa dos santos*, *à rainha dos santos*.

No evangelho de São Mateus (22, 30), Jesus Cristo ensina que os *santos são como os anjos de Deus no céu.* Ora, os anjos, diz o mesmo evangelho, intercedem pelos homens. É Zacarias quem o afirma, dizendo que o anjo intercedeu por Jerusalém (Zac 1, 12-13) perto do Senhor dos exércitos.

O próprio Jesus Cristo diz *que haverá mais júbilo entre os anjos de Deus, por um pecador que faz penitência, do que sobre noventa e nove justos que não necessitam de penitência.* (Lc 15,7). Os santos sendo como anjos do céu (é Cristo que o diz) e os anjos alegrando-se pela conversão do pecador, é claro que tal alegria *é maior ainda da parte de um santo*, pois é irmão que luta na terra, como eles lutaram. Alegrando-se, mostram que conhecem os homens e os acompanham com interesse nas lutas da vida.

E se nos acompanham, como não seria bom, lógico e até *necessário invocá-los*?

Os pais seguem com o olhar os seus filhinhos, vigiando sobre eles, para socorrê-los em caso de perigo. Os santos vigiam sobre nós... e na ocasião das tribulações e sofrimentos, não teríamos o direito de implorá-los?...É simplesmente absurdo... É negar aos justos do céu o que qualquer um faria na terra!

E se os anjos e santos se interessam pela sorte dos homens, por serem amigos dos homens, como recusar este carinho e esta vigilância a *Maria Santíssima*, que é a Mãe dos homens?

Já se viu uma mãe desprezar o filho necessitado?

Já se viu uma mãe fechar o coração diante dos gritos angustiados do filho que sofre?

Pobres protestantes, como é duro, como é cruel, como é bárbaro, este vosso protestantismo, e como ele contraria todas as leis da natureza e do coração...

Longe de nós uma seita tão bárbara e desumana!

O amor quer a *intimidade*, a proteção, o auxílio.

Deus nos ama, como um pai ama seus filhos, eis por que recorremos a ele.

Maria SS. nos ama, como uma mãe ama seus filhos, eis por que podemos e devemos recorrer a ela, honrá-la e invocá-la!

Jesus ama a SS.Virgem; eis por que ele atende todos os seus rogos e nada lhe recusa. O amor não sabe recusar!

Não é, portanto, para admirar que Jesus Cristo tenha feito o seu primeiro milagre a pedido da SS. Virgem, nas bodas de Caná, o que seria para admirar é se ele tivesse dado à sua santa Mãe uma resposta ofensiva, como interpreta o ódio protestante, quando, ao contrário, esta resposta é cheia de amor e de ternura. *Quid mihi et tibi est, mulier?* (Mah-li valak) (Jo 2, 4).

Isto é : « *Deixai-me fazer, o teu pedido está atendido, ó mulher bendita.* É como se dissesse: por que me pedes um milagre? A senhora tem o poder de fazer milagres, faze-o, *porque ainda não chegou a minha hora* (Jo 2, 4)

A prova de que tal é bem a sentido destas palavras é que Jesus opera imediatamente o milagre, não o querendo fazer a SS.Virgem por humildade, em presença do seu divino Filho.

XII. Palavras do Evangelho

Rematemos estas considerações pelo exemplo do anjo Gabriel e de S.Isabel.

Se fosse *proibido* honrar e exaltar a SS.Virgem, o primeiro violador desta proibição seria o próprio Deus que mandou saudar à Virgem santa, pelo arcanjo S.Gabriel.

O arcanjo, por sua vez, é culpado: santa Isabel, *inspirada pelo Espírito Santo* (Lc 1, 41), é culpada, como culpados são os dezenove séculos cristãos que nos precederam.

O céu e a terra são culpados... Só os protestantes não o são, provando deste modo que não são nem do céu nem da terra...Ora, fora do céu e da terra só existe o inferno! Serão eles de lá?...Que castigo para o orgulho protestante!

Escute este raciocínio, pobre amigo; é com ele que quero terminar esta primeira resposta. É, ou não é permitido *repetir* as palavras da sagrada escritura? Se não o é, não podemos orar a Deus, recitando o “Padre Nosso”.

Se o é, então vamos citar apenas umas palavras do Evangelho de S.Lucas (1, 26-29): *E estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma Virgem, desposada com um varão, que se chamava José, e o nome da Virgem era Maria. E entrando o anjo onde ela estava, lhe disse: Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres.* Eis um texto da Sagrada Escritura, que peço examinar de perto e com bom senso.

*Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois entre as mulheres (*Lc 1, 28). Eis a prece dos católicos: é a primeira parte da “Ave-Maria” recitada por eles, junto ao Padre Nosso, e tão odiada pelos protestantes.

Orar não quer dizer simplesmente pedir, invocar; significa também louvar, exaltar, defender ou advogar uma causa – *orare causam*, diz Cícero.

Orar não vem de *adorar* como dizem os protestantes, mas de *orare*, isto é: falar, expor –*ars orandi*, diz Quintiliano.

Pois bem, nós católicos oramos à Virgem Maria, com as próprias palavras do evangelho, repetindo a saudação que lhe dirigiu, em nome do Altíssimo, o arcanjo Gabriel. Será isso um mal? Neste caso o próprio S.Gabriel é o primeiro culpado, pois foi ele que, primeiro, orou à Virgem Maria...

Prova que S.Gabriel não era protestante, mas bom católico!

Mais tarde, conta ainda o evangelho, S.Isabel, inspirada pelo Espírito, orou também a Virgem Maria, dirigindo-lhe estas belas saudações: *Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre. E donde me vem esta dita que venha visitar-me a Mãe do meu Senhor?... E bem aventurada sois vós que crestes, porque se hão de cumprir aquelas coisas que vos foram ditas da parte do Senhor!* (Lc 1,42)

Eis, pois, S.Isabel a louvar e a exaltar a Virgem Maria, chamando-a Mãe do seu Senhor ou Mãe de Deus, absolutamente como nós fazemos. S.Isabel não era protestante, como se vê, nem o Espírito Santo, que a inspirou. Se ela enganou-se, foi o próprio Espírito Santo que se enganou. Felizes dos protestantes, que estão acima de Deus e podem censurá-lo.

Logo depois, a própria Virgem Maria, também inspirada pelo Espírito Santo, canta o seu sublime *Magnificat* (Lc 1, 49), lançando aos séculos vindouros esta estupenda profecia: Desde agora todas as gerações me chamarão bem aventurada! Ora, chamar bem aventurada, quer dizer aclamar, exaltar, glorificar, orar: é tudo a mesma coisa! É o Espírito Santo que faz dizer isto a Virgem Maria...é pois uma ordem. Ordem de que? De exaltar, de orar à Virgem Maria!

Pobre, dez vezes pobre do protestante, que anda com a Bíblia debaixo do braço e não sabe o que está dentro.

Eis, pois, pela Sagrada Escritura, a ordem de orar à Virgem Maria; e os primeiros a orar-lhe foram S.Gabriel, S.Isabel, o próprio Espírito Santo... prova, repito-o, de que são bem católicos, e não protestantes, e que nós católicos obedecendo à ordem do Espírito Santo de *chamar bem aventurada à Virgem Maria*, estamos em companhia do próprio Deus, enquanto os pobres protestantes estão francamente com a serpente maldita que procurou em vão morder-lhe o calcanhar e cuja raça está em eterna inimizade com a raça da mulher bendita que é a Virgem Maria.

XIII. Antiguidade do culto de Maria Santíssima

O querer reformar o que todos os séculos passados têm praticado, como sendo lícito, proveitoso e até necessário, é uma pretensão que só pode caber a um orgulho sem limites, ou a uma loucura sem remédio.

Há duas maneiras de mostrar que a Santíssima Virgem foi sempre honrada e invocada.

A primeira é citar textos dos santos e dos doutores, desde a época dos apóstolos, até aos nossos dias. Isso é fácil, e tais textos encontram-se em todos os livros escritos sobre a Santíssima Virgem.[1]

Limitemo-nos a umas duas passagens dos doutores dos primeiros séculos. Em 340, S. Atanásio, resumindo os dizeres de seus predecessores nos primeiros séculos, S.Justino, S.Irineu, Tertuliano e Orígenes, exclama: "Todas as hierarquias do céu vos exaltam, ó Maria, e nós, que somos vossos filhos na terra, ousamos invocar-vos e dizer-vos: Ó vós, que sois cheia de graça, ó Maria, rogai por nós!"

Eis uma outra passagem de S.Cirilo de Alexandria, a alma e luz do Concílio de Éfeso, em 431: "Ave, Maria, dizia ele diante da imensa assembléia, ave, Maria, Mãe de Deus, tesouro venerável do universo, luz sempre ardente, coroa da

virgindade, cetro de verdadeira doutrina, templo indestrutível no qual encerrou-se aquele que nenhum espaço pode conter! Vós, por quem a SS. Trindade é exaltada no mundo inteiro! Vós, por quem o céu triunfa, por quem os anjos se alegram, por quem os demônios são afugentados, por quem as criaturas decaídas readquirem a herança celeste, por quem a verdade se estabelece sobre as ruínas da idolatria!...Quem poderá dignamente louvar aquela que está acima de todos os louvores!"

Percorrendo estas linhas, parece ouvirem-se os acentos inflamados de um S.Bernardo, de um S.Afonso ou de um S.Luis Maria Grignon de Montfort.

E a voz destes doutores é a voz da tradição cristã dos primeiros séculos, como é a voz da Igreja de hoje.

O culto que nós professamos hoje é aquele que já professavam os primeiros cristãos antes do Concílio de Éfeso.

Há outro meio, mais simples e mais conciso: é o de recorrer aos monumentos dos primeiros séculos, que revelam, em todo o seu esplendor, o culto da Virgem Santa, pelas imagens que nos legaram.

As catacumbas são documentos históricos do cristianismo dos primeiros séculos. Ora, nestas catacumbas encontram-se em toda parte imagens e estátuas da Virgem Maria; prova de que tal culto existia no tempo dos apóstolos e foi por eles praticado, ensinado e transmitido a posteridade.

Citemos apenas o seguinte fato, que vale por todos os raciocínios. Os protestantes pretendem que o culto de Maria não existia no principio do cristianismo. "É um erro e uma invenção moderna", dizem eles. Ora, as catacumbas de Roma foram visitadas há poucos anos por um ilustre lente de Oxford. Chegando a uma sala subterrânea, o ilustríssimo arqueólogo Rossi, que fazia as vezes de cicerone, disse ao tal lente:

-Podereis aproximadamente dar-me a data desta pintura?

-Acabo de estudar as pinturas de Pompéia, disse o inglês, parece-me que esta é da mesma época.

-Apoiado. As pinturas de Pompéia são irmãs desta; por conseguinte, estamos em frente de um trabalho do primeiro século. Agora reparai bem, Senhor.

Dizendo isto, o sábio Rossi colocou sua tocha acesa perto do mosaico, mostrou ao lente de Oxford uma belíssima imagem da Virgem Maria, com o Menino Jesus nos braços. " De quem é esta imagem?" perguntou o Sr. Rossi.

- É um retrato de Maria, responde o lente.

- Pois bem, faz apenas três meses que esta galeria estava cheia de areia, porque o uso dos primeiros cristãos era tapar as galerias à medida que se enchiam de túmulos. Eis então um monumento da Igreja primitiva, atestando a antiguidade do culto da Santíssima Virgem.

O lente ficou calado por muito tempo; depois, erguendo a cabeça, disse esta palavra, que resumia todas as peripécias de uma luta interior, sustentada no segredo da alma: *Antiqua superstitionum semina*. Velhas sementes de superstições.

- Não apoiado, dizei, antes, com S.Cipriano, - redargüiu o ilustre arqueólogo, - dizei antes:*Tenebrae sole licidiores*. Ó trevas das catacumbas, mas deslumbrantes do que o sol!

XIV. A voz de Lutero

Terminemos a resposta à primeira objeção, pela voz insuspeita de Lutero: A Santíssima Virgem foi honrada e invocada deste o princípio do cristianismo, como provam as numerosas imagens encontradas nas catacumbas e nos monumentos dos primeiros séculos.

Os primeiros escritores e santos falam dela com veneração e amor, excitando o povo cristão a orar-lhe, a invocá-la, como sendo a Mãe de Jesus Cristo e a Mãe dos homens.

O próprio Lutero, antes da sua queda vergonhosa e sua lúbrica, honrava, amava, orava à pura Mãe de Jesus, e escreveu sobre o seu culto páginas admiráveis, que até hoje figuram como monumento de glória em honra da Mãe de Deus. "A Virgem Maria, escreve o herege, dizendo que todas as gerações haverão de chamá-la bem aventurada, quer dizer que o seu culto passaria de geração em geração, de tal modo que não houvesse época nenhuma em que não ressoassem os louvores. É o que ela exprime dizendo que doravante todas as gerações hão de aclamá-la, isso é: Desde esta hora começa esta corrente de louvores que deve estender-se a todas as gerações e à posteridade".

Eis como o próprio Lutero confessa que o culto da Virgem Santa começou na hora mesma em que ela cantou o seu Magnificat... Até lá era Virgem desconhecida, porém de lá em diante ela há de ser a Virgem exaltada, louvada, orada, no universo inteiro.

Não é, pois, uma invenção de Roma, a de orar e louvar a SS.Virgem; é uma invenção divina, colocada, por Deus mesmo, no berço do cristianismo, gravado em letras de fogo nos alicerces e na abóboda da Igreja verdadeira, e isto antes mesmo que Cristo aparecesse visivelmente neste mundo.

Ele está ainda escondido no seio da Virgem Imaculada e antes mesmo que Ele exija a adoração de sua pessoa divina, ele já exige a veneração daquela que lhe serve de santuário e de Mãe!

É ele que inspirava Maria SS., é ele que falava pelos seus lábios; é que ordena, como se dissesse que não receberia a homenagem das criaturas, senão depois de elas terem honrado aquela que Ele escolheu como Mãe...

É a primeira aplicação do adágio, hoje clássico: *Tudo por Jesus, nada sem Maria.*

Refleti sobre isso, pobres protestantes, e se não quiserdes escutar a voz do sacerdote católico, nem da Igreja, nem do Evangelho, escutai, pelo menos, a voz do vosso próprio fundador, Lutero.

Conclusão

Terminemos aqui a resposta da primeira objeção protestante. Pediram um texto: Tenho citado mais de 50 textos probantes, e creio ter fechado todas as saídas do erro, de modo que um protestante sincero e leal deve concluir necessariamente:

Sim, devemos orar à Virgem Maria, isto é certo, é irrefutável, é provado.

1) Pelo bom senso. – Porque as honras prestadas aos pais redundam sobre o filho, consoante a Bíblia. *Gloria filiorum patres eorum* (Prov 18, 6). Os pais são a glória de seus filhos. A glória de Jesus é a glória de sua Mãe, a Virgem Maria; honrar um é honrar outro; recorrer a um é recorrer a outro, de modo que orar a Maria é orar ao próprio Filho. O bom senso nos indica esta verdade.

2) A prova bíblica, que nos mostra claramente que podemos, que devemos orar aos Santos, e recomenda recorrer a eles. *Ide a meu servo Job, diz Deus, e meu servo Job orará por vós, e admitirei propício a sua face* (Job 42,8).

3) Depois temos: A prova do Evangelho, que nos mostra em muitas passagens a necessidade de recorrer aos santos, e de granjear-lhes a amizade. *Granjeai-vos amigos, para que quando venhais a precisar, vos recebam nos tabernáculos eternos.* (Lc 21,9).

4) Vem ainda: O exemplo do Evangelho; na pessoa do arcanjo Gabriel, de S.Isabel, assim como do próprio Salvador, o qual, ao pedido da sua Mãe, operou o seu primeiro milagre nas bodas de Caná (Job 2, 1).

5) Temos ainda a prova da Antiguidade do culto de Maria SS. que nos vem por caminho ininterrupto do tempo e do exemplo dos próprios apóstolos, como o provam as numerosas imagens das catacumbas e da antiguidade.

6) Por fim temos: O testemunho do próprio Lutero, o grande inimigo do catolicismo e da Virgem Maria.

Depois destas provas, que pode responder um homem de bom senso, ou um protestante sincero?...Nada! nada! absolutamente nada! Se ele é sincero, deve necessariamente inclinar-se, bater no peito e dizer: estou errado...fui iludido...e confesso que o culto dos santos, e sobretudo o culto da rainha dos santos...da mais santa de todos os santos, é um culto, não somente lícito e razoável, mas imposto por Deus, fundado por Deus, e praticado por todos os séculos.

Não tirando uma tal conclusão, deve então, em face do sol refulgente da verdade, tapar ambos os olhos, e dizer: Vejo, porém não quero ver! Vejo, porém não quero confessar que vejo. Neste caso é um cego volunário, e contra tal mal não há remédios nem lógica possível. A conclusão impõe-se, pois, com todo rigor: Podemos e devemos orar à Virgem Maria!...É o que queria provar.

CAPÍTULO VIII

A IMACULADA CONCEIÇÃO

Pede-se um texto da bíblia que prove que Maria foi concebida sem pecado.

É a segunda objeção formidável, que prova a supina ignorância de quem a formula. Falam de conceição imaculada de Maria, sem saber de que se trata, em que consiste e qual a significação das palavras.

Eis por que vou citar, não somente um texto da bíblia, mas sim diversos, e explicar o mais claro possível o que é a imaculada conceição, para que o meu amigo protestante entenda que ele pretende combater o que ignora. Escute bem, meu amigo.

I. O que é o pecado original

O pecado original é o pecado cometido por Adão e Eva, desobedecendo a Deus. Este pecado, em Adão era atual, e o afastou de Deus, como fim sobrenatural. Em nós, é um pecado de raça.

O gênero humano forma um corpo único, como ensina S.Paulo: assim como o corpo é um, e tem muitos membros... assim é também Cristo, porque num espírito fomos batizados todos nós, para sermos um só corpo (1 Cor 12, 12).

Cristo é a cabeça sobrenatural deste corpo...sendo Adão a sua cabeça natural e moral. A cabeça moral pecando, todos os membros participam deste pecado.

Quando Deus criou nossos primeiros pais, estabeleceu-os no estado de inocência, de justiça original e de santidade, outorgando-lhes dons de três qualidades: naturais, sobrenaturais e preternaturais.

Os dons naturais são as propriedades do corpo e da alma, exigidos por sua natureza dos homens, para alcançar o seu fim natural. Os dons sobrenaturais são: a graça santificante que faz deles filhos de Deus e predestinados à visão beatífica. Os dons preternaturais consistem na imunidade do sofrimento, da morte, da ignorância e da concupiscência.

Adão e Eva, desobedecendo a Deus, cometeram um pecado mortal (Gn 2,17) e perderam a graça divina, com todos os dons que excediam as exigências da natureza humana. Perderam todos os dons sobrenaturais e preternaturais, conservando apenas os dons naturais, porém muito enfraquecidos. Os dons naturais não lhes foram retirados em sua constituição intrínseca, mas em seu exercício; as paixões desnorteando o juízo e enfraquecendo a vontade.

Este pecado, sendo um pecado de raça, transmite-se a todos os que pertencem à raça humana.

O pecado entrou no mundo por um homem só, diz o Apóstolo (Rom 5,22). E ainda: Se um só morreu para todos é porque todos estavam mortos (2 Cor 5,14).

Todos estavam mortos em Adão. Todos! Logo também Maria SS.

Entende-se por morta em Adão o fato de Maria, em virtude da sua conceição, estar sujeita ao pecado original por direito, porém não estava sujeita a este pecado de fato, porque uma graça singular do Redentor preservou-a, afastando dela a privação que constitui o pecado original.

Maria, em virtude da sua descendência natural de Adão, estaria sujeita ao pecado, se não fosse, como pessoa, preservada dele. Como criatura, Maria devia herdar o pecado original; como Mãe de Deus, devia ela ser preservada.

II. A objeção protestante

A curta definição supra, simples definição do pecado original, é imediatamente impugnada pelos protestantes, que não querem compreender a verdade.

O mesmo pastor, já citado diversas vezes, que tem a reputação de ser um farol da seita, para não dizer um lampião, começa logo com suas invenções.

Maria Imaculada – quer dizer que a bendita Virgem foi concebida sem pecado, tal qual o seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ignorância, sempre a mesma ignorância. Quem é, entre os teólogos católicos, que assevera tal absurdo?

O amigo protestante inventa um absurdo e pretende refutá-lo, quando tal absurdo nunca figurou na doutrina católica, e é por ela formalmente combatido.

Para combater a doutrina católica, caro protestante é necessário conhecer esta doutrina, e não inventá-la de sua cabeça.

Não; absolutamente não, a Igreja nunca ensinou que Maria foi concebida sem pecado, tal qual Nosso Senhor Jesus Cristo... Tal asserção ridícula não passa de uma grotesca calúnia.

A imaculada conceição não consiste em qualquer derrogação das leis da natureza, que presidem à procriação do homem.

Nascer de uma Virgem milagrosamente feita mãe pela exclusiva operação do Espírito Santo, é um privilégio que Jesus Cristo reservou para si mesmo. Não quis partilhá-lo com ninguém, nem sequer com aquela que devia dar-lhe a vida.

Maria SS. entrou neste mundo pelas vias comuns da natureza, ela foi o fruto bendito de Sant'Ana e de S.Joaquim.

Com S.Boaventura e o Papa Bento XIV, pode-se distinguir no homem uma dupla conceição: uma ativa, que é a procriação do corpo, e uma passiva, que é a união da alma ao corpo gerado.

A conceição ativa de Maria SS. em nada difere da conceição das outras crianças.

A conceição passiva, ao contrário, é completamente diferente.

A nossa alma, no momento de unir-se ao corpo que ela deve vivificar, é contaminada pelo pecado original; enquanto a alma de Maria SS. foi milagrosamente preservada desta mancha.

O pecado original é essencialmente uma privação. É a privação da graça primordialmente concedida à natureza humana, na pessoa de Adão.

Na ordem intelectual e moral, pode-se dizer que a diferença entre o primeiro homem (Adão) e o homem decaído, o primeiro criado na natureza pura, e o segundo na natureza manchada, é o mesmo que aquela que existe na ordem física entre um homem civilizado, despojado dos vestidos que devia trajar, e um selvagem, que nunca usou roupagem.

Nos desígnios de Deus, a graça sobrenatural devia encontrar-se em todos os homens que nascem, mas depois do pecado original a alma, chegando à existência é pobre, nua, miserável, privada dos dons magníficos da graça.

Essa nudez é para a alma uma mancha, como a ausência das vestes é, para um homem civilizado, uma verdadeira mancha.

Tiremos agora a conclusão desta doutrina. O pecado original sendo essencialmente a privação da graça santificante, que a alma devia ter, deve-se concluir que a imaculada conceição consiste em que Maria SS. nunca conheceu, nem um único instante, esta privação, mas que desde o momento que foi criada a sua alma e unida ao corpo,

preparado naturalmente para recebê-la, ela achou-se revestida da justiça e da santidade, por uma graça especial de Deus e uma aplicação antecipada dos méritos do Salvador.

Este privilégio é sumamente glorioso para Maria SS., é este até único em seu gênero, porém não pode, de nenhum modo ser assemelhado à conceição humana do Salvador.

De fato, o corpo do Salvador foi formado no seio de uma Virgem, por uma operação pura e divina do Espírito Santo, enquanto o corpo de Maria SS. teve a origem comum dos outros corpos humanos.

A santidade original é, em Jesus, uma condição de sua natureza, um atributo essencial da sua pessoa.

Em Maria a santidade original é um privilégio, uma graça gratuita, concedida em previsão dos méritos do Salvador.

O Redentor estava infinitamente acima da corrupção comum. Maria SS. estava sujeita a esta corrupção, mas foi dela preservada.

Assim entendido – no sentido da doutrina católica a prerrogativa da Mãe não prejudica a excelência do Filho.

Jesus é inocente por natureza; Maria o é por graça.

Jesus o é por excelência; Maria SS. o é por privilégio.

Jesus o é como Redentor; Maria SS. o é como a primeira resgatada pelo sangue divino, mas num resgate antecipado.

Eis a bela, a gloriosa, e luminosa doutrina da imaculada conceição, que os protestantes ignoram por completo, e que pretendem combater, sem conhecê-la.

III. A Lei geral

A lei geral é o que o pecado de Adão e Eva passa a todos os seus descendentes, por isso todos os homens nascem com a mancha do pecado original. Esta verdade é claramente ensinada pela Sagrada Escritura, e especialmente por S.Paulo (Rom 5).

O Concílio Tridentino a proclamou dogma católico e a tradição da Igreja, neste particular, é constante e universal.

O Criador, para lembrar aos nossos primeiros pais a sua dependência da criatura, proibiu-lhes que comessem da fruta da árvore do bem e do mal (Gen 2,17).

Adão e Eva desobedeceram a Deus, e esta desobediência constitui o pecado original. Tudo isso figura na Bíblia (Gn 3,6).

O tal pecado, sendo cometido pelo primeiro homem, passa a toda a sua posteridade. Adão viveu, diz a Bíblia, e gerou à sua semelhança e conforme sua imagem (Gn 5,3). Adão, pecador, gerou outro pecador. É lógico. Por um só

homem entrou o pecado no mundo, diz S.Paulo (Rom 5,12). Todos nós, como filhos de Adão e Eva, nascemos com a alma manchada pelo pecado original.

O testemunho de S.Paulo é explícito: *Assim como o pecado entrou no mundo por um só homem e pelo pecado a morte, assim também passou a morte a todos os homens, porque todos pecaram num só* (Rom 5,12).

Segundo S.Paulo, houve, pois, pecado num homem só, e este pecado, com as conseqüências, tornou-se universal, ao santo rei David. *Fui gerado na iniqüidade, e minha mãe concebeu-me no pecado* (Sl 50,7).

Eis a lei geral: Todos os homens, como filhos de um pai decaído, como era Adão, nascem decaídos, do mesmo modo como de um rei decaído nascem filhos decaídos.

IV. As exceções a esta lei

O grande argumento dos protestantes é que todos os homens pecaram. E eles concluem: Maria, a Mãe de Jesus, era de raça humana – logo ela pecou. O raciocínio é exato, porém o caso é de repetir a palavra de Judite: Quem sois vós para tentar a Deus (Jdt 6,2), para pôr limites a seu poder? Tal é a lei geral, porém supremo legislador pode derrogar as leis por ele estabelecidas.

A Bíblia está repleta destas derrogações. O movimento do sol e da lua está matematicamente fixado pela lei da natureza; enquanto Josué não hesitou em fazê-lo parar: *Sol, detém-se em Gibaon, e tu, lua, no vale de Ajalon. E o sol se deteve e a lua parou* (Jos 10, 12-13).

É uma lei que as águas seguem a correnteza do seu curso, entretanto Moisés estendeu a sua mão sobre o mar...e o mar tornou-se enxuto, e as águas foram partidas...como muro à sua direita e à sua esquerda (Ex 14, 21-22).

É uma lei que um morto fica morto até à ressurreição geral, entretanto o próprio Cristo-Deus, *diante do cadáver de Lázaro já em putrefação, exclamou: Lázaro, sai... E imediatamente aquele que estava morto saiu vivo.* (Jo 11, 43-44). Que prova isso, meu caro protestante? Isso prova que: Nada é impossível a Deus (Lc 18,27).

Todos os homens pecaram em Adão e Eva, e nascem com o pecado original. *É a lei geral*. Deus pode derrogar esta lei, como pode derrogar muitas outras, quando o julgar necessário ou conveniente.

Ora, era absolutamente *necessário* que ele derrogasse esta lei em favor do seu próprio Filho. O Deus de toda pureza não podia entrar em contato com o pecado. Estes dois termos excluem-se mutuamente. Se Jesus se contaminasse pelo pecado, não seria mais a pureza infinita...e não o sendo mais deixaria de ser Deus, porque em Deus tudo é infinito.

Escute bem, caro protestante...

Ora, Cristo, infinitamente puro, não o seria mais, se ele tomasse um corpo formado por uma carne e um sangue maculados pelo pecado. O filho recebe o seu corpo do corpo e do sangue da sua mãe. – O filho é uma continuação dos seus pais.

O corpo de Jesus Cristo é um corpo formado pela carne e pelo sangue da Santíssima Virgem. Ele é o filho de Maria: *Aquele que há de nascer de ti, será chamado o filho de Deus*, diz S.Lucas (1,35).

Sendo o corpo de Jesus formado do sangue de Maria, e devendo este corpo ser uma pureza infinita – pois é o corpo de Deus – é absolutamente exigido que a carne e o sangue de Maria sejam de uma pureza absoluta, isto é, sem pecado original.

Havia duas maneiras de alcançar esta pureza: a purificação ou a isenção do pecado original.

Qual destes dois modos há de ser mais conveniente?

A discussão é inútil. Se Maria SS. tivesse sido apenas *purificada* do pecado, ela teria sido escrava, pelo menos durante uns instantes, do demônio, e mais tarde o demônio teria podido lançar no rosto do Salvador este insulto: "Tua mãe! Ela foi minha antes de ser tua! Eu a possuí maculada!" Uma tal suposição é horrível!

Vai, Satanás, longe daqui. Nunca...nunca...nem durante um instante...tu dominarás a*mulher bendita entre todas as mulheres! O Senhor estará com ela desde o princípio,* e onde está o Senhor, lá não pode estar Satanás. *Ela será cheia de graça*... E se ela fosse dominada pelo mal, se ela o fosse apenas um instante, não estaria mais *cheia* de graça; faltaria a graça *inicial*.

Eis por que a Mãe de Jesus não podia ser simplesmente *purificada* do pecado... devia ser *preservada.*

V. A Imaculada Conceição

Eis-nos, com uma lógica irrefutável, em frente do mistério da imaculada conceição...que não é outra coisa senão a *preservação* do pecado original, em previsão dos merecimentos futuros do Salvador.

Diga, amigo protestante, não é lógico isso?...não é convincente?...não é necessário?...Pois bem, a tal *preservação* é o que nós chamamos: imaculada conceição.

Está vendo que tal privilégio, outorgado à pura Mãe de Jesus, não é, como aos protestantes se afigura: um bicho de sete cabeças, um espantalho misterioso!...

É a coisa mais lógica do mundo, que eles negam por não saber o que é, e que seus pastores combatem, unicamente para dar-se um jeitinho de bíblico, para passar por homens inteligentes, entendidos, zelosos discípulos da Bíblia, que não compreendem.

A imaculada conceição abrange dois pontos importantes que convém salientar, porque destroem, de antemão, as objeções protestantes.

1) O primeiro é ter sido a SS.Virgem *preservada* da mancha original, desde o príncipio da sua conceição.
2) O segundo é que tal privilégio não lhe era devido por direito, mas foi-lhe concedido em previsão dos merecimentos de Jesus Cristo.

Como tal, Maria SS. foi resgatada por Jesus Cristo, como qualquer um de nós; mas convém notar que há duas maneiras de *resgatar*, ou salvar uma pessoa: antes da queda ou pelo levantamento. O primeiro resgate é de Maria SS.; o segundo é o nosso.

Cristo morreu para todos, diz o Apóstolo (2 Cor 5,15) e ainda: *Um só morreu para todos* (2 Cor 5,14). Morreu de fato para todos, e em previsão de sua morte preservou a sua Mãe da mancha do pecado, sendo ela, deste modo, a primeira resgatada, e a mais bela conquista do seu sangue.

VI. As provas da Bíblia

O que acabamos de dizer é lógico, meu caro protestante, e se impõe a uma inteligência não viciada pelo preconceito. Eu sei que isso não é ainda o bastante para vós, por isso apoiemos tal doutrina sobre a Bíblia. Abrindo o Gênesis, encontramos no capítulo 3,15, as seguintes palavras que Deus dirigiu ao demônio, depois da queda dos nossos primeiros pais: *Inimicitias ponam inter te et mulierem, et sêmen tuum et sêmen illius: ipsa conteret caput tuum* (Gn 3,15).

A tradução popular deste texto é: *Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a posteridade dela: ela te pisará a cabeça.*

A tradução literal seria: *Porém inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a semente dela: ela te esmagará a cabeça.*

A primeira tradução está mais ao alcance de todos: a segunda se aproxima mais do texto oficial da Vulgata.

Este texto refere-se à SS.Virgem, pois é impossível restringir a sua significação à pessoa de Eva... Assim limitado, este texto perderia toda significação. Esta mulher é a Virgem Santíssima, filha de Adão e Eva pela natureza, filha e esposa de Deus, pela graça. Sua posteridade, sua semente é o seu filho unigênito Jesus Cristo, em Jesus, são os Cristãos. A serpente é o demônio; e os filhos do demônio são os infiéis e ímpios, diz Cornélio a Lápide.

A SS. Virgem, por si, por Jesus e pela Igreja, esmaga a cabeça da serpente. Esmaga-a pela sua imaculada conceição, pela perfeição de sua santidade, pelo seu triunfo sobre o pecado e sobre a morte. Esmaga-a por Jesus, que é o vencedor de Satanás, do pecado do mundo. Esmaga-a pela Igreja, isso é, pelos membros fiéis, pelos católicos fervorosos que procuram viver para Deus.

Diante deste texto luminoso, profético, que tanto exalta a grandeza e o poder da SS.Virgem, os amigos protestantes procuram todos os meios de desviar o sentido, e de excluir dele a Santíssima Virgem.

A tradição cristã sempre viu nesta passagem simbólica a figura do Cristo e de sua SS. Mãe; só a obcecação protestante procura contestar esta figura... sem depois saber a quem aplicá-la.

Destroem, mas sobre as ruínas acumuladas são incapazes de edificar outro edifício...Procuram nos textos antigos se não houve qualquer divergência a respeito, e encontram qualquer coisa, sem mudança essencial, apenas acidental, mas que lhes permite pelo menos suscitar um protesto e formular uma objeção.

Há três versões diferentes do texto citado.

O texto oficial da Vulgata diz: *A mulher te esmagará a cabeça* (ipsa).

A versão hebraica diz: *A semente da mulher te esmagará a cabeça* (ipsum).

A versão caldaica diz: *O filho (Cristo) te esmagará a cabeça*. (ipse)

Que belo achado! Os protestantes gritaram o seu eureca...Tudo serve: ipse, ou ipsum, só não pode servir ipsa, porque este ipsa refere-se a Maria Santíssima. É o tradicional ódio à Mãe de Jesus. Haja discussão!...haja trevas!...haja objeções...haja dúvida...para afastar o texto da Mãe de Jesus, e remover a figura majestosa da Virgem, desta primeira página bíblica.

E no meio da balbúrdia, os pobres protestantes, não enxergam que tal mudança de pronome: ipse, ipsa, ipsum, só tem valor secundário, que não muda em nada o valor do texto, nem a extensão de sua significação.

Menos precipitação, menos paixão e mais sinceridade lhes teria mostrado que o sentido fica sempre aquele que interpretou São Jerônimo, adotando o pronome ipsa: ela: a SS.Virgem.

VII. A grande discussão

Examinemos de perto o sentido da passagem, na mudança do pronome. Qualquer que seja a versão adotada, o texto prova sempre o triunfo da *mulher*, que é a Virgem Imaculada.

O essencial é que haja um eterna inimizade entre a mulher e o demônio: *Porei inimizades entre ti e a mulher.*

Eis o principal. Tal inimizade significa que deve haver oposição *completa* entre o demônio e a Virgem Santíssima.

Ora, esta oposição não seria completa se – ainda mesmo por um só instante estivesse sujeita ao pecado original. Donde se deve concluir que ela foi preservada deste pecado.

Depois vem a continuação do primeiro fato. Não somente haverá *inimizade* entre o demônio e a SS.Virgem, mas esta *inimizade* continuará entre a posteridade de Satanás e a posteridade da Virgem. *Inter semen tuum et semen illius.*

Daí conclui-se logicamente que são as mesmas inimizades que já existem entre o demônio e a Virgem, que devem continuar a existir entre a posteridade, ou a *semente* de ambos.

A semente do demo: é o pecado.

A semente da Virgem: É Cristo.

A inimizade entre Cristo e o demônio é absoluta, é radical, completa...

E sendo a mesma inimizade que existe entre o demônio e a mulher, deve-se concluir, de novo, que tal inimizade é absoluta, radical, completa: numa palavra: é a *imaculada conceição.*

Entre Cristo e o demônio nada pode haver de comum como o próprio demônio confessa: *Quid nobis et tibi, Jesus? Que há entre nós e vós, Jesus?* De modo que nada pode haver de comum entre o pecado e a SS.Virgem.

Ora, se Maria não fosse imaculada, isso é, preservada do pecado original, ela teria tido, fosse apenas durante um instante, qualquer *coisa de comum* com o pecado, o próprio pecado original. Isso repugna ao texto bíblico, como repugna à dignidade da Virgem Santa.

Depois destes princípios, a mudança de pronome: ipse, ipsa, ipsum, tonar-se uma questão de palavras, que nada muda a verdade católica.

O texto contestado é pois o seguinte: Deve-se ler: *Ipse* ou *Ipsum*, *conteret caput tuum.*

O sentido é o mesmo nos três casos: *ipse* é Cristo; *ipsa* é a Virgem Santa; *ipsum* é a semente ou Cristo.

Ora, a Igreja Católica nunca pretendeu outorgar diretamente à SS.Virgem o privilégio de*esmagar a cabeça da serpente,* exclusivamente por si, mas unindo-se a seu Filho, pela ação de seu Filho, isso é, como *Mãe de Deus.*

Adotando, pois, a versão: *ipse*, ou *ipsum*, dizendo que é Cristo que esmaga a cabeça da serpente, é preciso admitir que ele o faz como *Deus-homem*; *pois Cristo é um homem; como tal ele está unido à sua Mãe:* Cristo o faz *diretamente,* a SS.Virgem o faz *indiretamente*, mas ela fica inseparavelmente associada a este triunfo.

Adotando, como a Vulgata, a versão *ipsa:* dizendo que é Maria SS., que esmaga a serpente; não é ela só, mas unida ao Filho; ela o faz pelo poder de seu Filho, de modo que ela coninua a ser associada de Jesus, a intermediária entre Jesus e o demônio. – É a virtude de Jesus que esmaga a cabeça da serpente, pelo pé da Virgem Santa.

Isto é tão simples e lógico que, nas edições hebraicas, a mulher e o filho são unidos num único pronome: *Eles te esmagarão a cabeça;* o que ainda é o mais claro e o mais lógico, indicando deste modo o princípio e o instrumento: o filho e a mãe.

Eis a tremenda discussão levantada pelos protestantes, no intuito de rebaixar a Mãe de Jesus; porém tal discussão em nada prejudica a glória de Maria SS.; de modo que, através das discussões humanas, a palavra divina continua resplandecente, fulminante, mostrando-nos, desde os albores da humanidade, a figura luminosa, nimbada de esperança e misericórdia: a Virgem Imaculada.

Tal é aliás a opinião do próprio S.Jerônimo, que escolheu, entre as três diversas versões, três hebraicas que trazem *ipsa*, senão pela exatidão gramatical, senão pelo sentido espiritual.

Ele mesmo dá a razão desta preferência: *Não pode ser outra a semente da mulher*, escreve ele, *senão aquele que o apóstolo diz ter sido feito da mulher...isto é, Jesus Cristo...Cristo é verdadeiramente a semente da mulher, havendo ela nascido sem cooperação do homem.*

Podia-se citar ainda o Antigo Testamento este texto de Isaías: *O Senhor vos dará um sinal: Eis que uma Virgem conceberá e dará a Luz a um filho, e chamarão o seu nome Emanuel,*isso é, Deus conosco (Is 7,14). Este outro de Jeremias: *Deus criou uma novidade na terra; uma mulher cercará um homem* (Jer 31,22).

Estes passos provam *diretamente* a virgindade perpétua da SS.Virgem, e indiretamente a sua conceição imaculada.

VIII. Provas do evangelho

Passemos ao Evangelho, onde tal verdade não é mais figurativamente anunciada, mas positiva e implicitamente revelada.

O anjo, vindo participar à SS.Virgem que tinha sido escolhida entre todas as mulheres, para ser a Mãe do Filho de Deus, cumprimentando-a, em nome de Deus, com a seguinte saudação:*Ave, cheia de graça, - o Senhor é convosco – bendita sois entre as mulheres* (Lc 1,28).

Que quer dizer isso? Deus proclama a *Virgem cheia de graça.* Ora, num vaso cheio não cabe mais nada...

Dizendo que Maria SS. é cheia de graça, é dizer que possui todas as graças que pode conter um criatura. Se ela não fosse *imaculada*, podendo sê-lo, lhe faltaria qualquer coisa; não seria mais:*cheia de graça.*

O Senhor Deus é com ela. Ora, onde está Deus não pode estar o pecado. A presença de Deus expele todo pecado. Quando nós nascemos, Deus não está conosco, porque nascemos em pecado... Ele estava com Maria, sempre, desde a sua entrada neste mundo, porque era imaculada.

Maria SS. *é bendita entre todas as mulheres.* Porque bendita?...Porque será Mãe de Deus. Isso é um título, uma dignidade, merecimento pessoal. A razão da benção deve brotar do fundo da criatura: e este fundo é a sua pureza imaculada, que a separa de todas e a eleva acima de todas as mulheres.

Juntemos a esta prova decisiva as palavras inspiradas no Magnificat, onde a Virgem exclama: *Fez grandes coisas em mim aquele que é poderoso* (Lc 1, 49). Esta grande coisa não é somente a maternidade divina, mas também a conceição imaculada, que é como a base deste privilégio.

Outra prova insofismável: Maria SS. continua: *Deus pôs os olhos em sua humilde escrava.*Se houvesse tido o pecado original, deveria ter dito: Deus pôs os olhos na iniqüidade da sua escrava, como dizem os santos, e como aconselha a Sagrada Escritura. *Justus prior est accussator sui.*Eis a revelação implícita do grande dogma da imaculada conceição.

É o que fazia dizer S.Cirilo, desde os primeiros séculos da Igreja: “Qual é o homem de bom-senso, que pode acreditar que o filho de Deus tenha construído para si mesmo um templo, um trono animado, cedendo o primeiro direito deste templo, e o seu primeiro uso ao demônio, seu mortal inimigo? Uma tal idéia, pode ela penetrar num ser capaz de raciocínio?”

Não havia protestante neste tempo...Que diria S.Cirilo, se voltasse hoje e visse sustentarem tal absurdo?

Eis, meu caro protestante, não somente o texto pedido, mas diversos textos, uma explicação destes textos, para o Sr. poder compreênde-los. Esta verdade é tão clara que o seu próprio pai Lutero não teve a ousadia de negá-la.

Cito apenas uma passagem entre muitas. Escute bem: “Era justo e conveniente, - diz ele, - fosse a pessoa de Maria preservada do pecado original, visto o filho de Deus tomar dela a carne que devia vencer todo o pecado” (Lut. In postil. maj.).

O seu pai Lutero era menos protestante que os netinhos de hoje...sobretudo, era menos ignorante, e, apesar de sua revolta, compreendia melhor a bíblia que os nossos modernos biblistas e biblieiros, que só sabem ler com os óculos dos outros, e interpretar através dos óculos de qualquer pastor.

IX. Cheia de graça

Nova objeção. Não devia faltar. Eis, dizem eles, como os padres raciocinam. Dizem que Maria é cheia de graça...e que ser cheia de graça é ser imaculada.

Então S.Isabel "cheia do Espírito Santo"; S.João Batista, também "cheio do Espírito", e outros, são igualmente imaculados.

É um argumento de criança. Examinem bem a diferença dos termos, e portanto da significação.

De S.João, o evangelista diz: *Spiritu Sancto replebitur* (Lc 1, 15).

De S.Isabel, ele diz: *Repleta est Spiritu Sancto Elisabeth* (Lc 1, 41).

De Maria SS.o arcanjo diz: *Ave, gratia plena* (Lc 1,28)

Estes termos são muito diferentes. A Sagrada Escritura emprega continuadamente o termo: Repletus...estar cheio, no sentido de abundância relativa...uma certa quantidade, como *Repletus consolatione* (2 Cor 7,4), cheio de consolação; *repletus iniquitate* (Miq 6, 12) cheio de iniqüidade; *repletus dilectione* (Rom 15, 14), cheio de amor, etc.

Falando da SS.Virgem, o termo é diferente e significa uma plenitude completa. O grego*Kecharitoménê*, particípio passado de *charitóô*, de *cháris*, é empregado na Sagrada Escritura para designar a graça, tomado no sentido teológico, isso é, por um dom divino que adere à nossa alma. O sentido exato, dizem os exegetas é: *omnino gratiosa reddita*, que se tornou plenamente graciosa, em outros termos: *omnino plena caelesti gratia:* cheia de graça.

Os termos assim bem compreendidos, pode-se formar o silogismo: Maria SS. estava cheia de graça, ao ponto que nada mais podia conter. Ora, se ela tivesse o pecado original, ela não estaria mais cheia, pois podia receber uma graça (a preservação do pecado) que não recebera. É pois necessário admitir a imaculada conceição, como fazendo parte de sua plenitude.

Os teólogos citam outro argumento ainda (Tract. B. V. Lepicier, p.100): A graça estava na Santíssima Virgem, do mesmo modo que em Deus, devido à união dela com a divindade na produção do corpo de Jesus Cristo, que é o corpo de uma pessoa divina. Ora, esta graça tem por propriedade de nunca ter faltado a Deus. É, pois, necessário que Maria SS. nunca tenha sido privada da graça, o que só pode ser, admitindo a imaculada conceição.

Outro argumento teológico: O anjo saúda a Maria como sendo bendita entre, ou acima de todas as mulheres. Ora, em que Maria seria superior a todas as mulheres, senão pela imaculada conceição?

X. Proclamação deste dogma

Maria SS. é verdadeiramente imaculada, isso é, preservada da mácula do pecado original, pela aplicação antecipada dos merecimentos de Jesus Cristo. É um dogma da nossa fé, solenemente proclamado pelo Papa Pio IX, em 1854.

Aqui vem uma pedra formidável dos mansos protestantes. Ouço-os gritar... "Estão vendo...tal imaculada conceição é uma novidade, data apenas de 1854! É uma invenção romana!"

Pobres de espírito, escutem bem! *Existir* é uma coisa; ser *proclamado* é outra coisa.

Quando Denis Papin proclamou em 1710 a lei da pressão do vapor...já não existia a tal pressão?

Quando Ramsden em 1779 proclamou a existência da eletricidade: já não existia ela?

Quando Franklin proclamou a atração do pára-raio, em 1780... não existia ainda o raio, o trovão e o relâmpago? A asserção é ridícula.

A Igreja proclamou a conceição imaculada em 1854, em defesa deste privilégio, contra os ataques ímpios protestantes, porém tal privilégio existiu *sempre*, na Bíblia, na Tradição e na pessoa da Virgem Maria.

XI.Conclusão

Tiremos a conclusão: Maria SS. é imaculada. É certo.

O fim da Encarnação inclui a imaculada conceição. Este fim é resgatar-nos do pecado original; em conseqüência a *Encarnação* e o *pecado* original excluem-se mutuamente. São dois termos opostos, como são opostos os termos de luz e trevas, de dia e noite.

Como é que a Virgem, pela qual deve vir a libertação, pode ser escrava de Satanás? Como é que a Virgem, que deve dar a Cristo um corpo e um sangue imaculados, pode estar manchada pela culpa original? Seria isso dizer que pode circular uma água cristalina num canal imundo. Seria afirmar que uma mãe preta pode gerar um filho branco. Isso é o contrário da Bíblia que diz: *Quem pode tirar um fruto puro de uma semente impura?* (Jó 14, 36).

Como então, mais tarde, Jesus poderia *expulsar os espíritos imundos* (Lc 4, 36), se ele mesmo era o fruto do pecado, pelo nascimento de uma mãe pecadora?

Não está vendo que isso é insensato?

Ela nos traz a luz...e ela estaria nas trevas! Ela nos traz o *preço* do nosso resgate e ela seria devedora! Ela seria a mãe da pureza infinita, e ela seria impura. Ela seria a Mãe de Deus e filha do pecado! *Ela seria revestida de sol, da lua e de estrelas*, como descreve S.João (Apoc 12,1), e ela teria nascido nas trevas!

Não se vê que isso é uma blasfêmia... um insulto a Deus! Concluamos, pois, dizendo que Maria SS. devia ser imaculada, e que o foi, conforme o bom senso e a Sagrada Escritura nos indicam.

CAPÍTULO IX

OS SUPOSTOS IRMÃOS DE JESUS

Uma objeção que os amigos protestantes fazem contra a virgindade da Mãe de Jesus é afirmar que ela teve outros filhos, além de Jesus.

Estando este assunto intimamente ligado à imaculada conceição, quero tratá-lo aqui separadamente, embora não figure nos números do *desafio.*

Maria SS. teve ela outros filhos, depois do nascimento de Jesus? Resolvamos a questão de um modo irrefutável.

Para dar a esta objeção uma aparência de verdade, escolhem no Evangelho umas passagens que falam de tais irmãos, sem compreenderem a significação das palavras, e sem conhecerem os costumes dos judeus destes tempos remotos.

Em diversos lugares o Evangelho fala desses *irmãos*. Assim S.Mateus, S.Marcos e S.Lucas referem que *estando Jesus a falar, disse-lhe alguém: eis que estão lá fora tua mãe e teus irmãos que querem ver-te* (Mt 12,46-47; Mc 3,31-32; Lc 8, 19-20)
.

S.João, por sua vez, fala de tais *irmãos* (Jo 7, 1-10).

Ao ler estes passos, os amigos biblistas, que só enxergam *palavras,* e não *sentidos*, concluem imediatamente: A Bíblia fala de irmãos de Jesus, então Maria teve outros filhos e não é pura, nem Virgem, como dizem os católicos.

Bela objeção, que mostra a supina ignorância dos biblistas. A invenção não é nova. Foi o herege Elpídio que, no século IV, moveu tal objeção, e foi S.Jerônimo que a refutou pela primeira vez.

I. Exemplos da Bíblia

Se os protestantes compreendessem um pouco a linguagem bíblica, ou soubessem, pelo menos, confrontar certas expressões, veriam logo que entre os judeus, - como ainda hoje em certos países e línguas, - se chamam com o nome de *irmãos* não só os nascidos do mesmo pai e da mesma mãe, mas também os parentes próximos.

As línguas hebraica e aramaica não possuem palavra que traduza o nosso *"primo ou prima"*, e servem-se da palavra que traduza o nosso *ha,* e a aramaica *aha*, são empregadas para designar *irmãos* e *irmãs* do mesmo pai, não da mesma mãe (Gn 37, 16; 42, 15; 43, 5; 12, 8-14; 39, 15), sobrinhos, primos irmãos (1 Par 23, 21), e primos segundos (Lv 10, 4) – e até *parentes* em geral (Jó 19, 13-14; 42, 11).

Os passos acima provam que a palavra irmão era uma expressão genérica, em geral.

Jesus, tendo pois primos, não havia outra palavra em aramaico senão *"irmão"* para exprimir o parentesco.
Há muitos exemplos na bíblia. Lê-se no Gênesis que *Taré era pai de Abraão e de Harão, e que Harão gerou a Lot* (Gn 11, 27), que, por conseguinte, vinha a ser sobrinho de Abraão.

Contudo no mesmo Gênesis, mais adiante, chama a Lot *irmão de Abraão* (Gn 13, 3). *Disse a Lot: nós somos irmãos* (Gn 14, 14). – *Ouvindo pois Abraão que seu irmão (Lot) estava preso, armou os criados, etc.*

Da mesma forma Jacob era *sobrinho* de Labão como se deduz também no Gênesis, que afirma ser Jacob filho da irmã de Labão: *Ouvindo Labão as novas de sua irmã, correu-lhe ao encontro, etc.* (Gn 24, 13).

Pois bem, ainda uma vez o Gênesis, dois versículos mais adiante, põe na boca de Labão estas palavras dirigidas ao *sobrinho* Jacob: *Então porque tu és meu irmão, hás de servir-me de graça?*(Gn 29, 15).

Tobias, o moço, era *primo* de Sara; pois Tobias, o velho, pai do moço, e Raquel, pai de Sara, eram irmãos: *Disse Raquel: conheceis Tobias, meu irmão?* etc. (Tob 7, 4-5). – Ora, o jovem Tobias dirigindo-se a Deus: *Senhor, sabes que não é por motivo de luxúria que recebo por mulher esta minha irmã* (Tob 7, 4-6). O protestantes rasgaram este livro de Tobias.

Eis diversos passos que provam que a palavra *irmão*, na linguagem da Bíblia, significa, não somente *irmãos*, no sentido da nossa palavra, mas sim *primos, sobrinhos*, até ao terceiro grau.

II. Evangelho na mão

Vamos examinar a questão de perto e ver, pelas próprias palavras do Evangelho, que tais*irmãos* de Jesus são simplesmente seus primos.

Estes supostos irmãos são indicados por S. Marcos: *Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão e não estão aqui conosco suas irmãs?*

Jesus tem pois *irmãos* e *irmãs*. Não são irmãos consangüíneos, mas sim *irmãos primos*de segundos, como o explica o próprio Evangelho.

Vejamos: O tal *Tiago* e *Judas* em vez de serem filhos de Maria SS. são filhos de Alfeu ou Cléofas. É S. Lucas que no-lo afirma: *Chamou Tiago, filho de Alfeu... E Judas. Irmão de Tiago* (Lc 6, 15-16).- E ainda: Chamou *Judas, irmão de Tiago* (Lc 6, 16).

Quanto a José, S. Mateus diz que é irmão de Tiago: *Entre os quais estava... Maria, mãe de Tiago e de José* (Mt 27,56).

Eis agora Simão chamado irmão dos três outros. *Tiago, José, Judas e Simão* (Mc 6, 3). Estes quatro supostos *irmão de Jesus* são, pois, verdadeiramente *irmãos* entre si, filhos do mesmo pai e da mesma mãe.

Falta agora só descobrir o nome dos seus pais. O Evangelho os indica: *Chamou...Tiago, filho de Alfeu* (Lc 6, 15). Alfeu ou Cléofas é, pois, o pai de Tiago e, em consequência, dos irmãos de Tiago, que são os três outros citados.

Conhecemos o pai. Procuremos agora a mãe deles. Conhecendo a mãe de um, é conhecida a mãe de todos, visto serem irmãos. Ora, o Evangelho é explícito: *Entre as quais estavam Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago* (Mt 27,56).

Eis o mistério esclarecido: Tiago, José, Judas e Simão, tais pretensos *irmãos de Jesus*, são simplesmente filhos de Alfeu (Cléofas) e Maria (Cleofás), *primos* de Jesus, como indica o quadro que segue.

Os pobres protestantes confundem tudo...e não enxergam que tal Maria Cléofas é completamente distinta de Maria Santíssima, como faz notar o evangelista: Junto à cruz de Jesus estava sua *mãe e a irmã* (prima) *de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas* (Jo 17,25).

III. Um dilema sem saída

Eis os pobres protestantes num dilema sem saída, e em flagrante contradição com o evangelho. Se tais *irmãos* são verdadeiramente irmãos consangüíneos de Jesus, é preciso concluir que Jesus não é filho de Maria SS., mas, sim, de Maria Cléofas e Alfeu.

Então Maria SS. não é mais Mãe de Deus, mãe de Jesus. Ora, o evangelho diz: *Jacob gerou a José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo* (Mt 1,16). Jesus é *filho* de Maria SS. É claro e formal. Maria SS. era esposa de S.José: de novo é claro e positivo.

Mas, então, ó protestantes, como combinar estes passos do Evangelho? Um filho pode ter dois pais e duas mães?

Jesus é filho de Maria SS., que era esposa de S.José, Tiago, José, Judas e Simão são filhos de Maria Cléofas e de Alfeu
.

E tendes a coragem de dizer que estes últimos são irmãos de Jesus e filhos de Maria Santíssima!!!

É ignorância, ou então muita perfídia...

Procurai sair deste dilema! Ou o Evangelho mente ou vós caluniais descaradamente. E como o Evangelho é a palavra de Deus, infalível e certa, devemos concluir necessariamente que vós mentis e caluniais...

Ou que sois *ignorantes obcecados*, desconhecendo o que atacais e ignorando o que pretendeis ensinar aos outros. O dilema é humilhante, irrefutável.

IV. Genealogia de Jesus

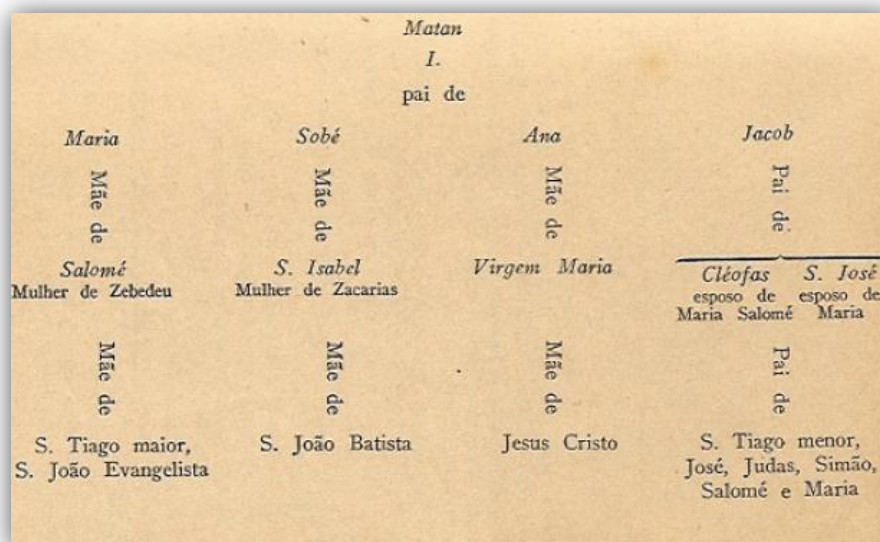
Para poupar-vos, no futuro, erros tão grosseiros e ajudar-vos a compreender um pouco a Bíblia, cuja letra estudais sem penetrar até ao espírito que a anima, traço aqui a árvore genealógica de Jesus, baseada sobre a Sagrada Escritura, que vos mostrará clara e insofismavelmente toda a família de Jesus Cristo.

Por esta árvore vereis que os tais *irmãos de Jesus,* por serem filhos de Cléofas, que é irmão de S.José, e por conseqüência seus *sobrinhos* legítimos, são simplesmente primos segundos de Jesus, no mesmo grau que S.Tiago maior, S.João Evangelista e S.João Batista.

Falando destes assuntos, o Evangelho não os chama pessoalmente *irmãos* de Jesus. A razão é que os filhos de Cleófas, como sobrinhos de S.José, esposo de Maria SS., e ao mesmo tempo primos de Jesus pela descendência do pai, têm para com Jesus um duplo parentesco: *Pelo pai e pelo tio, S.José.* Os quatro primeiros são irmãos de Jesus; os quatro são seus *irmãos parentes.* Eis o que claramente resulta dos textos do Evangelho.

A seguinte árvore genealógica elucidará perfeitamente a questão, e dissipará qualquer dúvida.

Matan
I.
pai de

Maria	*Sobé*	*Ana*	*Jacob*
Mãe de	Mãe de	Mãe de	Pai de
Salomé Mulher de Zebedeu	*S. Isabel* Mulher de Zacarias	*Virgem Maria*	*Cléofas* esposo de Maria Salomé — *S. José* esposo de Maria
Mãe de	Mãe de	Mãe de	Pai de
S. Tiago maior, S. João Evangelista	S. João Batista	Jesus Cristo	S. Tiago menor, José, Judas, Simão, Salomé e Maria

V. Jesus, Filho unigênito

É pois claro e bem provado, pelo próprio evangelho, que Maria SS. nunca teve outros filhos além de Jesus. Pura e Imaculada, a mãe de Jesus *nunca conheceu varão* (Lc 1,34) *e o filho de Deus que nasceu dela por obra do Espírito Santo* (Lc 1,45) é o seu filho unigênito, com diz o evangelho, em alusão a lei judaica.

Uma outra coisa e decisiva prova encontra-se nas últimas palavras de Jesus na cruz, remetendo a sua mãe ao desvelo de S.João. Se Maria SS. tivesse tido outros filhos, Jesus a teria recomendado a um destes filhos, em vez de remetê-la nas mãos de um primo segundo. Jesus não teve irmãos, nem mais velhos, nem mais novos. Toda a sua infância, a ida a Jerusalém, na idade de 12 anos, a vida em Nazaré, mostram claramente que a sagrada família, nunca ultrapassou três membros: Jesus, Maria e José.

O evangelista S.Marcos chama Jesus *O filho de Maria* (Mc 6,3) e não *filho de Maria;* o que supõe que Jesus fosse o filho único da viúva. Tais apelações de fato, diz o próprio Renan (Evang., Paris, p.542), não se empregam senão quando o pai é falecido, e que a viúva não tem outros filhos.

Em parte nenhuma os tais supostos irmãos de Jesus partilham com ele este apelido de “filhos de Maria”.

Maria SS. não teve, pois, nem mesmo podia ter, nenhum outro filho, além de Jesus.

Ela amava extremamente as virtudes, mas dum modo particular a *rainha* das virtudes, que é a *virgindade.*

Quando todas as donzelas de Israel ardentemente desejavam casar-se, na esperança de terem parte do nascimento do Messias, ela prometeu a Deus guardar perpetuamente a sua virgindade. Ela só aceitou a maternidade divina depois de ter-se certificado de que tal privilégio não contrariava a sua virgindade.

Ela casou-se com S.José, porque sabia que ele era um *homem justo*, que tinha feito a Deus solene promessa de perpetuamente guardar a virgindade.

O evangelista nos assevera que S. José não conheceu Maria, durante todo tempo que ele ignorou o mistério da Encarnação. Como poderia ele desrespeitá-la, depois que o Verbo divino se encarnou e se fez homem em seu puríssimo seio?

É, pois, bem claro que Maria SS. não teve filhos com S.José.

VI. Uma conclusão horrível

Mas então quem é o pai desses outros filhos além de Jesus? Ainda ninguém o disse, nem nunca será capaz de dizê-lo.

Mistério incompreensível! Jesus espantou o mundo inteiro por seu saber, por seu poder, por suas virtudes; e tem irmãos e ninguém sabe quem é o pai de seus irmãos!

Maria SS. é notoriamente reconhecida como verdadeira mãe deste homem extraordinário, portentoso e santo; e ela comete um *revoltante escândalo*, e ninguém sabe quem é o cúmplice deste horroroso crime.

Pobres e infelizes protestantes, não compreendem que dizer que Maria SS. teve outros filhos além de Jesus é qualificá-la de impura, desonesta, de corrupta, adúltera! Oh! Quanto esta injúria, este insulto, esta calúnia deve magoar e ofender a Virgem Santa, tão extremosa amante da pobreza! Como deve ofender a Jesus, tão sensível à honra de sua progenitora!

Pobres protestantes, refleti um instante e compreendei enfim o que vos dita a consciência, o bom-senso e a própria Bíblia, que dizeis ser a regra de vossa crença, e deixai de fechar os olhos à luz refulgente da *doutrina católica.*

CAPÍTULO X

S.PEDRO ERA CELIBATÁRIO

A terceira objeção é contra o celibato de S.Pedro, para demonstrar que os padres devem se casar. O pastor pede, pois: *Um texto da Sagrada Escritura que prove que S.Pedro não tinha esposa.*

I- Argumento negativo

Provemos, em primeiro lugar, ser provável que S.Pedro não tinha mulher, quando foi chamado por Jesus Cristo, mas era viúvo. É o argumento negativo.

O meu amigo crente quer um texto que prove que S.Pedro não tinha mulher: por que não pede um texto que prove que S.Pedro usava calça, turbante, alpercatas, manto, que comia, bebia e dormia?

Na falta deste texto, será preciso concluir, então que S.Pedro andava despido e que não comia, nem dormia?

Que ingenuidade! Para que serve tal texto?...

Então é proibido casar-se?

E se eu lhe pedisse um texto que provasse que S.Pedro tinha mulher, onde iria buscá-lo?

Conhecendo só as palavras da Bíblia, sem compreender a significação, há de apresentar o texto de S.Lucas (Lc 4,38): *E a sogra de Simão estava enferma.*

Isso prova que S. Pedro tinha sogra. É já uma coisa: porém há tanta gente que tem sogra e não tem mais mulher; pois uma pode morrer e a outra ficar.

Isso prova apenas que S.Pedro tinha sido casado, antes de ser chamado por Nosso Senhor, e que talvez era viúvo.

Meu pobre crente nem pensara até aí, e no triste afã de fabricar objeções viu sogras e mulheres em toda parte.

Então, S.Pedro, por ter sogra, tinha sido casado, era viúvo... Mas diga lá: o viúvo é ou não é gente? Há na Igreja bastante padres que já foram casados e que, depois de enviuvar, entraram na milícia eclesiásticas. Há até muitos santos nestas condições.

Haverá qualquer mal nisso? A Igreja católica exige o celibato dos seus sacerdotes, para seguirem o exemplo de Jesus Cristo e dos apóstolos, que eram celibatários.

Jesus Cristo não o exigiu dos seus discípulos; *aconselhou-o;* porém parece-me que um conselho do Salvador não é coisa desprezível e deve, ao contrário, ser de real utilidade.

II. Argumento positivo

O argumento positivo é claro, embora não resolva completamente a questão. S.Pedro tinha sogra; é certo. S.Pedro teve mulher; é certo ainda.

Na ocasião de ser chamado por Nosso Senhor ao apostolado, S. Pedro não tinha mais mulher, e se a tinha ainda, deixou-a de comum acordo, conforme o conselho do Mestre: *Todo aquele que tiver deixado, por amor de mim, casa, irmãos, pais, ou mãe, ou mulher, ou filhos.. receberá a vida eterna (*Mt 19,20)

Eis um conselho do divino Mestre, dirigido aos apóstolos, e, na pessoa deles, aos séculos vindouros. Nosso Senhor *convida* os apóstolos a deixarem tudo, por seu amor... até a própria *mulher.*

Os apóstolos compreenderam o convite de Cristo, e o compreenderam tão bem que ficaram admirados, e disseram: *logo quem pode salvar-se?* (Lc 18, 26)

S.Pedro, sem hesitação, sem embaraço, como quem fala com completa certeza, dirige-se ao divino Mestre, e exclama: *Eis que nós deixamos tudo e te seguimos* (Lc 18, 28)

E o Senhor aprova e apóia esta exclamação de Pedro, respondendo: *Na verdade vos digo, que não há quem deixe, pelo reino de Deus, casa, pais, irmãos ou mulher não receberá...a vida eterna* (Lc 18, 29-30)

Que verdade podia ser articulada, confirmada mais positivamente do que aquela? O Salvador promete o céu a quem deixar tudo, inclusive a *mulher*, por seu amor! S.Pedro exclama ter deixado *tudo*. O Mestre o confirma, e promete-lhe o céu em recompensa.

É pois claro e irrefutável que S.Pedro, embora tivesse sogra, não tinha, ou tinha deixado a mulher; era pois *celibatário* como os outros apóstolos. Se assim não fosse, São Pedro não podia ter *deixado tudo,* visto não ter deixado a *mulher,* embora fosse incluída a mulher na enumeração, feita pelo Mestre, daquilo que se pode deixar por seu amor.

Reflitam sobre isto, caros protestantes, e vejam como este esdrúxulo desafio se desfia por completo, e encontra no Evangelho uma resposta clara e irrefutável. O argumento *positivo* não deixará subsistir a mínima dúvida: S.Pedro era *viúvo*, ou separado da Mulher, e como tal seguiu o divino Mestre, deixando *tudo,* pelo *reino de Deus* (Mt 19, 20).

CAPÍTULO XI

POR QUE O PADRE NÃO SE CASA

Passemos à quarta objeção que nos atiram os maninhos de Lutero, julgando eles ser uma pedra formidável, capaz de esmagar um romano. Infelizmente a pedra não passa de uma formidável peta, que mostra apenas a ignorância e a falta de bom senso do seu autor.

O tal crente pede-me um texto que prove que os ministros da religião não devem se casar.

O negócio é sério. Parece que o crente quer servir de padrinho ou de escrivão de casamento...querendo casar até quem nem noiva conhece.

Homem, é um perigo! O crente pede apneas "um texto". Vou servir-lhes uns vinte pelo menos: textos da Sagrada Escritura, do bom-senso, da conveniência. Se não ficar convencido depois, não será falta de textos, mas falta de "cabeça".

I. Prova de bom senso

Comecemos pelo bom senso, que é a grande bússula da humanidade, dos protestantes e dos católicos.

Pois bem, o bom senso nos diz que o homem é livre de se casar ou ficar celibatário. É ou não é verdade, amigo crente?

Isso depende da vontade de cada um (1 Cor 7,37).

De sorte, continua São Paulo, *que quem dá a sua filha em casamento, fez bem; mas quem não a da faz melhor* (1 Cor 7,38).

Casa, pois, quem quer e quem pode, pois é preciso serem dois. Se pois existe tal liberdade, por que os padres não gozariam dela? Quem disse ao amigo crente que os padres tinham tanta vontade de se casar?

Eu, por mim, sei que nem tenho, nem nunca tive!

O sacerdócio católico não é obrigação para ninguém...

A Igreja não obriga ninguém a ser padre. O estado eclesiástico deve ser livremente escolhido. Aqueles o escolhem, é , pois, de espontânea vontade que o fazem, sujeitando-se aos sacrifícios que ele exige.

É somente depois de uns 12 anos de estudo que a Igreja exige o coto de castidade, podendo o candidato recuar ou continuar à vontade.

Tudo isso é simples como o dia. Há muitos homens e moças que não casam por interesse ou por medo ou falta de inclinação...e esta liberdade seria recusada ao sacerdote?

Está, pois, claro, amigo crente; o padre não casa porque prefere consrar a Deus sua vida seu coração e seu corpo.

Ninguém pode contestar-lhe esta liberdade, nem dizer que faz mal, pois segue o conselho de S.Paulo, que os protestantes não têm coragem de seguir: *Digo, porém, aos solteiros e às viúvas que lhes é bom ficarem como eu* (1 Cor 7,8). *Cada um fique na vocação a que foi chamado* (1 Cor 7, 24). *O solteiro cuida das coisas doSenhor, mas o que é casado, das coisas do mundo (*1 Cor 7, 32-33). *Porém será mais feliz se ficar assim como eu; e também eu penso ter o espírito de Deus* (1 Cor 7,40).

Eis o que diz o bom senso, apoiado sobre a Sagrada Escritura. Casar é *bom*... não casar é *melhor.*

O padre católico escolhe o que há de melhor...e o pastor protestante o que há de pior, como diz S.Paulo. Qual dos dois age melhor e mais acertadamente?

Consulte o bom senso e São Paulo no capítulo 7 da primeira epístola aos Coríntios. Ele não era protestante, mas uma das colunas da Igreja Católica, romana, e como tal era *celibatário,*como o são ainda hoje todos os sacerdotes católicos.

II. O *exemplo de Cristo*

Vamos, amigo protestante, temos de percorrer ainda muitos textos. Citei apenas os textos do *bom-senso,* apoiado sobre textos de S. Paulo. Vamos agora ver um pouco de perto o próprio Evangelho e no Evangelho o exemplo do grande modelo que é Cristo.

Dize lá, se é *bom* ou *ruim* seguir o exemplo e as pisadas de Cristo? Se é ruim, então o amigo lance a sua bíblia ao fogo!... Se é bom, o amigo verificará que teve a língua comprida demais e a inteligência por demais curta.

Apenas uma pergunta: Jesus era casado ou não? Não o era. É, pois, permitido ficar celibatário e guardar a castidade. Deve até ser muito melhor que o contrário, pois sendo Deus, Jesus deve ter escolhido o que havia de mais perfeito.

Jesus era celibatário, era virgem, era a pureza perfeita. O sacerdote católico, que é o seu ministro, procura, o melhor possível, imitar o seu modelo divino, - procura ser puro, casto, virgem, e por isso fica celibatário – ama a todos em Deus, e não quer ser amado por ninguém, fora de Deus.

Os pastores protestantes, que se gabam de seguir em tudo a bíblia, afastam-se aqui, aliás como no resto, dos exemplos do Cristo. Em vez de andarem separados de tudo, só andam acompanhados de (uma ou mais) *"pastoras"* e de uma fila de *"pastorinhos"*e*"pastorinhas".*

Eu acho isso pouco evangélico, e pouco digno de um "ministro" do culto, de um "eleito", de um crente que já está salvo!... isto está tão longe dos exemplos daquele que disse: *Eu vos darei o exemplo para que façais como eu fiz* (jo 13,15). Está bem longe do conselho de S. Paulo:*Sede os imitadores de Deus como filhos queridos* (Ef 5,1).

Nota bem, querido crente: Jesus não tinha mulher, nem filhos carnais. Era virgem, enquanto certos ministros bíblicos andam cercados de prole legítima e não legítima... mas... cala-te, minha pena, isso não se diz. Quem tem razão, Jesus ou o pastor protestante?

III. O exemplo dos Apóstolos

Não somente Jesus era celibatário, mas todos os apóstolos o eram. Os apóstolos são os primeiros sacerdotes, os primeiros bispos, ou ministros do culto.

Havia entre eles viúvos, até talvez casados, que, de mútuo consenso, deixaram a mulher para seguir o divino Mestre, conforme o conselho deste último: *Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga* (Mt 16,24)e ainda: *Se quiseres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá o valor aos pobres* (Mt 19,21).

Cristo fala só em renúncia, cruzes e desprendimento; e nunca em mulher e filhos!... Quem sabe se o suave crente não interpreta este texto, dizendo que a cruz que eles devem carregar é a mulher ou os filhos!... Sendo assim, ele tem razão, e segue o Mestre carregando a mulher e os filhos nas costas. Que cruz, de fato, para um pastor protestante!

S. Pedro não o entendia assim e isso apesar de ter sogra... nem sequer perguntou a Jesus: Que hei de fazer com minha sogra, mulher e filhos? Nada disso! Exclama bem alto: *Eis que nós deixamos tudo e te seguimos, qual será o nosso galardão?* (Mt 19,27).

E Cristo respondeu: *Todo aquele que tiver deixado casa, irmãos ou irmãs, pai ou mãe, mulher ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá o cêntuplo e a vida eterna* (Mt 19,29).

Que bomba, meu caro protestante! O divino Mestre aconselha a deixar tudo, até a*mulher*es, filhos, por amor dele; e S. Pedro o faz, enquanto os ministros protestantes procuram antes de tudo a mulher. O sacerdote católico imita S. Pedro, enquanto o pastor bíblico imita Lutero.

Onde estará a verdade? E qual dos dois segue melhor os ensinamentos de Cristo? Pobre homem, por que foste meter-te em um tal cipoal?... Em parte nenhuma do Evangelho se encontra que o ministro do culto deve casar-se; ao contrário, só se encontram conselhos de não o fazer.

Verdade é que o ministro protestante nada tem de sacerdócio, e nenhuma missão, nenhuma autoridade tem. Ontem negociante ou roceiro, vira de repente pastor; ontem tolo e sem letras, torna-se hoje ilustrado e iluminado. Em tais casos pode casar-se... é o seu direito... *é bom até que case para não queimar,* como diz S. Paulo (I Cor 7,9), porém é bom que se cale então e não lance a pedra ao sacerdócio católico, que faz o que ele não sabe fazer. *É bom que o homem não toque mulher,* diz o apóstolo (I Cor 7,1), com maior razão aquele que deve ser o modelo, o conselheiro e o guia dos homens: o sacerdote.

Tudo isso é tão claro e tão simples que se fica admirado de um homem que só jura pela Bíblia não ter lido e meditado isso cem vezes.

Abra os olhos, caro protestante, seja bastante franco para confessar que está fora da verdade, longe da verdade, e completamente afastado da sua Bíblia, ou melhor, da nossa Bíblia, pois a Bíblia é da Igreja católica e não dos protestantes, que só deveriam inspirar-se nos escritos do seu pai Lutero.

IV. O conselho de Cristo

O amigo protestante quer mais textos ainda? Pode ler em inteiro o capítulo 7 da I epístola de S. Paulo aos Coríntios.

Também S. Mateus tem trechos admiráveis e em nada protestantes (Mt 19, 10-20).

É o próprio Cristo que fala e responde aos discípulos e diz que “*não convém casar”.*

Não são todos que compreendem esta palavra, mas somente aqueles a quem é dado(Mt, 19,11).

Pois bem, isso é dado ao sacerdote católico e não é dado ao pastor protestante; prova de que Jesus Cristo dá graças ao sacerdote que ele não dá ao tal pastor.

O padre católico ama a Deus, sem dividir o seu coração com a mulher; - o pastor ama a sua pastora e as suas pastorinhas, de coração dividido, onde Deus nada tem. O padre católico procura agradar a Deus e o pastor protestante procura agradar à sua pastora. Repito-o: como homem particular o amigo protestante tem este direito; porém como “pastor” afasta-se do conselho do Mestre.

Mas continuemos o nosso estudo. Até agora provei que o sacerdote pode ficar*celibatário*; que faz bem ficando assim, que segue os conselhos de Jesus Cristo e anda nas pisadas do Mestre divino.

Será o bastante, entretanto quero dizer mais, para convencer plenamente meu bom crente, caso ele busque sinceramente a luz e a verdade.

O celibato é de *conselho*, não de *preceito*, senão o matrimônio seria um pecado, o que é falso; sendo um sacramento instituído por Jesus Cristo e por ele santificado na ocasião das núpcias de Caná. É o que fazia dizer a S. Paulo: *Este sacramento é grande em Jesus Cristo e na Igreja* (Ef 10, 32).

Texto que de novo é a condenação dos protestantes que se contentam com o contrato civil, vivendo deste modo amasiados.

Para o sacerdote, o celibato ou castidade, não é simples “conselho”, mas um *preceito eclesiástico.*

A Igreja é uma sociedade de fiéis; em toda sociedade deve haver um chefe, um governo que tenha autoridade e poder para formular leis diretivas para essa sociedade.

Aqui, de novo, o protestantismo está fora de toda lei: quer formar uma sociedade sem chefe, um corpo sem cabeça.

Pois bem, o papa, chefe da Igreja católica, apoiado sobre os exemplos e conselhos de Jesus Cristo e dos apóstolos, formulou a lei que os sacerdotes não podem mais casar-se e se foram casados antes de receber as ordens sacras, não podem mais fazer uso do matrimônio.

Eis a lei que vigora na Igreja católica. Esta lei existe desde Jesus Cristo e os apóstolos e desde os primeiros séculos se faz menção dessa obrigação.

Tertuliano, que faleceu pelo ano de 222, diz que *os clérigos são celibatários voluntários.*

Eis a lei do celibato, caro protestante. Se o amigo for sincero, deve confessar que é uma grande e bela instituição, derivada do exemplo do próprio Cristo e seguida por todos os sacerdotes, desde os apóstolos até nossos dias...

V. Outra objeção protestante

Para provar que o padre devia casar-se, os amigos protestantes encontraram em S. Paulo um texto que lhe serve de cavalo de batalha.

Com a liberdade de interpretação individual, é claro que um texto pode ser interpretado diversamente, e até às vezes receber explicações diametralmente opostas.

O tal cavalo-de-batalha é o seguinte conselho de S. Paulo a Timóteo: *Se alguém deseja o episcopado, deseja uma boa obra. Importa que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, sóbrio, prudente, conciliador, modesto, hospitaleiro, capaz de ensinar* (I Tim 3, 1-2).

Eis a prova protestante de que o padre queira ou não queira, deve casar-se. Mas, diga-me, caro crente, como é que Cristo, que deixou a cada um a liberdade de casar-se ou de ficar celibatário, recusa este direito ao padre?

E que prova tal texto? Prova que o celibato não é de *obrigação* divina, mas sim de*conselho*. O Apóstolo não diz: *É prescrito que o bispo seja casado*; mas diz: *Sendo ele casado, deve sê-lo com uma mulher só,* excluindo deste modo a tal bigamia pública ou oculta... E esta última é infelizmente demais conhecida.

Ora, nunca a Igreja ensinou que o celibato era de ordem divina, mas sim de ordem*eclesiástica.*

O padre deve ser o *pai espiritual de todos;* de para isso, não deve ser o pai carnal de ninguém.

O padre deve ocupar-se das *crianças* dos outros para instruí-las, e para isso não deve ter filhos próprios.

O padre deve ser o *conselheiro* e o confidente de todos, e para isso deve viver independente de todos e de tudo.

Para tudo isso, o padre deve poder dispor do seu tempo, o que não poderia fazer, se tivesse mulher ou filhos.

O padre deve viver para a Igreja e para a religião, e não para a mulher e filhos.

O famoso texto de S. Paulo, longe de contradizer, confirma a doutrina exposta e mostra o que sempre temos repetido: que o celibato não foi exigido por Cristo; porém foi aconselhado, pela palavra e pelo exemplo, deixando Jesus Cristo à sua Igreja o cuidado de regular estes pormenores, conforme os tempos e os lugares.

É o bastante, pois a Igreja, assistida pelo Espírito Santo, faz o que Deus lhe inspira, pois é infalível em suas decisões dogmáticas e morais: *Quem vos escuta, escuta a mim e quem voz despreza, despreza a mim*, disse Cristo (Lc 10,16).

VI. Católicos e protestantes

Com tudo isso está infinitamente acima dos exemplos dos lúbricos fundadores do protestantismo!

Lutero com suas três raparigas; Zwínglio com sua libertinagem; Calvino condenado por crime torpe, marcado nas costas com ferro em brasa, sinal de extrema infâmia; Henrique VIII degolando as suas seis mulheres, mostram bastante o que é o protestantismo: uma escola de devassidão e de revolta.

Pode haver protestantes bons; mas neste caso valem mais do que a religião que professam; enquanto o católico que praticasse completamente a religião seria um santo.

Eis confrontados os dois mistérios: o catolicismo e o protestantismo.

O sacerdote católico, seguindo os conselhos e os exemplos de Cristo e dos apóstolos, renunciando à família e ao conforto do lar, para consagrar-se ao serviço de Deus, e o pastor protestante, casado, cercado de filhos e procurando deixar uma pequena fortuna para eles, não praticando nenhuma das grandes virtudes, tão aconselhadas por Cristo a seus apóstolos, que são os primeiros sacerdotes e cujos exemplos devem servir de norma a todos os sacerdotes.

E os protestantes tem a ousadia de lançar pedras ao sacerdócio católico, pedindo-lhe textos que provem que não devem casar. Pobre gente! ... Tanta ignorância supina e tanto fanatismo cego! ... Seria melhor buscar textos que provem que Lutero, Zwínglio, Calvino e Henrique VIII, os pais do protestantismo, não são sujeitos libertinos, sem compostura, sem moral.

Tais textos serviriam, pelo menos, para lavar a mancha negra que macula o berço da reforma e a aponta a todas as gerações como uma obra imunda e revoltante. Se um protestante conhecesse a sua seita, a sua origem, a sua história, gritaria como os réprobos do juízo final:*Montanhas, caí sobre nós, e outeiros, encobri-nos* (Lc 19,40).

CAPÍTULO XII

S. PEDRO EM ROMA

O bom crente pede em 5º lugar um texto que prove que S. Pedro foi bispo de Roma. Muito bem! Em troca, eu peço ao crente um texto que prove que S. Pedro não foi bispo em Roma (*gratis affirmatur; gratis negatur*)., porque o que afirma sem prova é refutado sem prova.

Além disso, peço também um texto que prove que Lutero esteve na Alemanha – que foi padre, apóstata, amasiado e pai dos protestantes. Procure bem este texto, sim?

Responderá talvez o crente que tais fatos provam-se pela *história*, e não pela Bíblia, e diria bem, apesar de protestante. Sim, as verdades históricas devem ser demonstradas pela *história.*

Se meu crente tivesse refletido um pouco, teria compreendido logo que a presença de uma pessoa num lugar, sua ação, sua influência, é antes de tudo um *fato histórico* que se deve provar pelos historiadores e não pela Bíblia.

Eu podia limitar-me a esta prova geral, entretanto quero não somente responder ao seu "desafio", mas quero ainda mostrar perante todos a ignorância supina, a má fé e a falsidade dos protestantes. Para isso provarei a estadia de S. Pedro em Roma, pela *história* e pela *Sagrada Escritura.*

Peço ao amigo crente depor um instante seus preconceitos e seu ódio sectário, pra seguir a argumentação, e depois criar coragem de reconhecer a verdade que brilhará a seus olhos, qual meio-dia.

S. Pedro *esteve em Roma*, foi o primeiro *bispo em Roma* – e morreu martirizado *em Roma*. Eis três verdades que vou provar, tanto histórica como biblicamente.

I. Prova histórica

Um fato histórico prova-se pelo testemunho dos historiadores imparciais, e o mais possível próximos dos fatos que narraram.

Pois bem: existe uma série ininterrupta de testemunhos do século III até aos apóstolos e isso sem uma voz discorde.

Em Cartago e em Corinto, em Alexandria e em Roma, na Gália como na África, no Oriente como no Ocidente, a viagem de S. Pedro a Roma é afirmada unanimemente, como fato sobre o qual não pairou nunca a mínima dúvida.

No século III temos, entre outros, *S. Cipriano*(258) que diz: "Vagando a sede de Fabiano, isto é, "a sede de Pedro" e da dignidade da cátedra sacerdotal, foi Cornélio criado bispo" (Ep. Ad Antonium).

Orígenes (254) diz: "S. Pedro, ao ser martirizado em Roma, pediu e obteve fosse crucificado de cabeça para baixo" (Com. in Genes, t. 3).

Clemente de Alexandria (215) diz: "Marcos escreveu o seu Evangelho a pedido dos Romanos que ouviram a pregação de Pedro" (Hist. Ecl. VI, 14).

Tertuliano (c. 222), por sua vez, diz: "Nero foi o primeiro a banhar no sangue o berço da fé. Pedro, então, segundo a promessa de Cristo, foi por outrem cingido quando o suspenderam na cruz" (Scorp. C. 15).

No século II abundam igualmente provas.

S. Irineu (202) escreve na sua grande obra "contra as heresias": Mateus, achando-se entre os hebreus, escreveu o Evangelho na língua deles, enquanto Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja" (L. 3, c. 1, n. 1, v. 4).

Dionísio (171) escreve ao papa Sotero: "S. Pedro e S. Paulo foram à Itália, onde doutrinaram e sofreram o martírio no mesmo tempo (Evas. Hist. Eccl. II 25).

Do século I convém destacar,

S. Inácio (107), Bispo de Antioquia, que conviveu longos anos com os apóstolos. Condenado por Trajano, fez viagem para Roma, onde foi supliciado, tendo escrito antes uma carta aos Romanos onde diz: "Tudo isso eu não vos ordeno como Pedro e Paulo; eles eram apóstolos, e eu sou um condenado (Ad Rom, c. IV).

Clemente Romano (101), 3º sucessor de S. Pedro, conheceu-o pessoalmente em Roma. É, por isso, autoridade de valor excepcional. Eis o que escreve: "Ponhamos diante dos olhos os bons apóstolos Pedro e Paulo. Pedro que, pelo ódio iníquo, sofreu; e depois do martírio, foi-se para a mansão da glória. A estes santos varões, que ensinavam a santidade, associou-se grande multidão de eleitos, que, supliciados pelo ódio, foram entre nós de ótimo exemplo".

Eis provas irrefutáveis, historicamente certas, "da permanência de S. Pedro em Roma".

Os historiadores e testemunhas citados: S. Cipriano, Orígenes, Clemente, Tertuliano, S. Irineu, Dionísio, S. Inácio e Clemente Romano, são reconhecidos, pela crítica moderna, como autoridades dignas de fé.

Nenhum protestante imparcial teve a ousadia de contestá-los; só os nossos ignorantes, que entretanto se dizem luminares, tem o topete de impugnar tais testemunhos. Prova de que não conhecem nem “história”, nem “exegese”, nem “religião”.

Citei só testemunhos anteriores a Lutero, para mostrar a imparcialidade dos historiadores, que não tinham de defender a religião contra os protestantes ou outros hereges; mas apenas de expor um fato conhecido e admitido por todos.

E notem que Inácio e Clemente Romano nos são testemunhos coevos.

É, pois, um fato certo que S. Pedro esteve em Roma e foi ali martirizado sob o reinado de Nero. Nenhum historiador, até aos protestantes, isto é, durante 1500 anos, o contesta; ao contrário: para todos eles é um fato notório e público.

Pobre ódio protestante! ... que cega os seus adeptos e leva-os a todos os absurdos: repetindo velha *lenga-lenga*, sem fundamento e sem exame. Estuda um pouco, amigo, e havendo mais luz na inteligência, haverá menos fanatismo, menos petulância no procedimento.

Com Deus não se brinca! E nem se brinca com a história, desde que é certa e averiguada por testemunho digno de fé.

II. S. Pedro, 1º bispo de Roma

Continuemos o mesmo assunto, dando-lhe agora a extensão necessária

“S. Pedro esteve em Roma”: é *historicamente certo e notório.*

“S. Pedro foi o primeiro Bispo de Roma”: *é o que vamos provar agora*.

O fato da permanência de S. Pedro em Roma seria já uma prova suficiente, pois, sendo apóstolo e chefe dos apóstolos, claro é que S. Pedro, desde que fundara, com S. Paulo, a Igreja de Roma, era o seu *primeiro Bispo.*

Citemos, entretanto, para satisfazer os mais exigentes, umas provas históricas.

Podia citar muitas longas passagens de S. Irineu, Caio, S. Cipriano, S. Optato, S. Agostinho, S. Jerônimo, Sulpício Severo, que atestam “unânimes” o episcopado romano do príncipe dos apóstolos. Limitemo-nos a umas curtas citações:

Caio, falando de S. Vitor, Papa, diz: “Desde Pedro ele foi o décimo terceiro Bispo de Roma” (ad Euseb. 128).

S. Jerônimo: “Simão Pedro foi a Roma e aí ocupou a cátedra sacerdotal durante 25 anos” (De viris ill. 1,1).

S. Agostinho: “S. Lino sucedeu a S. Pedro (Epist. 53).

Sulpício Severo, falando do tempo de Nero, diz: “Neste tempo, Pedro exercia em Roma a função de Bispo” (His. Sacr., n. 28).

S. Irineu: “Os apóstolos Pedro e Paulo fundaram a Igreja, e o primeiro remeteu o episcopado a Lino, a quem sucedeu *Anacleto* e depois Clemente”.

Eusébio, em sua história, diz: “*Linus primus post Petrum”*, Lino foi o primeiro após Pedro, que exerceu o episcopado na Igreja Romana (Hist. Eccles. 104).

Eis de novo citações positivas, claras, e de autores dos primeiros séculos, que merecem fé.

Convém notar ainda que todos os catálogos de Bispos de Roma, organizados segundo os documentos primitivos, pelos antigos escritores, colocam invariavelmente o nome de Pedro à frente de todos; com ele abrem a lista nunca interrompida de sucessão episcopal de Roma (Ler sobre isso: P. Leonel Franca, *Igreja,* Reforma *e Civilização*)

Eis, pois, outro fato claramente provado: “*S. Pedro foi o primeiro Bispo de Roma*”. Para rejeitar este fato histórico é preciso rejeitar a autoridade de todos os historiadores dos primeiros séculos e o testemunho de quase todos os santos Padres da Igreja, cujos escritos são admitidos pela mais áspera crítica.

Negando este fato, pode-se, com mil vezes mais razão, negar a existência de César, de Napoleão, de Lutero, de Colombo e de tantos outros vultos históricos.

III. Prova bíblica

Passemos agora à prova bíblica da mesma verdade, isto é, ao testemunho do próprio S. Pedro. S. Pedro remata a sua primeira epístola com estas palavras: *Saúda-vos a Igreja eleita que está em Babilônia e Marcos meu filho* (I Pedro 5,13).

Os protestantes de má fé, que só procuram na Bíblia o que lhes dá no goto, nem procuram qual é essa *Babilônia* de que se trata, e onde está situada uma tal Babilônia.

O exegeta consciencioso, ao contrário, examina as palavras, o contexto, para ver em que sentido, ou natural ou metafórico, devem ser tomadas.

Pois bem, caros protestantes, aqui a palavra *Babilônia* é tomada metaforicamente e significa *Roma,* como vou prová-lo.

S. Pedro, como chefe dos cristãos, que o governo perseguia em toda parte, era o objeto de uma vigilância contínua, de modo que era obrigado a esconder-se e a mudar de vez em quando de residência.

Escrevendo pois aos cristãos e podendo as cartas cair nas mãos de traidores, não convinha assinalasse o nome da cidade onde residia; por isso adotou o nome de *Babilônia*, em lembrança da antiga capital dos sírios, e também para exprimir a corrupção da grande metrópole romana. Eis a asserção: É preciso agora prová-la: O tal texto exige pois uma dupla prova:

1º *Que Babilônia* significa *Roma.*
2º *Que Marcos* acompanhou S. Pedro, que estava em *Roma.*

Provadas estas duas asserções, a citação bíblica tem toda a sua força de argumento insofismável.

Havia nesse tempo duas *Babilônias*: a Babilônia do Egito e a Babilônia da Assíria. A*primeira* só existiu de nome, era um simples presídio militar, e nenhum apóstolo fundou lá uma Igreja. Não pode, pois, tratar-se deste lugar.

A *segunda* não era mais senão uma simples ruína, sem habitantes, como afirmam historiadores pagãos desse tempo, como Estrabão, Plínio e outros – *Magnum desertum*, diz Estrabão (Geog, s. 18, c. 1).

Não pode, pois, tratar-se nem de uma nem de outra destas Babilônias em ruínas, onde nunca pisou um apóstolo. Fica, pois, o sentido metafórico da palavra, que significa a metrópole romana, ou a cidade de Roma. Tal é o sentido que de todo tempo os sábios, sejam católicos ou protestantes, tem atribuído a este texto de S. Pedro.

Vou prová-lo, de novo, para não deixar a menor escapatória à má fé dos biblistas, procurando dar-lhes assim umas noções de exegese que não possuem, e mostrar-lhes que a Bíblia, para ser compreendida, precisa, não de uma simples leitura, mas sim de um estudos sério e paciente.

Procurem, pelo menos, aproveitar das investigações e dos estudos dos católicos, como nós aproveitamos dos estudos sérios dos protestantes sinceros.

IV. S. Pedro, 1º Papa em Roma

Continuemos a explicação do texto de S. Pedro, já citado: “*Saúda-vos a Igreja eleita que está em Babilônia*(Roma)*e Marcos meu filho*” (I Ped 5,13).

Babilônia aqui significa Roma: todos os antigos intérpretes o afirmam *unânimes*: Pápias, Eusébio, Clemente, S. Jerônimo, etc.

Não pode ter outra significação, visto não haver cidade com o nome de Babilônia, aonde foram os apóstolos, e ainda, como vou mostrá-lo logo, porque Marcos, companheiro de S. Pedro, estava em Roma, neste tempo.

Escutemos a esse respeito um sábio protestante, cuja obra acabo de ler (Smith,*Dictionnary of the Bible*). “Em apoio de que a Babilônia significa tropicamente *Roma*, - diz dele, - cita-se uma tradição narrada por Eusébio, com a autoridade de Pápias e Clemente de Alexandria, para mostrar que a epístola de S. Pedro foi escrita em *Roma* figurada por Babilônia. Ecumênio e S. Jerônimo afirmam a mesma coisa”. “Esta opinião, - continua Smith, - é hoje geralmente adotada (*is the opinion generally adopted now*) e é sufragada por Grotius, Lardner, Cave, Hates, etc.” (todos protestantes notáveis).

O próprio Renan apesar da sua impiedade, é obrigado a adotar esta opinião: “No fim de desnortear as suspeitas da polícia de Roma, diz ele, Pedro, para designar Roma, escolhe o nome da antiga capital da impiedade asiática: Babilônia” (Renan, *Anticristo,* p. 122).

Aliás era costume corrente, entre os judeus, apelidar de Babilônia a cidade dos Césares, e o mesmo costume tinha-se transmitido entre os cristãos. A observação é de um exegeta notável dos costumes hebraicos e da interpretação de Talmud: *Judaeis solemne erat Romam Babylonem vocare* (Chr. Schoetgen, Hor. Hebr., p. 1050). Este autor cita vários textos dos rabinos em apoio desta asserção.

Eis, pois, outro fato fora de dúvida para quem sabe refletir e estudar: *S. Pedro escreveu a sua epístola de Roma.*

Uma outra prova desta asserção clara, positiva, e sem escapatória, é a segunda parte do texto citado: *Saúda-vos* (junto com a Igreja) *Marcos meu filho* (I Ped 5,13). Ora, Marcos nessa época achava-se em Roma, e não em Babilônia, é absolutamente certo, como o diz abertamente S. Paulo, em suas epístolas escritas durante o primeiro cativeiro nesta cidade: *Saúda-vos Aristarco e Marcos, primo de Barnabé I* (Col 4, 10). *Saúda-te Marcos* (Filip 5,24).

Eis o que é claro e positivo, Marcos, estando em Roma, em contato com S. Paulo, e saudando os fieis junto com S. Pedro: *Saúda-vos Marcos, meu filho,* prova claramente que S. Pedro escreveu de *Roma*, que por tropo ele chama de *Babilônia*.

V. Prova evangélica

E nem é tudo. O exame interno do nosso segundo Evangelho, em admirável consonância com os mais antigos testemunhos históricos, atesta que Marcos escreveu o seu Evangelho em Roma, sintetizando nele a pregação de S. Pedro, príncipe dos apóstolos.

Pápias, Justino, Irineu, Orígenes, Clemente, depõe contestes em favor desta verdade.

Eis pois a teste claramente provada. S. Pedro esteve em Roma, foi o primeiro bispo de Roma e escreveu de Roma a sua primeira epístola às diversas igrejas no *Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia,* como o papa dirige hoje ao mundo católico suas encíclicas doutrinais.

E a linguagem de S. Pedro é a de um príncipe dos apóstolos, de um chefe de Igreja, em outros termos: do primeiro papa: *Pedro, apóstolo de Jesus Cristo...graça e paz vos seja multiplicada* (I Pedro 1, 1-2).

Terminemos, pois, repetindo bem alto que S. Pedro foi o primeiro chefe, o *primeiro papa,* nomeado pelo próprio Jesus Cristo, residindo em Roma, onde até hoje residem os seus sucessores. É a grande prova da verdade da religião católica.

A instrução divina do *episcopado* é claramente afirmada na Escritura: *Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho, sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentares a Igreja de Deus a qual santificou pelo seu próprio sangue* (At 20,28).

No apocalipse, S. João se dirige a sete bispos da Ásia Menor.

Sem bispos, sem sacerdotes, e sem diáconos, não há Igreja, diz muito bem .S. Inácio de Antioquia (Ad Trall. 1,2).

O grande Leibniz, pondo a verdade acima dos preconceitos do protestantismo, escreve:*Não pode haver dúvida que o episcopado e o sacerdócio sejam de instituição divina e fornecem o distintivo da Igreja divina. Combater esta verdade é combater a Igreja e a Escritura* (Syst, theol., p. 302).

Bastaria isto para mostrar a um protestante sincero que ele trilha um caminho errado. O protestantismo, sem hierarquia, sem bispos, sem sacerdotes, sem chefe religioso, não pode ser a religião verdadeira, porque está em completa oposição com a organização feita por Jesus Cristo e claramente indicada na Escritura.

Eis pois bem provado – e só um fanatismo cego e ignorante não o compreenderá – que *S Pedro esteve em Roma; foi Bispo de Roma, foi o primeiro Papa,* nomeado por Cristo. No capítulo seguinte – em resposta à 6ª objeção – provarei que os papas são os legítimos sucessores de S. Pedro.

Pobre protestante, abra os olhos enquanto é tempo, e deixe de combater uma *verdade* refulgente como o sol em pleno dia.

CAPÍTULO XIII

O PAPA, SUCESSOR DE S. PEDRO

A sexta objeção de tal crente é a de provar que o *papa é vigário de Cristo e sucessor de S. Pedro.* Nada mais fácil. Não somente *um texto*, caro crente, mas muitos textos posso citar-lhe em abono desta verdade.

Vou provar-lhe claramente, pela história, pelo bom-senso e pela Sagrada Escritura, que o papa é o *sucessor* legítimo e verdadeiro de S. Pedro e, como tal, *depositário* de toda primazia, autoridade e poder do mesmo S. Pedro.

E depois de ler estas provas, se o amigo tiver sinceridade e bom-senso, será obrigado a reconhecer a verdade provada.

I. Transmissão do poder

O amigo quer um texto que prove que o papa é sucessor de S. Pedro; eu lhe peço um único texto que prove que ele não o seja. Esta verdade foi sempre aceita por todos, de modo que, para combatê-la em brecha, precisam provar com um texto, como pelo bom-senso, que estamos errados.

Ora, protestante só nega, nada afirma nem prova! Só quer que nós provemos. Pois bem! Provaremos, porque a verdade tem provas, enquanto o erro só ataques e negações.

Tome, pois, a sua Bíblia, pois é baseado sobre ela que vou mostrar-lhe a verdade da tese católica e o erro da negação protestante.

Abramos o evangelho, para aí verificar as palavras divinas da investidura perpétua dos apóstolos, para serem os *enviados* do Cristo (Mt 28, 18-20). *É-me dado todo o poder no céu e na terra; ide pois e ensinai a todos os povos e eis que estou convosco todos os dias até à consumação do mundo.*

Que quer dizer isto, caro crente?

Cristo tem todo o poder, é a primeira parte.

Cristo transmite este poder, é a segunda parte.

Aos sucessores dos apóstolos, é a terceira parte. É este terceiro ponto que os protestantes não sabem compreender, apesar da lógica insofismável.

Eu pergunto agora: Cristo transmitiu este poder unicamente aos apóstolos presentes? Não pode ser, pois os apóstolos deviam morrer um dia, como todos os homens morrem, ele diz:*estarei convosco até à consumação do mundo*. Devia dizer: *estarei convosco até ao fim de vossa vida.*

Ora, nada disso, promete estar com os apóstolos até ao fim do mundo. Que quer dizer isso? É simples. Cristo não se dirige aos apóstolos, como pessoas *físicas*, mas sim como um*corpo moral*, que deve perpetuar-se nos seus sucessores, e hão de durar até ao fim dos tempos. Que esplendor de evidência!

Estarei convosco, e com vossos sucessores, *até ao fim do mundo* (Mt 28,20). Este texto não pode ter outro sentido sem cair na mais flagrante contradição. Eis o que prova claramente que o bispo de Roma, que é o papa, é o *sucessor de S. Pedro.*

Vamos à segunda parte, mostrando que S. Pedro e seus sucessores *são vigários de Jesus Cristo.* Abra de novo a sua bíblia, amigo crente (Mt 16,18). Cristo pergunta aos apóstolos: *E vós que dizeis que eu sou?* (Mt, 16,15). Pedro, como chefe dos apóstolos, responde em nome de todos: *Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo* (Mt 16,16).

Jesus proclama Pedro bem-aventurado por ter sido escolhido pelo Padre eterno, a aquém ele mesmo revela esta grande verdade (Mt 16,17) e como para confirmar *aquele* que acabava de ser escolhido pelo Padre Eterno, Jesus diz a Pedro: *Eu te digo: tu és Pedro* (em aramaico pedra) *e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno* (que são os erros e as paixões) *nunca prevalecerão contra ela* (Mt 16,18).

Como isto é claro e positivo! Jesus Cristo muda o nome de *Simão*, em *pedra*(aramaico: Kephas, significa pedra e Pedro, numa única palavra, como em francês Pierre é o nome de uma pessoa e o nome do minério pedra).

Deus faz diversas vezes tais mudanças, para que o nome exprimisse o papel especial que deve representar a pessoa. Assim mudou o nome de Abrão em Abraão (Gn 17,5), para exprimir que devia ser o pai de muitos povos.

Mudou ainda o nome de Jacob em *Israel* (Gn 32,28) para significar a força contra Deus. Assim Jesus Cristo mudou o nome de Simão em Pedro, para significar que deve ser a *pedra*, sobre a qual estará fundada a Igreja, sendo o seu construtor o próprio Cristo.

E esta Igreja nunca poderá ser vencida nem corrompida pelo erro. Como isso pulveriza o protestantismo, que pretende que a Igreja de Pedro errou, viciou-se e foi reformada por Lutero! Neste caso, falhou a palavra de Cristo! Cristo mentiu! ... e as portas do inferno prevaleceram contra a Igreja fundada sobre Pedro, feito pedra. Pobre crente, reflete um instante.

II. Tu es Petrus

Este texto é capital e de uma significação transcendente. Sobre a sua clareza meridiana, não levantaram a menor sombra de dúvida quinze séculos de cristianismo.

A interpretação pessoal protestante envolveu este texto numa névoa tão densa de sofismas, que eles julgam ter abatido este farol luminosos, que entretanto continua e continuará sempre a iluminar este mundo.

O texto, de fato, é tão claro, que todos os sofismas tem de abater-se diante de seu fulgor. Ele não precisa de explicação ou de comentário, basta-lhe a própria luz e a serenidade do leitor.

Tu es Petrus... Qual é a interpretação literal destas palavras? Qual o seu valor demonstrativo?

Pelo seu sentido literal, imediato, S. Pedro é constituído pedra fundamental da Igreja.

Para iludir as momentosas consequências deste sentido óbvio e espontâneo, os pastores protestantes costumam distinguir entre *Pedro* e *pedra.* Eis como eles raciocinam:

O *Pedro* do primeiro membro: *tu es Petrus,* é o apóstolo.

A *Pedra* do segundo: *super hanc petram,* é Cristo. Sobre esta pedra (não sobre S. Pedro) foi edificada a Igreja.

Tal distinção é injustificada, ridícula, contrária às regras comezinhas da hermenêutica.

Quem, livre de preconceitos, lê o passo de S. Mateus, fica logo persuadido que em todo ele Cristo se dirige a Pedro.

Et ego dico tibi, quia tu es Petrus,et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam (Mt 16, 18). *E eu te digo, tu es Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos céus: e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado também nos céus.*

Em toda essa passagem é claro que o Salvador se dirige exclusivamente a Pedro; sem o mínimo desvio nas palavras, nem no sentido.

Eu te digo... tu és Pedro... Sobre esta pedra edificarei... Eu te darei... O que desatares...

S. Pedro é a pessoa a quem tudo é dirigido... é ele o centro de todo este texto.

Todos os membros do texto se articulam, seguem-se num todo, cuja continuidade não é possível interromper sem lhe quebrar as harmonias divinas.

Admitindo-se a interpretação protestante cai-se necessariamente no mais ridículo disparate. Eles dizem que o sentido é o seguinte:

Eu te digo: Tu és Pedro, e eu edificarei a minha Igreja sobre mim... e eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo o que desatares... Poderá haver mais desconjuntada incoerência de sentido? Mais desalinho de construção?

É impossível imaginar no espírito divino Mestre tanta versatilidade de idéias e tão incoerente falar.

Que coisa ridícula seria admitir que o Salvador nem soubesse exprimir uma verdade tão fundamental, como é a da supremacia do chefe da Igreja.

Tu és Pedro, diz o Mestre, e os protestantes dizem que não, que a pedra é Cristo.

É como se Jesus Cristo dissesse: *Simão, tu és pedra, mas não edificarei sobre ti a minha Igreja, porque não é pedra, senão sobre mim.*

Uma tal linguagem não seria indigna de lábios divinos!?... Não, não... tudo isso é grotesco... Não há necessidade de tantos rodeios, de tanta explicação: *Tu és pedra.*

Tal pedra é Pedro, e é sobre Pedro que Cristo edificou sua Igreja.

III. Vigário de Cristo

Concluamos com uma citação do Pe. Leonel Franca: a *Igreja e a Reforma*, que aconselho ao crente de ler e de estudar.

O Evangelho nos diz que Pedro é o fundamento sobre o qual Jesus construiu a sua Igreja, sociedade visível que há de durar até ao fim dos tempos e contra a qual não hão de prevalecer as portas do inferno. De um lado afirma a *perenidade* da Igreja; de outro constitui a Pedro sua*pedra fundamental.* Ora a perpetuidade de um edifício é essencialmente condicionada pela estabilidade de seus alicerces. Repudiando esta pedra fundamental, que é a sua autoridade de governo, a Igreja apartar-se-ia das intenções de Cristo, destruiria a própria organização constitucional que lhe impôs a vontade de seu divino Fundador.

No dia em que viesse a falta o principado hierárquico de *Simão*, a pedra escolhida pelo Salvador, as portas do inferno teriam prevalecido. Sem base, o edifício cairia em inevitável ruína.

Esse dia não despontará nunca! Há 20 séculos que todos os poderes da terra, coligados, arremetem-se contra essa rocha firmada pela mão de Deus. há 20 séculos que a dinastia dos sucessores de Pedro continua na história, como um milagre vivo, sem exemplo na ordem moral.

Digitus Dei est hic! É o selo da divindade. Reflita sobre isso, caro crente, e em vez de atacar, incline-se reverente diante deste milagre permanente, de Pedro sobrevivendo em seus sucessores *até ao fim do mundo* (Mt 28,20), diante do papa, sucessor de S. Pedro e vigário de Cristo, como o foi o próprio Pedro.

CAPÍTULO XIV

A CONFISSÃO

Em 7° lugar, o crente pede um texto, que prove que *os padres podem perdoar os pecados.*

Pois não; seguem-se aqui textos; porém espero que o amigo crente há de citar-me também um texto que prove que os padres não podem perdoar os pecados, um só... É pouca exigência, não é?...

Certo de que o tal texto nunca será apresentado, eu vou já satisfazer o meu crente, e até além de seu pedido.

I. *O que é a confissão*

Que é a confissão? *É um sacramento instituído por Jesus Cristo no qual o sacerdote, em nome de Deus, perdoa os pecados cometidos depois do batismo.*

Qualquer criança de catecismo sabe isso de cor.

Eis a asserção; escute agora as *provas*. Diga lá: Os homens precisam ou não precisam de perdão?... Isto é: os homens pecam ou não pecam? O Espírito Santo responde por todos, até pelos biblistas. *O justo cai sete vezes por dia* (Prov 24,16). E se o próprio justo cai sete vezes, que será do pobre que não é justo?

Não há homem que não peque (Ecle 7,21). E *aquele que diz que não tem pecado,* diz S. João, *faz Deus mentiroso* (I Jo 1,10).

Ora, se todo homem é pecador, e se o pecado não pode entrar no céu, deve haver um meio de alcançar perdão deste pecado, visto o homem ser destinado ao céu.

Nesta porta do Senhor, só o justo pode entrar (Sl 117,20). *Não sabeis que os pecadores não possuirão o reino de Deus?* (I Cor 6,9).

II. Sua necessidade

E qual é este meio? É a confissão, nos diz S. João. *Se confessarmos os nossos pecados,* diz o apóstolo, *ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e purificar-nos de toda injustiça* (I Jo 1,8).

Examine isso, amigo crente, se o texto figura em sua Bíblia.

O Espírito Santo o tinha dito já muito antes do Apóstolo: *Aquele que esconde seus crimes não será purificado; aquele, ao contrário, que se confessar e deixar seus crimes, alcançará a misericórdia* (Prov 28,13). *Não vos demoreis no erro dos ímpios,* diz ainda o Espírito Santo, *mas confessai-vos antes de morrer* (Ecli 17,26).

Eis a necessidade de confissão para todos os homens, antes de Jesus Cristo, como depois. De fato mostrarei que a *confissão* não é propriamente uma criação nova feita por Jesus Cristo, mas, que existindo já no Antigo Testamento, foi por ele elevada à dignidade de sacramento. Modificou-a, sem dúvida, porém já havia entre os judeus uma coisa que muito se lhe assemelhava.

Jesus Cristo, conhecendo a fraqueza humana e querendo salvar seus filhos, instituiu este grande sacramento de misericórdia.

Escute bem, caro crente, e além dos textos do bom-senso, verifique bem os textos das Escrituras, que são claros e positivos. Vou provar-lhe aqui duas coisas:

1° Que Cristo podia perdoar os pecados;

2° que ele comunicou este mesmo poder aos apóstolos, que eram os primeiros padres

III. Cristo pode perdoar pecados

Diz S. Mateus (9, 2-7): *Jesus curou um homem paralítico e lhe disse: tem confiança – os teus pecados te são perdoados.* Dizem os Judeus: *Este blasfema.* Jesus responde que faz este milagre para que saibam que: *O Filho do Homem tem, na terra, o poder de perdoar os pecados* (Mt 9,6). *E a multidão, vendo isto, maravilhou-se e glorificou a Deus que dava tal poder aos homens* (Mt 9,8). Que quer dizer isto, amigo biblista?

Agora um pouco de reflexão sobre o texto inspirado no Evangelho. Jesus Cristo faz aqui um milagre para provar que, *como homem*, pode perdoar os pecados, por isso ele diz: *O Filho do homem tem, na terra, o poder de perdoar os pecados* (Mt 9,6). E o povo glorifica a Deus, *que deu tal poder aos homens* (Mt 9,8). Eis uma prova de que Jesus Cristo, mesmo como homem, havia recebido este poder de seu Pai.

IV. Comunicou este poder

E como comunicou ele este poder aos seus apóstolos? Escute bem, porque aqui está a força do argumento católico e a ruína da negação protestante.

No dia da sua ressurreição, como para significar que a confissão é uma espécie de ressurreição espiritual do pecador, *apareceu no meio dos apóstolos... e, mostrando-lhes as suas mãos e seu lado..., lhes disse: A paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós* (Jo 21,21).

Ora, Jesus Cristo, como homem, tinha, como acabo de mostrá-lo, recebido de seu Pai o poder de perdoar os pecados; logo, ele deu este poder aos seus apóstolos.

Nota bem cada palavra deste texto, pois Cristo sabia falar e compreendia a significação de cada palavra. Ele diz: *Assim como meu Pai me enviou,* isto é, com o poder de perdoar os pecados, *assim eu vos envio a vós,* isso é, *eu vos envio* dotados do mesmo poder, fazendo o que fiz, perdoando os pecados, como eu os perdoei. Pode ser mais claro e mais positivo?

E, para dissipar a última possibilidade de dúvida ou de sofisma, Cristo continua,*soprando sobre eles* (Jo 21, 22): *Recebei o Espírito Santo...* como se dissesse: Recebei um poder divino... só Deus pode perdoar pecados: pois bem... *Recebei este poder divino* (Jo 21,22). *Àquele a quem perdoares os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos* (Jo 21,23). Pode isso ser mais claro? Impossível! Veja o mesmo texto em S. Mateus (18,18).

A conclusão é rigorosa: Cristo podia perdoar os pecados. Ele comunicou este poder aos apóstolos e por eles aos sucessores dos apóstolos; pois a Igreja é uma sociedade *que deve durar até ao fim do mundo* (Mt 28,20).

Se Cristo deu aos sacerdotes o *poder* de perdoar os pecados, impôs aos fiéis o *dever* de confessar estes pecados, porque *poder* e *dever* são correlativos. Todo poder impõe um dever, e não pode haver *poder* numa pessoa sem que exista um *dever* numa outra pessoa. Eis a instituição divina da confissão provada por *muitos textos* e com uma lógica irrefutável.

Só um cego para não ver e protestante obcecado para não compreender. Para que serve então a bíblia, se os textos mais claros não são compreendidos: só sendo castigo de Deus!...*Têm olhos e não enxergam,* diz o salmista: *têm ouvidos e não ouvem* (Sl 113, 5-6).

V. No Antigo Testamento

Sendo este assunto de inigualável importância e sendo contra ele que os protestantes costumam dirigir suas baterias de ódio, não será inútil entrar em mais alguns pormenores deste grande sacramento da misericórdia divina.

Quero mostrar-lhe, caro crente, que o Senhor nem saber ler sua Bíblia, nem compreender os seus ensinamentos. Não somente a confissão existe como sacramento, instituído por Jesus Cristo, mas já existia uma espécie de confissão no Antigo Testamento, de que a Bíblia fala em muitos lugares. Escute bem, sim? E verifique os textos.

Eis um texto dos *Números I* (5, 6-7): *Quando um homem ou uma mulher tiver cometido um dos pecados mais comuns à humanidade, ou por negligência tiver violado os mandamentos do Senhor, confessará os pecados, restituirá àquele contra quem pecou a justa indenização do mal que lhe tiver causado, juntando-lhe a quinta parte.*

Aí está não só a confissão, mas ainda a penitência e a restituição, absolutamente como faz a Igreja católica. Este Moisés era bem pouco protestante, não acha, amigo crente? Já prescrevia a confissão, antes da vinda de Cristo... é por isso que Jesus disse que *não vinha destruir a lei, mas cumpri-la,* e que S. Mateus diz que *os profetas e a lei, até João, profetizaram* (Mt 11,13). Eis, pois, a profecia da nossa confissão e a resposta, ou condenação antecipada da negação protestante. Há muitos outros textos deste gênero, porém seria fastidioso prolongá-los (p. ex.: Prov 28,13; Ecli 6,24).

No tempo da vinda de Jesus existia essa prática da confissão, como se pode ver na pregação de João Batista, onde é dito que *todos vinham ter com ele, da região da Judéia e de Jerusalém, confessavam os seus pecados e ele os batizava no rio Jordão* (Mt 3, 5-6). Que bomba para os *batistas*, que imitam tão pouco seu modelo!... Vê-se que S. João Batista não tinha nada de protestante, nem de batista!... Não somente S. Mateus (3,6) e S. Marcos (1,5) mostram a confissão usada entre os judeus, mas o livro dos Atos refere que quem se convertia *vinha fazer a confissão das suas culpas* (At 19,18).

Daquela época até hoje, a história atesta que sempre a confissão foi praticada pelos cristãos: imperadores, reis, bispos, sacerdotes, assim como pelos simples fiéis dos quais citam os confessores.

VI. Confessar-se a Deus

E não objetem os cegos protestantes, no afã inglório de fabricar objeções, que tal confissão consistia em *confessar os pecados a Deus.* É preciso ser cego para não ver o absurdo de tal subterfúgio.

Pensariam eles que um criminoso prestes a ser executado faria realmente uma *confissão*, se se contentasse de confessar os seus pecados a Deus, no coração? Não. Cada execução que se tem efetuado, tem provado justamente o contrário.

A confissão é a revelação do pecado a um homem. Para que confessar seus pecados a Deus? Deus conhece todas as coisas e não tem que fazer com tal confissão. Além disso, vê-se no texto dos *Números* que a confissão devia ser feita a um homem, como a restituição da coisa tomada.

Aliás, S. Tiago é explícito a esse respeito: *Confessai os vossos pecados uns aos outros,* diz ele, *e orai uns pelos outros, a fim de que sejais salvos* (Tgo, 5,16). Uns aos outros! Isto é: confessai os vossos pecados a um homem, que tenha recebido o poder de perdoá-los.

S. Tiago fala aqui na confissão dos pecados, *pública* ou *particular*, porque tanto uma como outra é suficiente, e da confissão feita aos sacerdotes, que são os únicos que tem o poder de absolver. De que serviria, com efeito, confessar pecados íntimos ao público, que não os pode absolver, e ficaria escandalizado?

Além disto, quem quereria confessar os seus pecados àqueles que poderiam divulgá-los e fazer perder a boa reputação? Os protestantes gritam contra a confissão *auricular*, isto é, particular, feita na intimidade. Sendo só isso, fiquem sossegados, pois, se a confissão*auricular* é suficiente, não é exigida e é permitido fazer a confissão pública... até na praça pública, se quiserem: basta o sacerdote estar presente para absolver. Deus não exige isso, pois em parte alguma figura a palavra *confissão pública*; porém, querendo fazer mais do que a lei ordena, é permitido...

VII. A declaração dos pecados

Agora mais um pequeno raciocínio sobre os muitos textos já citados, meu caro crente. Está, pois, bem provado que o padre pode perdoar os pecados; nada mais claro: *Aquele a quem perdoardes os pecados, serão perdoados* (Jo 20,13).

Convém notar que ninguém pode perdoar sem saber o que perdoa. Não é assim? O sacerdote é um *juiz* que deve decidir quais são os pecados que devem ser absolvidos. Ora, um juiz não pode pronunciar uma decisão sem ter conhecimento da causa. É, pois, necessário o pecador declarar seus pecados ao sacerdote. A conclusão é inevitável.

E não dizer – como certos crentes fazem – que o padre não é juiz, mas declara apenas que os pecados são perdoados. Não! O poder, que Jesus Cristo deu aos apóstolos, é o poder de*ligar* e de *desligar* e não o poder de declarar que o penitente está ligado ou desligado. Cristo disse, antes de comunicar este poder: *Eu vos darei as chaves do reino do céu* (Mt 16,19). Ora, as chaves são dadas para abrir e fechar a porta, e não para declarar que a porta está aberta ou fechada.

S. Agostinho diz muito a propósito: Peço diante de Deus, que conhece o meu coração e me perdoará. Jesus Cristo teria dito, então, sem razão: *o que desligardes na terra será desligado no céu?* Foram então as chaves dadas à Igreja, sem algum fim? (Rom 10,49 t. 10).

VIII. Conclusão

Eis, caros protestantes, provado pelo bom-senso e pela Bíblia que a confissão não é invenção dos padres, mas uma *instituição* verdadeiramente *divina.*

Instituição figurada e praticada no Antigo Testamento, e elevada por Jesus Cristo à dignidade de sacramento, da nova lei. O Antigo Testamento era figura da realidade instituída por Cristo. *Examinai pois as escrituras,* amigos, e

sabereis compreender o que elas ensinam e prescrevem: *A letra mata, o espírito vivifica* (2 Cor 3,6). É preciso não somente ler, mas*compreender* a Bíblia, do contrário, não passam de simples papagaios ou araras.

A Igreja católica não receia a luz, nem o estudo, só receia a ignorância.

CAPÍTULO XV

A EUCARISTIA

O crente, no afã de produzir objeções, confunde tudo e tudo mistura. Prova que ele mesmo não compreende o que está ensinando.

Na 8ª objeção fala no *vinho da ceia*: na 9ª na *missa* romana e na 10ª do *poder* dos padres de mudar o pão e o vinho no corpo e no sangue do Senhor.

Não vê que tudo isso é uma só e mesma coisa! É como quem perguntasse: Que é uma casa? Uma morada? Uma habitação? Um prédio? ... uma vivenda? Tudo isso é mais ou menos a mesma coisa! Uma tal mixórdia mostra que tais crente vão copiando um dos outros estas objeções, sem lhes compreenderem a significação.

Pois bem, escute, amigo crente, eu vou pôr em ordem lógica as suas elucubrações e fazer brilhar nesta balbúrdia obscura uma luz tão clara, que, não tapando os olhos com os dois punhos, há de distinguir a verdade e será obrigado (se o seu orgulho o permitir) a exclamar: *"O Padre tem razão"!* e eu estou enganado!" ou melhor: "Eu não sabia, porém agora sei, compreendo, prostro-me de joelhos, e adoro o que estava blasfemando".

Para não deixar subsistir a mínima dúvida ou obscuridade, tenho de provar-lhe aqui quatro coisas importantíssimas, todas quatro negadas pelos protestantes.

1. *Jesus está verdadeiramente presente na Eucaristia.*
2. *A missa foi instituída por Jesus Cristo.*
3. *O padre tem o poder de mudar o pão e o vinho no corpo e sangue de Cristo.*
4. *Basta a comunhão de uma espécie.*

Eis o resumo pleno e completo das três objeções 8,9, 10 e mais qualquer coisa, que não soube objetar porque o ignorava. Podia limitar-me em citar simplesmente o texto pedido, porém, escrevendo, tanto para robustecer a fé dos católicos, quanto para refutar os erros protestantes, quero fazer uma exposição sucinta, clara e insofismável, do mais belo e mais sublime mistério da nossa santa religião: a sagrada, a divina Eucaristia.

I. A presença real

A palavra *Eucaristia* provém de duas palavras gregaseu-cháris: *ação de graça,* e designa a presença real e substancial de Jesus Cristo sob as aparências de pão e vinho.

Os protestantes hodiernos, pelas suas contínuas mudanças, são milhares de divisões em seitas, não acreditam mais na presença de Jesus na hóstia sagrada.

Lutero, menos tolo que seus netinhos, sempre acreditou na presença real de Cristo na Eucaristia, e encarregou-se de responder ele mesmo às objeções de seus degenerados filhos.

Em carta a seu amigo Argentino (*De euch. Dist. I, art.*) falando sobre o texto evangélico "*Isto é o meu corpo*", ele diz: "Eu quereria que alguém fosse assaz hábil para persuadir-me de que na Eucaristia não se contém senão pão e vinho:

esse me prestaria um grande serviço. Eu tenho trabalhado nessa questão a suar; porém confesso que estou encadeado, e não vejo nenhum meio de sair daí. O texto do Evangelho *é claro demais*” (*Textus Evangelicus est nimis apertus*).

O mesmo Lutero diz ainda: “Que me apresentem a sua Bíblia, e mostrem-me onde se acham estas palavras: “Isto é o sinal do meu corpo!” Uns torturam o pronome *isto*; outros apegam-se ao verbo *é*; um terceiro dilacera a palavra *corpo*; outros, enfim, tratam como algoz o texto inteiro (*alii totum textum excarnificant*). (In Ap. Com. Dom. V, 17, p. 100).

II. A negação desta verdade

Escutai o vosso pai, ó protestantes, só esta desviação e mudança é uma prova clara de que estais fora da verdade.

A verdade não muda: O vosso ensino mudou e muda; está, pois, errado.

Escutai ainda Lutero refutar a vossa ousadia: “A despeito de todos os meus desejos. – diz ele, – e de todos os meus esforços, jamais pude impelir o meu espírito a essa negação atrevida” (Ep. Cor. amic.).

Em outra parte ele diz: “A negação da presença real é uma evidente blasfêmia, uma negação da veracidade divina”. Ele chama aqueles que a negam: “*Um bando de miseráveis endiabrados*”.

Mas então, ó protestantes, qual é a vossa religião? Não é a da Bíblia. Pois a Bíblia diz o contrário. Não é de Jesus Cristo, pois Cristo diz o contrário. Não é a da Igreja católica, ela também diz o contrário. Não é a de Lutero, pois o próprio Lutero diz o contrário.

Donde vem a vossa religião?... donde? ... se não vem nem de Deus, nem dos homens? Donde vem? Respondei: só sendo do *demônio*!

Pobres protestantes, a vós, também, Cristo poderia repetir as palavras que dirigiu aos fariseus (Jo 8, 43-45): *Por que não podeis ouvir a minha palavra? Vós tendes por pai o demônio, e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há verdade nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas a mim, quando falo a verdade, não credes.*

Eis o que Cristo vos brada... Ele afirma que está presente e vós o negais.

Lutero, vosso pai, apesar de seu desejo de negar este mistério, declara ser impossível fazê-lo, porque o evangelho é claro demais – e entretanto vós, protestantes, tendes a ousadia de fazer tal negação. Só o demônio: *Vos ex patre diabolô estis* (Jo 8,44).

III. Os culpados do erro

Tenho dó e compaixão dos pobres ignorantes, iludidos pelos *pastores satânicos,* que enganam por interesse ou orgulho; porém sinto a indignação invadir-me contra aqueles que Lutero chama “*um bando de miseráveis endiabrados*”.

Notai isso, pastores! O epíteto não é meu, é um mimo do vosso pai Lutero.

Vós, pastores, ou sois *ignorantes* estupendos, ou sois *perversos* desavergonhados.

No primeiro caso, precisais estudar para conhecer a verdade; no segundo caso, é preciso criar sinceridade não enganar os pobres cristãos, que fazeis apostatar, renegar a fé de seus pais, para adotar uma seita em que vós mesmos não acreditais, nem podeis acreditar.

Um homem inteligente não pode acreditar no protestantismo, porque é uma balbúrdia, um labirinto sem saída, uma pura *negação*.

Sois vós os culpados, ó pastores, vós que vos intitulais “*ministros*”, sem *missão* e sem autoridade. Vós que explicais a Bíblia, dizendo ao mesmo tempo que a Bíblia não precisa de explicação, porque é clara como a água cristalina. Sois vós os culpados!

Ó fariseus, sois bem aqueles *mestres mentirosos, que introduzem seitas de perdição*, dos quais predisse S. Pedro (2 Ped 2,1) e que depois, reconhecendo o erro – pois é impossível que um homem de bom-senso não o reconheça – sustentais este erro por orgulho ou por sórdido interesse.

Se S. Paulo ainda estivesse na terra, vos escreveria com mais veemência ainda do que escrevia aos Romanos (2, 19-23).

Confiais, ó pastores, que sois guias dos cegos, e luz dos que estão nas trevas; instruidores dos néscios, mestres de crianças, que tendes a forma da ciência e da verdade na lei. Vós, pois, que ensinais aos outros, não vos ensinais a vos mesmos? Vós que pregais, que vos gloriais na lei, desonrais a Deus pela transgressão da lei.

IV. Quem tem razão?

A Igreja católica, apoiada sobre a palavra positiva de Cristo, diz: *Jesus Cristo está verdadeiramente presente na Eucaristia.*

O protestante hodierno diz: “Cristo não está presente, porque eu digo que não está”; é a única razão da negação.

Quem dos dois terá razão: Cristo-Deus – ou o protestante revoltoso?

Vamos examinar o fato, não somente com *um texto*, mas com uma *série de textos*, que o crente (se ainda acredita na Bíblia) terá a bondade de verificar e de meditar, porque é uma página divina, que vou citar aqui, a qual se devia ler de joelho e em atitude de adoração.

Eis, em S. João, os termos de que Jesus Cristo serviu, falando a primeira vez deste grande sacramento (6, 48-59): 48. *Eu sou o pão da vida: vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. 50. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. 51. Eu sou o pão vivo, que desci do céu. 52. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente, e o pão que eu darei é a minha carne, para a vida do mundo.*

Que clareza nestas palavras!... Que quer dizer isso, ó crente: *Eu sou o pão vivo – o pão que eu darei é a minha carne.* É ou não é a carne de Cristo? É ou não é Cristo que será o pão que deve ser comido?... Deixe de cegueira e compreenda a palavra de Deus. Deus sabia falar e compreendia a significação das palavras!... Ou o amigo quer dar a Cristo uma lição de gramática ou sintaxe?

V. Uma página divina

E não é só isso!... Cristo continua, cada vez mais positivo e mais claro: *54.Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. 55. O que comer a minha carne e beber o meu sangue terá a vida eterna. 56. Porque a minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é verdadeiramente bebida. 57. O que come a minha carne e bebe o meu sangue, fica em mim e eu nele. 58. O que me come... viverá por mim. 59. Este é o pão que desceu do céu... O que come este pão, viverá eternamente.*

Quanta página divina! Oh! Diga-me, pobre crente, trata-se do corpo de Cristo feito pão para ser comido ou não? – Ou trata-se simplesmente de um pedaço de pão de padaria? *...Minha carne é comida – O que me come...* Não é isso o próprio Jesus Cristo feito pão para ser comido? Como se pode interpretar isto de outro modo? Ou o amigo não acredita na Bíblia, na palavra de Cristo, ou deve confessar que Cristo se deu verdadeiramente como comida aos homens, na sagrada eucaristia.

Então: *Ou rasgue sua bíblia, ou faça-se católico!* Não há logicamente outra saída. Protestante não pode ficar! Ou ateu o católico. Ou não acredite em nada, ou tem de acreditar no ensino católico!

VI. Cristo e o protestante

Cristo afirma, repete, reafirma, e explica que o pão que ele vai dar é o *seu próprio corpo*– que seu corpo é uma *comida* – que seu sangue é uma *bebida* – que é um pão celeste que dá a vida eterna. E tudo isso é positivo, repetido mais de 50 vezes, sem deixar subsistir a mais leve hesitação.

E tu, ó protestante, tens a audácia de dizer: Cristo não está na Eucaristia! O corpo de Cristo não é comida. Tudo isso é uma imagem, é uma representação, é uma ceia, onde se come um pedaço de pão em lembrança de Cristo.

Pobre, pobre protestante!... tu és um cego, ou um ímpio – ou tu és mais que o próprio Deus, ou tu és Satanás.

Cristo diz: *Este pão é o meu corpo.* O protestante exclama: Não, Senhor, é um pedaço de pão!

Cristo ajunta: *Minha carne é verdadeiramente comida.* O protestante objeta: Não, Senhor, este pão não é tua carne!

Cristo completa: *O que me come...viverá por mim.* O protestante insiste: Não, Senhor, não comemos a ti, é simplesmente um pedaço de pão!

Cristo repete: *O que come a minha carne, fica em mim.* O protestante blasfema: Não, Senhor, não é a tua carne, porque eu não o quero; é uma ceia, uma simples lembrança!... Tu estás enganado, ó Cristo, não entendes a bíblia... De tudo o que tu afirmas, nada é verdade. Este pão do céu não existe... Este pão não é o teu corpo... Este vinho não é o teu sangue. Teu corpo não é comida. Teu sangue não é bebida.

VII. Pobre protestante

E se Cristo, num gesto de infinita compaixão para o louco protestante, lhe perguntasse:

Mas por que não o é? Eu, que sou Deus onipotente, eu *digo que* é, como podes tu dizer o contrário?...

O protestante responderia: Não, este pão não é o teu corpo, teu corpo não é comida... porque *eu não o quero!*

Pobre protestante! Reflete um instante, e compreenderás que estás em revolta contra Deus. Fazes da tua Bíblia um ídolo que adoras, e desprezas as verdades que a Bíblia ensina.

Oh! como S. Paulo teve razão quando escreveu aos Romanos (1, 21-22): *Tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus...antes desvaneceram. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.*

Ó homens de bom-senso, cujo coração não está ainda obcecado, dizei-os: Quem tem razão: Nós, católicos, que aceitamos a palavra de Deus em seu sentido óbvio, natural e positivo, ou o pobre protestante que a deturpa, violenta ou rejeita?

Quem diz a verdade: Jesus Cristo, que é Deus, ou o protestante, que é um revoltoso?

Quem conhece melhor a bíblia: Cristo que afirma, ou o protestante que nega? Oh! deixa de graças, pobre crente, deixa de blasfemar contra Deus, sê maometano, sê budista, ou judeu, se quiseres, porém deixa de dizer-te discípulo de Cristo, renegando e insultando os ensino do mesmo Cristo.

Um tal procedimento revolta o bom-senso, a lealdade, a consciência humana.

Se Cristo voltasse à terra, com que veemência ele repetiria em frente das vossas casas de culto, dirigindo-se aos vossos falsos ministros: *Ai de vós, fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, porque nem vós entrais, nem deixais entrar aqueles que o desejam*(Mt 23,13). *Ai de vós... hipócritas, porque percorreis mar e terra para fazer um prosélito, e depois de o ter ganho, o fazeis filho do inferno, duas vezes mais do que vós* (Mt 23,15).

Viva Cristo: ele só possui a verdade! Abaixo os blasfemadores e protestantes, que, com Judas, beijam Cristo na fronte para melhor atraiçoá-lo e vende-lo! Vai! O brasileiro é católico e não vende nem sua fé, nem sua alma!

VIII. Promessa da Eucaristia

Para não deixar subsistir a mínima dúvida a respeito de sua presença real, na sagrada Eucaristia, Jesus Cristo permite que haja oposição da parte dos judeus e como escândalo da parte dos seus próprios apóstolos.

As palavras que ele acaba de proferir: *Minha carne é verdadeiramente comida. O que me come, vive por mim* (Jo 6, 56-58) são tão positivas e tão claras que os judeus não são iludidos.

Eles entendem que se trata verdadeiramente da *carne* de Cristo, que deve ser *comida,* e a prova é que se revoltam.

Como, dizem eles, *pode este dar-nos a sua carne a comer?* (Jo 6,53).

Jesus ouve, compreende, e sabe que os judeus vão afastar-se dele por não poderem suportar uma verdade tão nova e inverossímil.

Retiram-se murmurando. *é duro demais, quem pode ouvir uma tal linguagem!* (Jo 6,61).

Até no meio dos discípulos está se produzindo uma divisão: *Desde então, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele* (Jo 6,67).

Que fará Jesus? Irá buscá-los? Se fosse simplesmente uma comparação, uma figura, um tropo, não devia ele dissipar o equívoco?

Entretanto nada disso. Vira-se do lado dos seus apóstolos, e num tom que não admite réplica, pergunta a queima-roupa: *E vós também quereis abandonar-me?* (Jo 6,68). É como se dissesse: É a tomar ou a deixar! A verdade é esta, e não muda.

E foi nesta hora que S. Pedro lançou este sublime brado de fé: *Senhor, para quem havemos de ir? Tu tens as palavras de vida eterna. E nós cremos e conhecemos que tu és Cristo, o Filho de Deus!* (Jo 6, 67-70).

IX. Crer ou blasfemar

Como tudo isso é sublime!... é divino! É a cena da promessa da Eucaristia, não é a instituição ainda... porém vê-se como Jesus preparava o espírito dos seus apóstolos para a cena inaudita da instituição deste divino sacramento.

Ó pobre protestante, seja sincero e diga-me: Seria possível Cristo ser mais claro e mais positivo? E de outro lado, seria possível – seria o extremo do ridículo! Seria possível Cristo empregar palavras tão majestosas, para prometer-nos simplesmente *um pedaço de pão,* que devemos comer em sua lembrança?

Não sentes, ó crente, que seria indigno de Deus!?... Fazer um tal discurso... expor-se a perder seus discípulos fiéis... escandalizar judeus e apóstolos... unicamente por causa de *um pedaço de pão!*

Não!... É impossível! Jesus Cristo fala aqui de seu próprio corpo, que deve, na sagrada eucaristia, ser o alimento vivo das nossas almas.

O erro é impossível... não há outra saída senão a revolta e a blasfêmia.

É o que disseram os discípulos infiéis... é o que estais fazendo, pobres protestantes!

Crer ou blasfemar! Não quereis crer na palavra divina... por isso blasfemais a mais sublime das invenções do amor de Deus! repetindo, em pleno século de luz, o brado revoltoso dos fariseus do Evangelho: Não é a carne de Cristo, é simplesmente um vulgar pedaço de pão.

X. A instituição

O espírito dos apóstolos estava admiravelmente preparado para receber o *dom* da Eucaristia.

Por isso, na última ceia, não há mais nem discussão, nem contestação, nem admiração. Os apóstolos conhecem o coração do divino Mestre; conhecem o seu poder; sabem o que ele vai fazer. Calam-se e adoram.

Leia as palavras da instituição, tudo é de uma simplicidade divina e de uma clareza mais divina ainda.

O dia está escolhido; é a véspera da sua morte, em meio das ternuras lacerantes do adeus, neste momento onde, deixando aqueles que se amam, fala-se com mais coração e com mais firmeza, porque, estando para morrer, não se estará mais para explicar ou interpretar as próprias palavras. Neste momento, pois, num festim preparado com solenidade (Lc 22,12), impacientemente desejado (Lc 22,15), eis que se passa:

Quando estavam ceando, Jesus tomou o pão, benzeu- e partiu-o, e deu-o a seus discípulos, dizendo: Tomai e comei, isto é o meu corpo, que *é dado por vós. – Fazei isto em memória de mim* (Lc 22,19).

E tomando o cálice, deu graças, e o deu a eles, dizendo: Bebei deste todos, porque isto é o meu sangue do novo testamento, que será derramado por muitos, para a remissão dos pecados (Mt 26, 27-28).

Que simplicidade e que precisão nos termos!... que ausência de frases; sente-se em cada palavra uma autoridade divina!

O original grego é mais forte ainda: *Isto é o meu corpo, meu próprio corpo, o mesmo que é dado por vós. – Isto é o meu sangue, meu próprio sangue da nova aliança, o sangue derramado por vós em remissão dos pecados.*

E no texto siríaco, tão antigo como o grego, feito no tempo dos apóstolos, diz-se: *O que se nos dá "é o próprio corpo de Jesus, seu próprio sangue".*

Que simplicidade! Ainda uma vez. Leia isso, pobre crente, e veja se há jeito de dar a estes textos outro sentido senão o da *presença real* do corpo e do sangue de Cristo, no pão e no vinho eucarísticos!

Se Jesus quisesse dar um simples *sinal*, ele o teria dito. Quando ele usa de parábolas, de tropos ou similitudes, ele o faz de modo que todos o compreendam.

Aqui, sem nada explicar, nem antes, nem depois, Jesus diz: *isto é o meu corpo.*

Ó Jesus! Que precisão!... e ao mesmo tempo: que autoridade! Quanto poder nestas palavras: *Lázaro, sai do sepulcro!* E Lázaro sai imediatamente. *Mulher, estás curada!* E ela fica curada. *Isso é meu corpo!* E esse é o corpo do Cristo.

"Estas palavras, diz Melanchthon, um dos fundadores do protestantismo, têm o brilho do relâmpago, e o espírito nada lhes pode objetar. (De verit. Corpo. Christi in 1 Ep. ad. Cor.).

Eis a verdade, meu caro crente, a verdade clara, positiva, irrefutável, a verdade fulgurante como o relâmpago, imponente como a majestade divina. Ainda uma vez – pois é a conclusão que se impõe: *Ou crer ou blasfemar!* Ou aceitar a verdade católica, ou tornar-se um miserável ímpio.

Medita isso, e tem coragem de escutar a tua consciência e a voz de Deus, e de repetir com a Igreja católica: Cristo está verdadeiramente presente no santíssimo sacramento do altar!

Creio, Senhor, aumentai a minha fé!

XI. Uma conclusão necessária

Que tal, amigo crente, não basta ainda textos da Sagrada Escritura, para provar as verdades que tens ousadia de atacar?

Já citei uns *vinte textos,* que provam explicitamente que Jesus Cristo está verdadeiramente presente na sagrada Eucaristia. Podia duplicar estes 20 textos e citar muitos outros, podia até perfazer um total de 100 textos, porém, pedindo apenas *um,* e tendo já citado uns *vinte*, para que serviria a lista comprida e necessariamente fastidiosa de tantos textos que provam a mesma verdade? Tantos textos, caro amigo, provam clara e publicamente as seis seguintes verdades:

1° Ou que o amigo *não conhece a Bíblia.*

2° Ou que está de *má fé*, conhecendo tais textos, e não lhes dando crédito.

3° Ou que é *escravo do respeito humano*, e não tem coragem de voltar à Igreja católica, na qual nasceu.

4° Ou *não sabe* o que está pedindo; e, neste caso, não passa de um louco.

5° Ou está agindo sob a influência de qualquer analfabeto *endinheirado*; e, neste caso, é um vulgar vendido.

6° Ou, enfim, está na *boa fé* e procura conhecer a verdade; e, neste último caso, conhecendo a verdade exposta nestas linhas, deve abraça-la e voltar ao grêmio da Igreja verdadeira, que é a de S. Pedro, ou de Roma.

O resultado há de provar a qual destas categorias pertence: e qual o epíteto que merece.

Para completar a grande verdade exposta por S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, eis mais uns textos do grande S. Paulo, cujos escritos os protestantes apreciam.

Para não abusar da paciência de ninguém, citarei apenas este trecho da 1ª Epístola aos Coríntios (11, 23-30).

23. Eu recebi do Senhor... que, na noite em que foi traído, tomou o pão. 24. E tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei: isto é o meu corpo que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim. 25. Do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Esta é a nova aliança no meu sangue, fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. 26. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha. 27. Portanto, qualquer que come este pão ou beber o cálice indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. 28. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. 29. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para si mesmo sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. 30. Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem(o sono da morte).

XII. Refutação do erro protestante

Vamos lá agora, meu amigo crente, e diga-me, com sinceridade: Acredita na Sagrada Escritura, ou não acredita? Qual é o sentido óbvio dos textos citados?

S. Paulo diz, com esta lógica que lhe é peculiar: *Quem comer este pão... indignamente, será culpado do corpo do Senhor* (1 Cor 11,27) – e ainda no mesmo sentido: *O que come indignamente, come a sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor* (1 Cor 11,29);

Que quer dizer isso? Uma criança é capaz de responder.

S. Paulo diz que, comungando indignamente, somos culpados do corpo de Jesus Cristo. Ora, como é que alguém pode ser culpado d corpo de Cristo, se este corpo não estiver no pão que come?

Comer pão da padaria, sem devoção e com a alma manchada pelo pecado, pode ser um crime? É ridículo, caro amigo, tal asserção.

Para comer o pão da padaria, é o bastante ter fome, nenhuma disposição da alma pode ser exigida.

E como alguém pode comer a sua própria condenação, engolindo um pouco de pão? Tudo isso é o cúmulo do ridículo! E só um crente obcecado é capaz de sustentar um tal absurdo.

Aliás S. Paulo é positivo; e como para refutar de antemão as ímpias asserções dos "*crentes*", ele ajunta e explica: *É culpado do corpo do Senhor e come sua própria condenação, quem não discerne o corpo do Cristo de um vulgar pedaço de pão* (1 Cor 27,29) e come este pão indignamente sem purificar a sua alma e o seu coração.

A gente só responde por aquilo que come. Se o crente tomar uma dose de mercúrio ou de estricnina, é culpado de ter tomado estes venenos; mas tomando simplesmente pão, não pode ser culpado de ter tomado veneno.

Prova de que este pão celeste, de que fala S. Paulo, e de que tanto falou o próprio Jesus, é verdadeiramente o corpo de Cristo.

Por isso, conclui o Apóstolo: *Examine-se o homem para ver se está em graça com Deus, antes de comer deste pão.*

A dúvida é, pois, impossível! Ou é preciso rejeitar a Bíblia inteira ou declarar-se *ateu*; ou é preciso aceitar a verdade, cem vezes repetida, explicada e comentada pela mesma Bíblia.

Porém ler a bíblia – dizer que se acredita na bíblia – proclamar-se crente da bíblia, e negar uma verdade cristalina, positiva e afirmada tantas vezes na bíblia, seria de uma inconseqüência de louco, ou então da obcecação de um ímpio.

Escolhei, pobres protestantes... pobres vítimas do fanatismo *cego*, ignorante e interessado de uns homens sem consciência, que se intitulam "pastores" e que são, no dizer de Cristo, *lobos devoradores, vestido de pele de cordeiros* para mais facilmente iludir, enganar e perder as almas.

Queridos brasileiros, lembrai-vos que sois filhos de católicos e – que fostes batizados na Igreja católica, que é a única e verdadeira – lembrai-vos que recebestes a fé católica com o leite materno, e que talvez os vossos pais adormeceram para sempre, murmurando os doces nomes de Jesus e de Maria – e vós tereis a ousadia de desprezar e de negar a fé destes pais queridos, para aceitardes o espírito de revolta, de ódio e de satânica cegueira e de uns vendidos, de uns apóstatas, sem fé, sem crença, sem convicção, que ontem eram católicos e que hoje se intitulam *pastores protestantes*, porque são pagos pelos americanos para fazerem propaganda e para semearem a desunião em nosso querido Brasil?

Aqui tendes mais uma prova insofismável da *má fé e da ignorância supina destes pastores cegos*. As verdades aqui expostas são irrefutáveis.

Se tendes uma bíblia, pobres "crentes", procurai verificar os textos citados, e dizei se, si ou não, *Cristo está presente na Hóstia Sagrada.*

Convencidos, como haveis de ficar convencidos, deveis confessar que os vossos pastores andam errados, estão fora da verdade, e, em vez de ensinar-vos as verdades contidas na Bíblia, ensinam-vos as idéias grotescas e ímpias de suas próprias cabeças.

Em vez de voz mostrarem o caminho do céu... levam-vos ao Inferno.

Refleti, meus amigos. O protestantismo, que é falso neste pontos, o é nos outros, como continuarei a prová-lo.

E convido, provoco mesmo, qualquer um destes pastores ignorantes e de má fé a refutar as teses aqui defendidas. Encarrego-me de desmascará-los imediatamente e demonstrar, a nu, ou seus chifres de demônio, ou então suas orelhas de lobo.

Viva, pois, Cristo, o Salvador, o pai querido, verdadeiramente presente na Eucaristia, triunfador e vencedor de seus blasfemadores e de seus inimigos, os protestantes!

CAPÍTULO XVI

OS SETE SACRAMENTOS

A 11ª objeção é: *dar um texto que prove que há sete sacramentos.*

Vamos satisfazer ao nosso amigo crente e citar-lhe, como de costume, textos da Sagrada Escritura, da história, do bom-senso e até textos protestantes. É coisa fácil, e esperamos provar claramente que há deveras *sete* sacramentos, nem mais, nem menos.

I. Noções necessárias

Procuremos, em primeiro lugar, compreender bem o que é um sacramento, donde vem e para que serve. Esta simples noção fará cair já a maior parte das objeções, como, perante a exposição clara da verdade, dissipam-se todos os erros.

O catecismo diz que *sacramento é um sinal sensível, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, para produzir a graça em nossas almas e santificá-las.*

Desta definição resulta que três coisas são exigidas para constituir um sacramento. São:

1° *Um sinal sensível*, representativo da natureza da graça produzida. Deve ser *sensível*porque se não pudéssemos percebê-lo, deixaria de ser um sinal. Este sinal sensível consta sempre de *matéria* e de *forma*, isto é, da matéria empregada e das palavras pronunciadas pelo ministro do sacramento.

2° Deve ser *instituído por Jesus Cristo,* porque só Deus pode ligar a um sinal visível a faculdade de produzir graça. Jesus Cristo, durante a sua vida mortal, instituiu pessoalmente os sete sacramentos, deixando apenas à Igreja o cuidado de estabelecer ritos secundários, realçá-los com cerimônias, sem tocar-lhes na substância.

3° *Para produzir a graça.* Isto é, para distribuir-nos os efeitos e méritos da redenção que Jesus Cristo mereceu por nós, na cruz... Os sacramentos comunicam esta graça, *por virtude própria,* independente das disposições daquele que os administra ou recebe. Esta qualidade, chamada pela teologia *ex opere operato,* distingue os sacramentos da *oração,* das *boas obras e* dos *sacramentais,* que tiram a sua eficácia *ex opere operantes* das disposições do sujeito.

Compreendidas estas noções, temos de provar agora verdades negadas pelos protestantes. Primeiro, que há sacramentos – segundo, que há sete sacramentos.

II. Há sacramentos

Os amigos protestantes ensinam – e isso unicamente para contradizer a Igreja católica – que os sacramentos são meras cerimônias exteriores, testemunhando que a graça está na alma, sem o poder de infundi-la. É um erro fundamental e grosseiro.

Para provar irrefutavelmente a necessidade dos sacramentos, é preciso recorrer à sublime *doutrina da graça*, ou da nossa vida sobrenatural. Verdade que o protestantes não negam em seu princípio, mas em seus *meios.* Os sacramentos são, de fato, os meios, os canais, para transmitir-nos a graça divina, os merecimentos de Jesus Cristo.

Antes de tudo, notemos que a religião de Cristo não é simplesmente um *meio*, é antes de tudo um *princípio*.

Os homens sabem inventar meios; só Deus pode fixar *princípios*... Pela adição de princípios aos meios humanos, ele faz ato de Deus: *cria.* Esta criação nas almas chama-se a*graça*. A graça, que a teologia define *um dom sobrenatural de Deus*, por causa dos méritos de Jesus Cristo, como meio de salvação, é tudo na religião católica, é sua *seiva*, o seu *sopro*, a sua *alavanca.*

Arquimedes concebe uma máquina para suspender o mundo, mas falta-lhe um ponto de apoio e uma alavanca. Descartes sonha o mecanismo do universo, mas falta-lhe a matéria e o movimento.

Jesus Cristo quer levantar as almas a Deus, e nada lhe falta, ele concebe e ele faz.

S. Tomás, na sua linguagem de águia, resolve tudo nestas palavras do ofício do Santíssimo Sacramento: O filho único de Deus, misericordiosamente cioso de tornar-nos participantes da sua divindade, tomou nossa natureza para que Deus, feito homem, fizesse dos homens deuses, - *ut homines deos faceret factus homo* (Lect. IV).

III. Vida sobrenatural

A vida sobrenatural existe... e existindo, ela é obrigatória para o homem. É a *ordem*estabelecida por Deus. Queira ou não queira, o homem tem de viver da graça ou de perder-se miseravelmente.

Quando um Deus vem a este mundo, sofre e morre para transmitir ao homem o preço, o resgate dos seus méritos, o homem não pode subtrair-se a tamanho amor; há de escolher: ou Cristo ou o demo, ou a vida de Cristo que é a graça, ou a vida da carne que é o vício; a salvação ou a perdição.

Gravemos na mente um definição da graça, dada por S. Agostinho (*Sermo 133, cap. XI*): “A graça é como o prazer que nos atrai... Não há nada de duro, na santa violência com que Deus nos atrai... tudo é suave e benfazejo”. Esta palavra é admirável: A graça é um verdadeiro poder *atrativo,* que prevém à vontade, a estimula e a leva a Deus, a atrai por deleitação interior, e faz amar, como por instinto, Aquele que a nossa razão devia amar acima de tudo: Deus. Este termo *atrativo* parece novo em teologia, entretanto ele é a expressão da palavra de Jesus: *Ninguém pode vir a mim, se Aquele que me enviou não o atrair* (Jo 8,22). E esta outra: *Uma vez levando da terra, atrairei tudo a mim – omnia traham ad meipsum* (Jo 12,32).

IV. O que é a graça

A graça em seu princípio é, pois, a vida de Deus em nós: Participatio quaedam naturae divinae, diz S. Tomás.

Para comunicar-nos a sua vida, Deus podia agir imediatamente sobre a nossa alma; ele o faz às vezes. A simples elevação dos nossos corações, pela oração, podia produzir este efeito, mas além desta ação imediata de Deus sobre a alma, além do meio da oração, Deus instituiu meios particulares para comunicar-nos as suas graças, meios obrigados, indispensáveis: estes *meios* são os *sacramentos.*

Vejamos esta necessidade; está admiravelmente descrita por S. Paulo. Escute bem, amigo protestante, ou melhor, tome a sua Bíblia e leia este capítulo admirável de S. Paulo aos Romanos (cap. 6): *Permanecemos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum*(6,1). *Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos* (8). *O pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça* (14).

Há pois *duas vidas* em nós: a vida do *pecado* e a da *graça*. Ora, esta graça é o dom de Deus, proveniente dos méritos de Jesus Cristo. É a seiva desta grava que deve circular em nós: *Nós somos os ramos, Cristo é o tronco* (Jo 15, 4-5). Deve haver união completa, íntima entre os meios de transmissão da graça e a alma que recebe esta graça, como há união completa entre o troco e os ramos.

Na oração e nas boas obras esta união completa não existe... deve haver outro meio e este meio são os sacramentos. – Os sacramentos tornam-se, neste sentido, os *canais*transmissores da graça divina às almas. – Canais estabelecidos por Jesus Cristo, e portanto necessários.

IV. Há sete sacramentos

É um dogma da nossa fé que os sacramentos existem, e que estes sacramentos são em número de *sete*, conforme o definiu o concílio de Trento, condenando a tese protestante.

Se alguém disser que os sacramentos não foram instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, ou que são mais de sete, ou menos, a saber: Batismo, crisma, eucaristia, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio, contra ele seja o anátema (Sessão 7, cân. 1).

São, pois, sete os sacramentos, *nem mais, nem menos,* contra os protestantes que nunca tiveram de acordo entre si sobre este ponto.

No século XVI, os amigos protestantes rejeitaram os sete sacramentos... Rejeitar em palavras é fácil, como é fácil rejeitar a existência da cadeia para os malfeitores; o que não impede que aí acabem às vezes. Depois admitiram dois: batismo e eucaristia; dois, três ou quatro: os dois acima, e mais a penitência e a ordem. Hoje em dia, os ritualistas conservam os *sete;* as demais seitas reconhecem apenas o batismo, e um simulacro de eucaristia. Bastaria este desacordo e esta contínua vacilação para mostrar o erro protestante.

A *verdade não muda*, caro protestante; só o erro anda sempre claudicando, sempre hesitando e sempre mudando.

A Igreja católica sempre ensinou e sempre ensinará que há sete sacramentos, porque assim recebeu o ensino dos apóstolos, tanto pela Tradição, como pelo Evangelho, e assim o vai transmitindo aos séculos. Nunca houve discussão a este respeito na Igreja, embora não encontremos nos primeiros séculos a enumeração metódica, que hoje empregamos na citação dos sacramentos.

Três argumentos temos às mãos para provar a tese dos sete *sacramentos*, e todos três são irrefutáveis: 1° *A crença dos séculos.* 2° *o bom-senso*. 3° *O Evangelho.*

Recorramos a estes argumentos.

A) A crença secular

O primeiro argumento da crença popular desta verdade parece remontar ao século V. A doutrina dos sete sacramentos encontra-se explicitamente nas seitas dos nestorianos e nos monofisistas, que se separaram da Igreja no século V. não é admissível que estes hereges não tenham recebido da Igreja romana o número de sete sacramento. Se a conservaram como nós, é porque tal doutrina era um patrimônio comum, transmitido pela tradição apostólica e conhecido por todos, de modo que teria sido imprudente negar o que todos aceitavam como indiscutível.

B) O bom-senso

Lembro ao meu amigo protestante que Deus, sendo o autor da razão humana ou bom-senso, e o autor dos sacramentos, deve existir entre estes dois um perfeito acordo.

É apenas argumento de conveniência, é certo, mas este argumento tem o seu valor pela analogia perfeita que estabelece entre as leis da *vida natural* e as da *vida sobrenatural*.

S. Tomás explica admiravelmente esta analogia. Os sete sacramentos reunidos são necessários e bastam para a vida, conservação e prosperidade espiritual, quer do corpo inteiro da Igreja, quer de cada membro em particular.

Os cinco primeiros são estabelecidos para o aperfeiçoamento pessoal, os doisúltimos para o governo e a multiplicação da Igreja.

Na ordem natural, para o aperfeiçoamento pessoal, é preciso: *1° nascer; 2° fortificar-se; 3° alimentar-se; 4ª curar-se* na enfermidade; *5° refazer-se* nos achaques da velhice.

Para o aperfeiçoamento moral a humanidade carece de: *1° Autoridade* para governar. *2° Propagação* para perpetuar-se.

Tal é a ordem natural. Temos os mesmos elementos na ordem espiritual:

1° O *batismo* é o nascimento da graça.

2° A *crisma* é o desenvolvimento da graça.

3° A *eucaristia* é o alimento da alma.

4° A *penitência* é a cura das fraquezas da alma.

5° A *extrema-unção* é o restabelecimento das forças espirituais.

6° A *ordem* gera a autoridade sacerdotal.

7° O *matrimônio* assegura a propagação dos católicos e das suas doutrinas.

Os sete sacramentos são, deste modo, como outros tantos socorros, dispostos ao longo do caminho da vida, para a infância, a juventude, a idade madura e a velhice; para as duas principais carreiras que se oferecem: sacerdócio e casamento.

Não se pode negar que a analogia é admirável e estabelece que deve haver sete sacramentos. Se houvesse menos, faltaria qualquer coisa; se houve mais haveria supérfluo; todas as necessidades estão preenchidas.

C) O Evangelho

Para o protestante, escravo da letra da bíblia, o último argumento deve ser o mais decisivo. Estarão expressos no Evangelho os sete sacramentos? Perguntará o amigo protestante. Perfeitamente. O que derrota o pobre protestante é o seu apego estreito à letra e ao número.

Nosso Senhor não citou o número de sete sacramentos; só os sacramentos, e o protestante, não encontrando o algarismo7, começa logo a gritar que não há sete sacramentos.

A culpa seria assim de Jesus Cristo, que não pronunciou o número 7, como não pronunciou a palavra *sacramento*.

Mas diga-me, meu caro crente: o senhor acredita no mistério da Santíssima Trindade, sendo *três as pessoas* distintas, em *uma natureza* divina: o Padre, o Filho e o Espírito Santo? Acredita? Não deveria acreditar, pois Jesus Cristo nunca pronunciou o algarismo *três*, falando da Santíssima Trindade.

Ele fala do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e não pronuncia o número *três.* E, entretanto, o meu inteligente protestante conclui: O Pai é *um*. O Filho é *dois*. O Espírito Santo é*três* e conclui que há três pessoas em Deus.

Mas por que não faz o mesmo cálculo quando se trata dos sacramentos? O Evangelho não fala de sete sacramentos, mas vai enumerando todos os sete, instituídos por Jesus Cristo. São*sete, nem mais nem menos:* e a Igreja, apoiada nos argumentos comprovativos, colhidos nos Evangelhos, de cada sacramento, demonstra que são *sete,* nem mais, nem menos.

E se os protestantes não aceitam o número de sete, por que aceitam o número de dois ou três, tratando-se dos sacramentos, visto estes números não figurarem no Evangelho? É preciso ser consequente: ou tudo ou nada, desde que não há razão que milite em favor de um número determinado.

V. Os textos da Bíblia

É tempo de citar os textos pedidos que provam a existência dos *sete* sacramentos. Citando um texto que se refere a cada um em particular, fica provada a existência dos sete, até o meu amigo protestante achar um algarismo que diminua este número, ou prove que um deles não foi obra de Cristo, enfim encontrar mais um outro que satisfaça às condições exigidas, sem redundar num dos sacramentos já existentes.

1° BATISMO

Sua instituição e preceito estão positivamente marcados nos seguintes textos: *Em verdade vos digo,* disse Jesus a Nicodemos, *quem não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus* (Jo 3,5). *Ide, ensinai a todas as gentes,* disse Jesus a seus discípulos, *batizando-as, em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo* (Mt 28, 19). *O que crer e for batizado, será salvo,* promete o Salvador (Mc 16,61). *Recebe o batismo e lava os teus pecados,* disse Ananias a Saulo (At 22,16). Os apóstolos administravam o batismo a todos os que desejavam alistar-se na religião nova. *Três mil pessoas recebem o batismo das mãos de S. Pedro,* no dia de pentecostes (At 2, 38-41). O batismo é, pois, um sacramento instituído por Jesus Cristo.

2° A CRISMA

Nova instituição divina, as Escrituras marcando os elementos constitutivos da crisma. Os atos dos apóstolos provam que o seu rito exterior consiste na imposição das mãos: os apóstolos Pedro e João, enviados a Samaria, *punham as mãos sobre os que tinham sido batizados*, e recebiam estes o Espírito Santo (At 8, 12-17). Do mesmo modo, S. Paulo, vindo a Éfeso, batizou, em nome de Jesus, discípulos de João e *a eles impôs as mãos, para que o Espírito Santo baixasse sobre eles* (At 19, 1-6). Segundo estes textos, compreende-se claramente que Pedro e João de um lado, e Paulo de outro, deram o Espírito Santo, pela imposição das mãos. Ora, uma tal prática seria ridícula, se eles o fizessem, fora da vontade e das prescrições do Mestre, donde se deve concluir necessariamente que o próprio Nosso Senhor tenha instituído o sacramento da crisma numa ocasião que a Sagrada Escritura não refere. Tal é, aliás, a opinião de muitos teólogos protestantes menos tolos do que os nossos pastores de hoje. Quanto ao uso cristão, verdadeiramente antigo, da imposição

das mãos, diz o luterano Marhainehe, os apóstolos não o teriam certamente introduzido sem que recebessem a ordem divina. A crisma, diz o grande Leibniz, o luzeiro protestante, completa a obra começada pelo batismo (Leib. 1, p. 215.). A crisma é, pois, um sacramento instituído por Jesus Cristo.

3ª A EUCARISTIA

Tendo provado a existência deste sacramento com numerosos textos no capítulo XV da presente obra, é inútil repetir as mesmas verdades. A eucaristia, por sua vez, é um sacramento instituído por Jesus Cristo, em que ele nos dá o seu próprio corpo e o seu próprio sangue, como alimento das nossas almas: *Aquele que come o meu corpo e bebe o meu sangue, esse fica em mim e eu nele* (Jo 6, 57-59).

4° A CONFISSÃO

Outra verdade já provada no capítulo XIV desta obra. *Os pecados serão perdoados aos que vós perdoardes, e serão retidos os que vós retiverdes,* diz o Mestre. O rito exterior encontra-se na confissão dos pecados e na absolvição judiciária. Quanto ao preceito de confessar-se, é positivo; S. Paulo escreve: *Deus nos confiou o ministério da reconciliação, pôs em nós a palavra de reconciliação, logo fazemos o ofício de embaixadores em nome de Cristo* (2 Cor 5, 18-20). A confissão, por sua vez, é também um sacramento instituído pelo próprio Jesus, para comunicar aos pecadores arrependidos o perdão das suas faltas.

5° A EXTREMA-UNÇÃO

É o quinto sacramento instituído por Jesus Cristo, sem que saibamos em que época o instituiu. A Sagrada Escritura, como para a crisma, nos transmite apenas o rito exterior e o efeito produzido. O Evangelho diz que *à ordem do Senhor... os apóstolos expeliam muitos demônios e ungiam com óleo a muitos enfermos, e os curavam* (Mc 6,13). Eis *um fato,* é a*ordem* do Senhor. A instituição da extrema-unção decorre destas palavras de S. Tiago: *Está entre vós alguém enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E o Senhor o aliviará, e se estiver em algum pecado ser-lhe-á perdoado* (Tgo 5, 14-15). Nunca o Apóstolo teria prometido tais efeitos a uma unção, na enfermidade, sem firmar-se na autoridade divina da instituição deste sacramento. A extrema-unção é, pois, verdadeiramente um sacramento instituído por Jesus Cristo para aliviar os enfermos e dar-lhes o perdão das suas culpas.

6° A ORDEM

A ordem é o sacramento que dá o *poder* de desempenhar as funções eclesiásticas, e a*graça* de fazê-lo santamente; em outros termos, é o sacramento que faz os sacerdotes, ou ministros de Deus. Muitos textos da Sagrada Escritura provam a existência do sacerdócio e indicam o rito da ordenação sacerdotal. Lemos de fato que Nosso Senhor fez uma *seleção*entre os discípulos: *Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi,* diz ele (Jo 15,16). Aos discípulos eleitos, chamados apóstolos, o divino Mestre confia as quatro atribuições particulares do sacerdócio: a) oferecer o santo sacrifício; b) perdoar os pecados; c) pregar o Evangelho e d) governar a Igreja.

1° *Fazeiisto em memória de mim* (Lc 22,19). É a ordem de reproduzir o que ele tinha feito: mudar o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue divino.

2° *Os pecados serão perdoados aos que vós os perdoardes* (Jo 20,23). É o poder de perdoar os pecados.

3° *Ide no mundo inteiro, pregando o Evangelho a todas as criaturas* (Mc 16, 15).

4° *O Espírito Santo constituiu os bispos para governarem a Igreja de Deus* (At 20,28).

Eis os poderes dados por Jesus Cristo a seus ministros ou sacerdotes, representados pelos primeiros sacerdotes, que foram os apóstolos.

Quando ao *rito* de ordenação, não é menos claramente indicado: *Não desprezes a graça que há em ti e te foi dadapor profecia pela imposição das mãos do presbitério* (1 Tim 4,14). – Chama-se presbitério a reunião dos bispos e padres que concorreram para a ordenação de Timóteo, de que S. Paulo foi o principal ministro, como se vê claramente na

segunda epístola dirigida ao mesmo discípulo. *Por este motivo*, diz ele, *te admoesto que reanimes a graça de Deus, que recebeste pela imposição de minhas mãos* (2 Tim 1,6).

O exemplo dos apóstolos nos mostra a transmissão dos poderes sacerdotais pela ordenação. E por onde Paulo e Barnabé passavam, *ordenavam sacerdotes para cada Igreja*(At 14,22).

Tudo isso prova claramente que os apóstolos tinham recebido de Jesus Cristo a divina investidura de poderes, que iam assim distribuindo pela imposição das mãos: e esta investidura é o sacramento da ordem.

O castelo tão cuidadosamente arquitetado pelos pastores protestantes para esconderem o grande sacramento da ordem, que faz do sacerdote católico verdadeiro *representantede Deus*, com poderes divinos, cai miseravelmente diante dos textos citados, e faz aparecer a grandeza do sacerdócio católico e a baixeza do pastorado protestante, que nada é e nada vale, senão uma exploração, um meio de vida; pois, se os sacerdotes católicos recebem os seus poderes de Deus, o pastor protestante nada recebe de ninguém: ele mesmo escolhe-se, nomeia-se, e dá a si os poderes que julga ter.

7° O MATRIMÔNIO

É o último na série dos sacramentos. O casamento, que era antes de Jesus Cristo mero contrato, é um verdadeiro sacramento na nova lei. Não sabemos exatamente o tempo nem o lugar em que Jesus Cristo instituiu este sacramento; pensam os teólogos que foi nas bodas de Caná. Outros pensam que foi na ocasião em que o Salvador restaurou a *unidade e a indissolubilidade* primitivas. Interrogado a respeito do divórcio, *que nem o direito de separar-se tem o homem e a mulher, exceto o caso de adultério* (Mt 19, 3-5).

Outros ainda pensam que foi instituído depois da ressurreição, e *promulgado* por S. Paulo, na epístola aos efésios (5, 25-33).

Pouco importa o tempo e o lugar, o certo é que o matrimônio foi por Nosso Senhor elevado à dignidade de sacramento, como resulta positiva a irrefutavelmente da Sagrada Escritura. *Não separe o homem o que Deus ajuntou*, disse Jesus Cristo (Mt 19,6).

Este mistério, ou sacramento, *é grande em relação a Cristo e à Igreja,* diz S. Paulo (Ef 5,32). Isso é grande em relação a Cristo, porque é instituição divina; grande em relação à Igreja, que deve mantê-lo na sua unidade e indissolubilidade.

O rito externo foi indicado por S. Paulo: é a mútua tradição e aceitação do direito sobre os corpos, em ordem aos fins do casamento, formando a união santa, como é *santa a união do Cristo com sua Igreja* (Ef 5,25).

É mais uma bomba que pegam os nossos amigos protestantes; eles, que rejeitam o sacramento, para contentar-se unicamente com o contrato civil, preferindo – como aliás fazem sempre – a obra humana à instituição divina.

I. Conclusão

Eis, pois, bem provada a *tese* em refutação do erro protestante.

Há *sacramentos* na Igreja que são os canais para transmitir aos homens a graça divina, proveniente dos méritos de Jesus Cristo.

Há *sete sacramentos,* nem mais, nem menos, porque há necessidade destes sete e porque um oitavo seria necessariamente repetição de um outro, e ainda porque Jesus Cristo, não consultando os protestantes, entendeu instituir *sete.*

Tudo isso é bem provado, tanto pela Sagrada Escritura, como pelo bom-senso e pela tradição dos séculos cristãos. Só não enxerga quem não quer enxergar; e não compreende quem não quer compreender, porém a verdade é e será sempre esta...

Se os protestantes não aceitam os sete sacramentos, devia-se concluir que nem sabem contar até sete. Neste caso é o pirronismo da ignorância.

Pobres protestantes iludidos... quando sabereis compreender a vossa bíblia?

CAPÍTULO XVII

O CULTO DAS IMAGENS

E o número 12° das objeções, pedindo *um texto que prove que o uso das imagens foi recomendado por Cristo a seus apóstolos...*

Vou satisfazer, e isso longa e plenamente, a meu amigo protestante, mostrando-lhe claramente a inanidade da objeção, a má interpretação da bíblia a este respeito, como a má interpretação dos costumes católicos.

I. A doutrina da Igreja

A imagem de um santo é a sua semelhança pintada ou esculpida. Uma imagem pode ser*exata* quando representa a forma própria; *simbólica*, quando representa o original sob a forma de um símbolo.

A fotografia de um santo é a imagem exata; um esqueleto é um símbolo da morte, um dragão é o símbolo do demônio, uma cabeça com asas é o símbolo de um anjo. A cruz é o símbolo da redenção.

Os católicos adoram as imagens, dizem eles, com um gesto de desprezo; ora, é absolutamente proibido o tal culto pela bíblia... Eles são uns idólatras.

Pobre ingenuidade, que confunde tudo, e nem compreende a significação das palavras. Estudemos este assunto de um modo claro, popular, baseado sobre a bíblia e o bom-senso; e veremos logo que os católicos *não adoram imagem alguma*, mas simplesmente *veneram* as imagens, não pelo seu próprio valor, mas pelas pessoas ou coisas que *representam*. Veremos depois que tal culto não somente nunca foi proibido pela bíblia, mas até aconselhado, e até prescrito pelo próprio Deus. Será a destruição radical da objeção protestante.

II. Legitimidade das imagens

A Igreja católica venera as imagens. Este culto é formalmente legitimado pelo concílio de Trento, que diz: As imagens de Jesus Cristo, da Mãe de deus, e dos outros santos, podem ser adquiridas e conservadas, sobretudo nas Igrejas, e se lhes pode prestar honra e veneração; não porque há nelas qualquer virtude ou qualquer coisa de divino, ou para delas alcançar qualquer auxílio, ou porque se tenha nelas confiança, como os pagãos de outrora, que colocavam a sua esperança nos ídolos, mas, sim, porque o culto que lhes é prestado dirige-se ao *original* que representam, de modo que nas imagens que possuímos, diante das quais nos descobrimos ou inclinamos a cabeça, nós adoramos Cristo, e veneramos os santos que elas representam (Sess. XXV).

Dois pontos destacam-se deste texto, que são a refutação das diversas objeções levantadas pelos protestantes.

1° Pode-se prestar honra e veneração às imagens, não por si mesmas, mas pelo original que representam.

2° Não é a imagem que honramos, mas sim a *pessoa representada* pela imagem.

O concílio de Nicéia, o primeiro celebrado na Igreja, no ano de 325, sob o papa S. Silvestre I e o imperador Constantino, defende o culto das imagens contra os iconoclastas, com um vigor admirável.

Lê-se nos atos deste concílio: Nós recebemos o culto das imagens, e ferimos de anátema os que procedem de modo contrário. Anátema a todo aquele que aplica às santas imagens os textos da escritura contra os ídolos. Anátema a todo aquele que as chama ídolos. Anátema àqueles que ousam dizer que a Igreja presta culto a ídolos.

Eis a lei da Igreja, a lei de Jesus Cristo, a lei da Sagrada Escritura. Pois é tudo um só. Vamos provar isso clara e insofismavelmente aos nossos pobres protestantes.

III. O uso das imagens na Bíblia

Os amigos protestantes devem concordar que Deus não pode estar em contradição consigo mesmo. Provando pois que ele permite e manda fazer *imagens*, é provar que tal proibição não existe. Examinemos, pois, a bíblia que os protestantes dizem ser a sua única regra de fé.

Beseleel fez, por ordem de Deus, dois querubins de ouro, de obra batida, às duas extremidades do propiciatório. Um querubim a uma extremidade... e o outro à outra extremidade... E os querubins estendiam as asas por cima... e os rostos estavam defronte do outro (Ex 37, 6-9).

Moisés orou pelo povo; e disse o Senhor a Moisés: Faze uma serpente de bronze e põe-na sobre uma haste e todo mordido que olhar para ela viverá... E Moisés fez uma serpente de metal... e quem olhava para ela, ficava curado (Nm 21, 8-9).

Na descrição do tempo de Salomão, fala-se de um príncipe que colocou no templo dois grandes querubins (anjos) de madeira de oliveira de dez côvados de altura e enfeitava os muros do tempo com toda espécie de molduras e esculturas de anjos (3 Rs 6, 23-29).

E neste templo assim repleto de imagens, Deus apareceu e falou a Salomão, dizendo: Ouvi a tua oração... santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o meu nome para sempre (3 Rs 9, 1-3).

Muitos passos semelhantes se poderiam citar, que provam claramente que o próprio Deus mandou colocar em seu templo imagens de diversas criaturas e objetos. E o templo assim adornado agradou a Deus, ao ponto que ele prometeu por ali o seu nome, para ser invocado para sempre. E não objetem que tais imagens foram feitas pelos homens para embelezar o templo. A bíblia responde pelos lábios de David: *Todas estas coisas me foram dadas por escrito, pela mão de Deus, para que eu tivesse a inteligência de todas estas obras segundo o modelo* (1 Par 28, 11-19).

Eis já umas passagens; podia multiplica-las à vontade; pois há na bíblia 81 passos onde se trata de tais querubins, que incontestavelmente são figuras de anjos. Como referência limitamo-nos às seguintes indicações: Gn 3,24; Ex 25, 18-22; 37, 7-9; Nm 7, 89; 1 Rs 4,4; 6,2; 22,11; 3 Rs 6, 23-35; 4 Rs 19,18; 1 Par 13,3; 2 Par 3, 10-11; 5,2; Ez 10, 8-12; 27-16; Sl 18,11; 80, 2; 99,1; Filip 2, 10; Heb 11,21.

IV. Onde está o erro?

Eis fatos da bíblia... e fatos certos, sem que seja possível dar-lhes outra explicação que aquela que representa o texto citado.

Eis os protestantes em flagrante *contradição com a Bíblia*... Verifiquem os textos e contextos e tenham a coragem de confessar o seu erro, em frente da verdade refulgente que se impõe.

Dos textos já citados, vê-se claramente que Deus, em pessoa, manda fazer *imagens* de espíritos, ou querubins. Tais imagens são verdadeiramente imagens religiosas, pois os querubins pertencem à ordem espiritual e são associados ao culto divino, aos emblemas religiosos, como o são a *arca* da aliança e o *tabernáculo.*

Conforme a sua própria palavra a Salomão, Deus estava realmente presente sobre o proprietário, no meio dos dois querubins.

Ora, é certo que os judeus prestavam um culto a estas imagens, como sendo elas a expressão da aliança de Deus com seu povo, e o lugar determinado da sua presença

A Bíblia reza no livro de Josué: *Josué prostrou-se com o rosto em terra diante da arca do Senhor, e assim permaneceu até à tarde, imitando-o toso os anciãos de Israel* (Jos 7,6).

Terão sido idólatras Josué e os anciãos de Israel?

Foi Deus ainda que ordenou a Moisés levantar uma serpente de metal (Nm 21,8).

O culto prestado pelos hebreus, por ordem de Deus, a esta serpente era indubitavelmente religioso, porquanto Deus fez depender a cura sobrenatural dos mordidos, do olhar sobre o réptil metálico.

Temos as provas disto nas próprias palavras de S. João, que diz que tal *serpente* era o símbolo do Cristo crucificado. *Bem como ergueu Moisés a serpente no deserto, assim cumpre que seja levantado o Filho do Homem* (Jo 3,14).

A conclusão é, pois, irrefutável. Se Deus tivesse proibido *as imagens*, como manchadas de idolatria, ele próprio teria dado mau exemplo, mandando fazer imagens, estando assim em flagrante contradição consigo mesmo, *proibindo e mandando fazer* o que proíbe.

Então, ou os protestantes estão enganados ou Deus enganou aos outros. Não podendo Deus enganar-se, nem enganar aos outros, é claro que os protestantes estão em erro.

V. Gênero de culto das imagens

Está pois bem provado: O culto das *imagens* não somente nunca foi proibido, mas foi ordenado por Deus.

Examinemos agora qual é o culto que devemos prestar às imagens. O culto devido à imagem, como ensina S. Tomás, é aquele que é devido a seu *exemplar,* porém de um modo*diferente.*

O *exemplar* é honrado por si mesmo, enquanto a *imagem* o é por causa do exemplar...

O primeiro chama-se culto *absoluto*, o segundo é o culto *relativo*.

Deste modo, o exemplar e a imagem formam um *único objeto* de veneração.

Isso explica que nunca honramos uma imagem por si mesma, mas unicamente pelo objeto que representa; e que as honras que lhe tributamos são tanto maiores, quanto maior é o objeto que representam.

Deus, como soberano Senhor, merece um culto de adoração *absoluto* (latria), as imagens de Jesus Cristo merecem o mesmo culto, porém de um modo *relativo*.

Maria Santíssima, como Mãe de Deus, merece um culto de super-veneração *absoluto*, abaixo de Deus e acima dos santos (hiperdulia).

As imagens de Maria Santíssima merecem um culto de veneração *absoluto* (dulia). As suas imagens merecem o mesmo culto; porém de um modo *relativo*.

Se descêssemos da ordem sobrenatural à ordem natural, encontraríamos a mesma distinção aceita por todos.

Os súditos de um reino devem ao seu chefe um culto de *respeito*; os filhos devem a seus pais um culto de amor *filial*; os amigos devem a seus amigos um culto de *amizade*, e este culto é devido de um *modo absoluto* às suas pessoas e de um modo *relativo* às imagens que os representam.

O homem deve à sua terra um culto de patriotismo *absoluto*; e deve à bandeira pátria o culto *relativo*, embora a bandeira, como objeto material, seja apenas um pedaço de pano, porém como objeto *representativo*, simbólico, é o coração da pátria que pulsa em suas dobras.

Pelo que procede vê-se haver três maneiras de considerar uma imagem:

1° Como objeto *material*, isto é, a matéria de que é feita. – A este ponto de vista nenhuma imagem merece culto.

2° Como um objeto *santo*, como seria uma coisa sagrada, por exemplo a Bíblia. A este ponto de vista o objeto merece respeito e veneração, porém inferior ao que se tributa ao protótipo.

3° Como objeto *formal*, isto é, como *representação* do protótipo. A este ponto de vista merece também um culto relativo, como sendo a expressão de um objeto que merece um culto absoluto.

Assim a cruz, os pregos, a lança, devem ser honrados de um culto de *latria relativo*. As imagens de Maria Santíssima de um culto de *hiperdulia relativo*, e as imagens e relíquias dos santos, de um culto de *dulia relativo*.

Eis a doutrina da Bíblia e da Igreja a respeito das imagens. Tudo isso é claro, é lógico, é irrefutável.

VI. A prova da razão

Corroboremos estas provas positivas da Bíblia, da legitimidade e da utilidade das imagens, pela prova da nossa razão e do bom-senso.

A *palavra* e o nome são apenas *imagens* passageiras das coisas que significam: entretanto a palavra de uma pessoa honrada merece respeito e veneração. Por que não se venerariam imagens duradouras das coisas santas?

Todos tributam honra ao nome de Jesus, o *qual,* como diz S. Paulo, *faz dobrar o joelho dos que estão no céu, na terra e nos infernos* (Filip 2,10).

Quem não tributa honra a um livro que contém a palavra de Deus, a Sagrada Escritura? Por que não se faria a mesma coisa para as imagens e estátuas?

É certo que as imagens e estátuas são preferíveis às palavras escritas para esclarecer os espíritos das classes inferiores.

O poeta Horácio já escrevia em sua arte poética *Hierurgia: o que se vê pelos olhos entra mais a fundo na alma, do que o que só entra pelos ouvidos.*

O homem venera a bandeira nacional de sua pátria. Os súditos honram os retratos dos seus chefes e presidentes. O povo honra as estátuas dos seus heróis e homens ilustres. Os filhos honram e veneram os retratos de seus pais e irmãos. Os amigos cercam de veneração objetos, lembranças e retratos dos seus amigos.

E tudo isso é razoável, lógico, é uma aspiração do coração humano.

Como seria, pois, possível que Deus proíba uma aspiração legítima que ele mesmo pôs no fundo da alma humana? Como pode ele condenar no homem o que ele mesmo faz, ensina?

Não! Uma tal proibição não pode existir, porque estaria em contradição consigo mesmo o Criador, que é o autor da ordem natural e da ordem sobrenatural, da natureza e da alma humana.

Eis por que a Igreja católica honra e venera as imagens dos santos, e de um modo especial a Santíssima Virgem Maria, rainha dos santos. Ela o faz, não somente por *respeito* pela gloriosa Mãe de Jesus, como também porque a vista das suas imagens nos lembra as suas*virtudes* e nos estimula a imitar os *seus exemplos*.

VII. Objeção protestante

Eis exposto o lado positivo da questão. Examinemos, agora, o lado sobre que se baseiam os protestantes, para atacarem, como o fazem, o culto das imagens.

O grande argumento que costumam produzir é o mandamento da lei de Deus. Citemo-lo aqui, inteiro, para depois mostrar que tal *mandamento* não diz absolutamente o que os protestantes querem que diga.

A passagem é tirada do Êxodo, capítulo 20, 1-6: *1.Depois falou o Senhor todas estas coisas: 2. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. 3.Não terás deuses estrangeiros diante de mim. 4.*

Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo que há em cima, no céu, e do que há embaixo, na terra; 5. Não as adorarás, nem lhes darás culto, porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos, até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. 6. E que usa de misericórdia até mil gerações, com aqueles que me amam e guardam os meus preceitos.

Eis o famoso texto da Bíblia que serve de pretexto aos protestantes para gritarem que é proibido fazer e honrar imagens.

Façamos notar que para fazer exprimir a esta passagem o sentido que lhe atribuem, dividiram este mandamento em dois, para separar *Deus* e as *imagens*.

A Sagrada Escritura diz que os mandamentos da lei de Deus são dez, sem indicar, em parte alguma, como devem ser divididos. O texto antigo não tem nem pontuação, nem frases separadas, nem divisão: é uma frase única.

A divisão tem sido feita pela Igreja Católica, desde o princípio, e foi alterada pelos protestantes, para melhor conseguirem o seu intuito.

Um breve exame do texto mostra logo que a proibição de fazer *ídolos* e de adorá-los é apenas uma explicação e uma consequência do preceito de adorar unicamente o único Deus verdadeiro, e de não ter, em sua presença, deuses estrangeiros.

VIII. Interpretação católica

Examinemos de perto o texto citado. Em primeiro lugar é preciso lembrar-nos que Deus fala aos judeus do seu tempo, e como tal combate os abusos entre eles existentes.

Ora, estes abusos, devido ao contato contínuo com os povos idólatras, como no-lo indica a Bíblia, era uma forte inclinação à idolatria.

Os pagãos desse tempo, como ainda hoje, adoravam o sol, a lua, as estrelas, – faziam imagens de animais, como o boi Ápis, o bezerro da fecundidade, os jacarés, peixes, monstros marinhos, etc.

A proibição divina versa claramente sobre estes *ídolos*. O que há em cima, *no céu*: isto é, no firmamento: sol, lua, estrelas. O que há em baixo, *na terra*: animais, pássaros, homens. O que há debaixo da terra, *nas águas:* os peixes e os monstros marinhos.

Que seja este o sentido de tais palavras é óbvio, pela própria Bíblia, no Deuteronômio, cap. 29, 16-18. *Porque vós sabeis de que modo habitamos nós na terra do Egito, e como passamos pelo meio das nações pelas quais passastes, e ao passá-las vistes as suas abominações e imundícies, isto é, os seus ídolos, o pau e a pedra, a prata e o ouro, que eles adoravam. Não suceda que entre vós se ache homem ou mulher, família ou tribo cujo coração esteja hoje apartado do Senhor Nosso Deus, de modo que vá servir aos deuses daquelas nações, e seja entre vós uma raiz que produz a amargura.*

Claro está que nestas passagens da Escriturao que se proíbe é *adorar imagens, é prestar culto aos ídolos*, como, aliás, fizeram, por vezes, os israelistas, e foram por isso castigados por Deus.

Aqui não se trata absolutamente nem de Deus, nem dos anjos, nem dos santos; trata-se unicamente de coisas *terrestres*...

Vê-se claramente que Deus faz *aqui* uma tríplice graduação entre os objetos que não se devem adorar. Em cima, *no céu:* sol, lua, estrelas. Em baixo, *na terra:* animais, etc. Debaixo da terra: *peixes,* etc.

Donde se vê que as imagens proibidas são forçosamente de *coisas criadas,* e por conseguinte não se trata em absoluto de imagens da *divindade*.

Isto é claramente provado por um texto da Bíblia (Dt 4, 15-20): *Guardai, portanto, cuidadosamente, as vossas almas. Vós não vistes figura alguma no dia que o Senhor vos falou no Horeb do meio do fogo, por não suceder que enganados façais para vós alguma imagem de escultura ou alguma figura de homem ou de mulher, nem semelhante de qualquer animal que há sobre a terra, ou das aves que se movem na terra ou dos peixes que debaixo da terra moram nas águas: não seja que, levantando os olhos ao céu, vejas o sol e a lua, bem como todos os astros do céu e, caindo no erro, adores e dês culto a estas coisas que o Senhor teu Deus criou para serviço de todas as gentes que vivem debaixo do céu.*

Eis, pois, o que é claro. À luz destes textos da Bíblia dissipam-se todas as objeções protestantes, e vê-se perfídia da sua interpretação.

IX. Falsa conclusão

Do texto acima, mal interpretado, isto é, o ser proibido fazer *imagens do que há em cima no céu,* os protestantes tiram a seguinte conclusão: Ora – Deus está no céu. Nosso Senhor está no céu. Os santos estão no céu.

Logo, a Igreja não pode fazer imagens nem de Deus, nem de Nosso Senhor, nem dos santos do céu. Fazê-lo é quebrar a este mandamento absolutamente claro.

Que seja absolutamente falsa esta conclusão fica inabalavelmente comprovado, pelo texto já citado supra... *não seja que, levantando os olhos ao céu, vejas o sol e a lua e todos os astros do céu e, caindo no erro, adores e dês culto a essas coisas que o Senhor teu Deus criou...*(Dt 4, 15-20).

Impossível maior evidência do que a que aí se observa para significa, sem possível dúvida, qual o *verdadeiro céu* e a que se referem as Escrituras, e quais os entes cujas imagens são por Deus proibidas. Os amigos biblistas fazem uma simples *troca de céus*. Trocam inocentemente o céu do firmamento do qual falam evidentemente as Escrituras, pelo céu habitado pelos santos, pelos anjos e pela própria divindade.

É, pois, claro que tal proibição de fazer imagens de Deus, de Maria Santíssima, dos anjos e dos santos, não existe em absoluto na Bíblia: o que aí existe é a proibição de fazer e adornar imagens de coisas *terrestres*, quer do firmamento, da terra ou do mar, como o mostram os textos citados.

Se assim não fosse, como se poderia conciliar a proibição, de um lado, e do outro a ordem de Deus de fazer imagens de querubins (Ex 25, 18-20), até de uma serpente (Nm 21,9).

X. Confusão entre imagem e ídolos

Deus proíbe aos judeus terem deuses estrangeiros: isto é uma alusão aos falsos deuses dos egípcios, de que a Bíblia diz (Sl 113, 11-14 ou seg. o hebr. 115, 4-8): *Os ídolos das gentes não são senão prata e ouro, obras de mãos de homens. Têm boca e não falam, têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem, têm narizes e não cheiram, tem mãos e não apalpam, têm pés e não andam; não clamam com sua garganta... Sejam semelhantes a eles os que os fazem, e todos os que confiam neles.*

O texto original hebraico, que o português traduz por "*deuses estrangeiros*" – e o latim por *deos alienos*, é mais claro e mais positivo, a palavra utilizada é *feser*, que significa *ídolo*, e não imagem.

O que é proibido é, pois, *adorar* imagens ou prestar-lhes culto, como tais: em outras palavras, a *idolatria*.

O que é a idolatria? É prestar culto divino a uma *criatura*; em outras palavras: É o culto divino prestado a um objeto sensível, natural ou fabricado, do qual se supõe ser qualquer coisa de Deus.

A idolatria é um crime enorme, de lesa-divindade, pois consiste em colocar uma criatura no lugar de Deus, e em prestar-lhe honras, unicamente devidas a Deus.

XI. O culto católico

Para os católicos serem *idólatras* precisavam, pois, fazer imagens de objetos, isto é, animais ou homens, atribuir-lhes um poder divino (*ex opere operato*) e tributar-lhes honras divinas.

Ora, nunca entrou na mente de um católico atribuir a uma imagem um poder divino, ou prestar-lhe culto como tal; limita-se a fazer imagens de Deus, de Maria Santíssima, dos santos ou anjos, e honrá-las, não por si mesmas, mas pela pessoa que representam. – E, convém nota-lo, o culto que tributamos às imagens é sempre um culto *relativo*, ficando o culto *absoluto* para a pessoa representada.

Os católicos não fazem das imagens *fetiches*, aos quais se atribui um efeito sensível e extraordinário, o qual é fisicamente impossível.

Na Igreja Católica nenhuma imagem é aceita como *mágica*. As próprias imagens reputadas *milagrosas* não o são por si mesmas (*ex opere operato*). Deus serve-se delas, apenas, para manifestar a sua onipotência, quando bem lhe apraz, não por causa da forma ou do título da imagem, mas porque assim ele o quer.

A imagem nada faz e nada concede. É apenas um instrumento nas mãos de Deus para comunicar suas graças aos homens, ou *ex opere operantes*, em virtude das disposições daquele que honra estas imagens, ou então *ex misericordia ejus*, em consideração da sua misericórdia, como ele fez aos judeus pelo olhar dirigido à serpente metálica, fabricada por Moisés.

O que é proibido pela lei divina é o culto de *ídolos*, e não o culto das *imagens*, porque o ídolo é *uma imagem falsa*, um simulacro, como diz Habacuc (2,18), e não uma representação exterior de uma realidade.

S. Paulo chamou Cristo: *imagem de Deus* (2 Cor 4,4). — Deus criou o homem à sua*imagem*, à *imagem de Deus* (Gn 1,27) e mandou *fazer imagens* à semelhança do homem (3 Rs 6,35).

Se toda imagem fosse *ídolo*, precisava concluir que Jesus Cristo é um ídolo – que Deus mandou fazer ídolos. E qual o protestante que teria a coragem de dizê-lo? É preciso concluir, pois, que o que Deus proibiu era fazer *ídolos* e prestar-lhes um *culto idólatra*... e isso de objetos criados.

XII. As imagens nas Escrituras

É, pois, evidente que Deus não proibiu *fazer imagens*, até mesmo mandou e autorizou que as fizessem para melhor facilitar a instrução religiosa e por ser útil à piedade.

Assim é que, embora os anjos não tenham corpo, sendo eles espíritos, entretanto Deus ordenou que fossem esculpidos e pintados com a imagem humana no Antigo Testamento;*abençoou Obededom e a sua casa* pelo culto de veneração prestado à arca em que se destacaram as *imagens* de dois desses anjos querubins.

Deus se revelou a Adão *sob uma imagem sensível, passeando no paraíso, depois do meio-dia* (Gn 3,5).

Jacob viu a Deus no vértice da escada, por conseguinte sob a *forma corporal*.

Isaías viu *Deus assentado num trono sob a figura de um rei* (Is 6,6).

Amós (9,1) *viu o Senhor de pé sobre o altar.*

O Espírito Santo *manifestou-se na imagem de uma pomba* (Mt 3,16).

Os anjos muitas vezes se apresentaram em imagem humana (Gn 16,9; 21,17; 22,11; Nm 22,22; Jos 5,14; Tob 5,6; 22,15; Dan 14,33; Os 12,4; Mt 1,20; 28,5; Lc 1,19, 26; 22,43; At 5, 19; 7,30; 12,7; 27, 23; Apoc 1,4)

Por que então julgar levianamente que Jesus Cristo e os apóstolos tivessem deixado de recomendar e mesmo proibido fazer imagens?

As Escrituras em sua linguagem atribuem a Deus estes atos sensíveis: *caminha, fala, está em pé, da-lhe assento,* trono e escabelo, etc.. Por que então supor que Jesus Cristo e os apóstolos se tivessem oposto a que se *reproduzissem* pela pintura e escultura *essas imagens,* que nas próprias Escrituras foram traçadas por ordem divina?

XIII. O exemplo de Jesus Cristo

Jesus Cristo não se exprimiu declaradamente sobre o culto das imagens, porque já o considerava divinamente recomendado. Para que recomendar o que nunca foi proibido, ou tratar do que era domínio público, como permitido, útil e estabelecido pelo exemplo do próprio Deus?

Sua missão era dar *cumprimento* à lei. Ora, não havendo nenhuma lei proibitiva de *fazer imagens* e de *prestar-lhes culto*, a não ser para *adorá-los,* transformadas em ídolos, não havia razão de dar novos preceitos a esse respeito.

Mas, se Jesus não deu novo preceito de fazer e de honrar as imagens, ele deu o exemplo.

Não é um fato mencionado no Evangelho, porém é um fato histórico, por todos aceito e contado pelos próprios historiadores pagãos: Cristo, percorrendo o caminho do Calvário, exausto, coberto de poeira, de suor e de sangue, deixou-se limpar o rosto por uma mulher, compadecida, que a Tradição chama *Verônica,* e em recompensa deste ato de caridade o divino Salvador imprimiu naquele véu a imagem do seu semblante. Este véu, venerado até hoje, em Turim, tem sido o instrumento de conversão de muitos.

E não se lê no Novo Testamento (Mc 1,10) que quando o divino Salvador foi batizado, nas águas do Jordão, por S. João Batista, o divino Espírito Santo (3ª pessoa da Santíssima Trindade) desceu sob a forma visível de uma pomba, e pousou sobre Jesus?

E mais tarde, no dia de Pentecostes, também não desceu o mesmo divino Espírito Santo sobre os apóstolos, reunidos no Cenáculo, sob a forma sensível de línguas de fogo?

A Tradição nos mostra igualmente S. Lucas, pintando a imagem da Santíssima Virgem, cujo original (fala-se de três originais por ele pintados) é exposto à veneração dos fiéis na igreja de Loreto.

As catacumbas, que datam dos primeiros séculos do cristianismo, mostram em grande quantidade imagens e estátuas de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, de S. Pedro e de S. Paulo, e outros santos dos primórdios do cristianismo.

Tudo isso são testemunhos, são provas irrefutáveis de que é formalmente permitido, aconselhado e aprovado *fazer imagens* e prestar-lhes um *culto religioso.*

XIV. Testemunhas protestantes

Terminaremos pela citação de uns textos insuspeitos de protestantes, criteriosamente mais aproximados da verdade católica;

Um grande teólogo alemão, Döderlein, escreve: “Os que afirmam que os católicos adoram as imagens, não são guiados pela *verdade*, mas pelo *ódio*”.

O ministro luterano Lavater escreve também: “Lícito lhe será dizer que é uma vergonha, em nosso século esclarecido, recriminar ao católico sua veneração às imagens, como um ato de idolatria, quem se sente incapaz de glorificar sua própria seita de outra maneira que *caluniando*assim o catolicismo (Schr. an den Grafer Stolberg).

O grande Leibniz em seu Sistema Teológico escreve (p. 107): “Eu não sou daqueles que, esquecendo a fraqueza humana, proscrevem do serviço divino tudo o que impressiona os sentidos, sob o pretexto de que a adoração deve ser feita *em espírito e verdade*”.

Ouçamos mais outro protestante, o célebre Wagner (t. I, p. 318): “Vós deveis, ó luteranos, e vós também, ó reformados, restituir à religião e ao seu santuário a dignidade e o esplendor que dia a dia vão perdendo, porque todos os dias destruís o serviço divino, a título de o purificar”.

Um dos mais abalizados teólogos protestantes, Clausen, escreve, por sua vez, numa obra notável: Rito do Catolicismo e Protestantismo, p. 790. A Igreja reformada rejeita toda a solenidade exterior, tudo o que reveste uma forma esplendorosa e que leva a alma à contemplação das coisas sobrenaturais, como se a veneração para com Deus corresse perigo, adornando-se os muros de uma igreja com santas imagens, enfeitando-se o altar para o distinguir de uma mesa doméstica, como se fora uma coisa má traduzir em formas exteriores o respeito que a santidade do lugar inspira...

"Entre católicos – diz ainda Clausen – as melhores produções de arte são consagradas ao embelezamento das igrejas; os luteranos querem templos cujos muros sejam nus e desprovidos de todo adorno, o que não obsta que os mesmo protestantes adornem com todos os tesouros da arte as suas habitações particulares... As censuras dos nossos adversários a esse respeito são justas. É muito verdade que a nudez das nossas igrejas está em perfeita harmonia com o que se passa no interior delas".

A rude franqueza destas últimas palavras de Clausen é um brado espontâneo e enérgico da consciência cristã, aviltada pelas consequências absurdas das absurdas interpretações escriturais do livre exame protestante! Aliás toda essa sua obra confirma tal juízo. Seria por demais longo, porém, e já agora desnecessário, transcrevermos aqui muitas outras passagens que corroboram essa verdade indiscutível.

Terminaremos, não obstante, com estas palavras suas de admirável justeza: "Um serviço divino que só quer edificar pela palavra e procura o seu poder na exclusão de toda a influência estética sobre a alma, poderá ser porventura a fiel expressão do Cristianismo? O Cristianismo não separa o que foi unido por Deus e pela natureza, não quebra os laços que liga a alma e o corpo, a matéria e o espírito".

XV. Conclusão

É tempo de concluir o nosso pequeno estudo, já longo. As provas citadas são absolutamente irrefutáveis, senão rui a própria Bíblia, e com ela o bom-senso comum da humanidade.

Nunca Deus proibiu *fazer imagens*, nem prestar-lhes *um culto*; o que proibiu é fazer*ídolos*, atribuir-lhes um poder e prestar-lhes um culto divino. Ora, como temos provado, a diferença entre a *imagem* e o *ídolo* é a diferença do dia e da noite.

A *imagem* é a representação de um objeto ou de um ser, que só tem valor pelo o que representa, e as honras, que recebe *relativamente*, redundam sobre o objeto ou a pessoa representada, que só recebe as homenagens *absolutas*.

O *ídolo*, ao contrário, é honrado *por si mesmo*, porque lhe se tributa um poder*intrínseco*, em que se põe a confiança, honrando-o como tal. E, pois, colocar a criatura no lugar de Deus é o crime gravíssimo da idolatria.

As nossas homenagens referem-se, não a imagens, mas aos originais que elas representam. Quando se honra a imagem, honra-se o ente que ela representa.

O ato que se diz adoração da imagem é realmente a adoração do próprio Cristo, pela imagem representado.

O homem é em toda parte e em todo tempo naturalmente propenso a honrar as *imagens*dos entes que lhe são caros.

Os próprios protestantes, que nos censuram, nos imitam. Eles, como nós, honram os retratos de seus amigos, de sua mãe, de seu pai, dos seus homens ilustres e a bandeira da sua nação. Mesmo em seu culto religioso eles usam de imagens. Eles honram a Bíblia, que consta de papel e de tinta, unicamente porque ela nos recorda as palavras e os ensinamentos de Deus.

Mais que isso: Por uma flagrante contradição, enfeitam a Bíblia e outros livros com imagens de Cristo, de Maria Santíssima e até de santos... e depois gritam contra os católicos! É uma incoerência sem nome.

Fatos notórios provam que Deus aprova a invocação dos santos e a veneração das santas imagens, pois que ele concede favores extraordinários diante destas imagens.

Em Lourdes, em La Salette, em Pontmain, em Fátima, em Beauraing (Bélgica), Deus opera diariamente curas miraculosas em favor dos que lhe pedem, por intercessão da Virgem Imaculada e diante de sua venerada imagem.

De outro lado, as imagens são verdadeiros livros que ensinam a prática das virtudes. Assim, contemplando a imagem de S. Sebastião, nós aprendemos o dever de confessar a nossa fé, mesmo diante dos inimigos da nossa religião. Contemplando a imagem de S. Vicente, aprendemos a prática da caridade e da dedicação ao próximo. Um S. Francisco Xavier nos ensina o zelo das almas. — Um S. Francisco de Assis nos mostra o desapego das riquezas. — Um S. Francisco de Sales nos prega a mansidão. — Um S. José nos indica o valor de uma vida trabalhosa. — Um S. Miguel nos recorda a justiça de Deus. — Uma S. Teresinha nos prega a confiança filial e no amor de Deus.

Contemplando a imagem da Santíssima Virgem, aprendemos a prática da sublime virtude da pureza.

Considerando a imagem do Coração de Jesus, lembramo-nos do amor que Deus tem aos homens.

Fitando a imagem de Jesus crucificado, aprendemos a sofrer com paciência e resignação.

Desprezando as críticas insensatas dos protestantes, continuemos, pois, a fazer, a adquirir, a honrar e venerar as sagradas imagens. É lícito, é útil, de consolação e de virtude. Nunca foi proibido, foi até ordenado pelas palavras e pelos exemplos de Deus, como correspondendo às grandes e íntimas aspirações do espírito e do nosso coração.

Eles, protestantes, se consentem, sem se indignar, que se rasguem em sua presença e por desprezo os retratos de sua mãe e de seu pai, são indignos de ouvir soar aos seus ouvidos o doce nome do filho, e de pronunciar com seus lábios os nomes sagrados de *mãe* e de *pai*.

E se, por acaso, não consentem nesse desacato feito à representação destes entes, que lhes devem ser tão caros, então são nossos injustos e perversos censores.

Terão eles a coragem e a sinceridade de declarar-se convencidos de verdades tão claras? Não o sabemos. Neste caso só lhes fica o ditado popular: "Mais cego é quem não quer ver, do que quem não tem olhos!"

CAPÍTULO XVIII

O PURGATÓRIO, O LIMBO, O CULTO DOS MORTOS

Chegamos à 13ª objeção que é: dar um texto que prove a *existência do Purgatório.*

A esta objeção ajuntaremos a 15ª, provamos que *devemos orar pelos mortos*, e a 18ª, que se refere ao *limbo*.

Estas três objeções referem-se ao mesmo assunto e constituem uma mesma verdade. Satisfaremos plenamente ao amigo protestante, falando: 1º *do Purgatório*; 2º *do Limbo*; 3º*da oração pelos mortos*.

Provada a existência do Purgatório, que é, para os pecadores (de faltas leves), como o pórtico do céu, e demonstrada a necessidade de uma completa pureza conservada ou adquirida para entrar no céu, chegaremos logicamente à existência do limbo e à necessidade de orar pelos defuntos.

I. A existência do purgatório

É uma verdade positivamente revelada por Deus, que não admite dúvida. Só um cego não enxerga, e só um homem obcecado não compreende claros e positivos da Bíblia, os quais estabelecem e formam este dogma católico.

Escute, meu caro protestante, verificando bem os textos. Disse Jesus um dia, à multidão do povo que acabava de ouvir o sublime sermão das bem-aventuranças:

Reconcilia-te com teu adversário... Enquanto estás no caminho com ele, para não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao ministro e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que, de modo nenhum, sairás dali enquanto não pagares o último ceitil (Mt 5, 25-26).

Examine bem este texto, e com sinceridade diga-me de que é que se trata aqui. É claro, pelo texto e pelo contexto, os antecedentes e as conclusões, que não se trata aqui de uma comparação.

Jesus acaba de dizer que os seus discípulos devem ser *o sal da terra e a luz do mundo*(Mt 5, 13), continuando a traçar as normas a seguir para evitar o inferno e chegar ao céu.

Digo-vos, diz o Mestre, *que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no céu* (Mt 5, 20). Eis o céu bem indicado.

O inferno não o é menos: *Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um de teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno* (Mt 5, 29).

Eis como, na mesma instrução, Nosso Senhor trata do *céu*, do *inferno* e do *purgatório*; pois o texto citado refere-se claramente ao purgatório.

De fato, não pode tratar-se de uma prisão imposta pela justiça humana: isso é da autoridade policial, e o Mestre não trata disso nem nunca tratou; fala do seu reino espiritual.

Aliás o contexto mostra claramente que não se trata de uma cadeia material – pois com um advogado, protetores e amigos retira-se da cadeia até um criminoso, ou mitiga-lhe a pena.

Não se tratando, pois, nem do inferno nem de uma cadeia material, deve-se tratar de uma prisão onde o pecador entra, e só sai depois de ter pago até ao último ceitil.

Ninguém sai do inferno, porque é eterno. *Retirai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno* (Mt 25, 41).

Trata-se, pois, de uma *prisão temporária* onde as almas sofrem, por certo tempo, em expiação de seus pecados; onde são *purgadas* das suas faltas leves, que não merecem o inferno, mas impedem de entrar no céu. *Non intrabit eam coinquinatum* (Apoc 21, 27). *Nada de impuro entrará no céu.*

Pode-se resumir este argumento, dizendo que há almas que não são bastnate santas ou puras para entrar no céu, e santas e puras demais para serem condenadas ao inferno.

Nem céu, nem inferno: para onde irão elas então? Peço ao meu amigo protestante dar uma resposta.

A única resposta a dar é esta que o divino Mestre dá no texto citado: *Será lançado na prisão, donde não sairá enquanto não tiver pago o último ceitil* (Mt 5, 26).

Esta prisão não pode ser o céu. O céu não pode ser uma *prisão*, nem lugar de *expiação*. Não é o inferno, pois o inferno é eterno, e ninguém dali sai. Este lugar é o*purgatório.*

A *palavra* purgatório não figura textualmente na bíblia como aí não figura a palavra *Bíblia*; porém o lugar está claro e positivamente indicado: é uma prisão onde a alma é purgada de suas faltas leves... Onde expia e paga até o último ceitil. Ninguém pode contradizer esta doutrina. O protestante, protestando contra o purgatório, porque tal palavra não figura na bíblia, deve também protestar contra a *bíblia,* pois em lugar nenhum tal palavra figura na sagrada escritura, como aí não figuram as palavras evangelista, presbiteriano, batista, sabatista, etc.

II. Outras provas

Desenvolvi este primeiro texto, não por ser o mais expressivo, mas por estar mais ao alcance de todos. Há muitos outros textos comprovativos que exprimem a mesma verdade. Eis um outro, de não menos valor: *O que disser uma palavra contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no outro* (Mt 12, 32).

Donde se deve concluir que há pecados que são perdoados neste mundo, e outros, no outro mundo. De fato, por que falar de perdão no outro mundo, se não houvesse? No céu? Impossível! O pecado não entra no céu; *nada de contaminado pode entrar aí,* diz São João (Apoc 21, 27). –No inferno? Aí já não há mais perdão nem remissão. –Onde então? É no *purgatório...* No lugar de purgação.

Este purgatório foi descrito por São Paulo; escute bem esta descrição, amigo protestante. *A obra de cada um manifestar-se-á: porque o dia a declarará, porquanto pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um* (1 Cor 3, 13).

O fogo do inferno castiga, não descobre nada, nem purifica... Não é, pois, deste que fala São Paulo; é, pois, do fogo do purgatório.

O Apóstolo continua: *Se a obra de alguém se queimar sofrerá detrimento; porém o tal será salvo, todavia pelo fogo* (1 Cor 3, 15).

E para que se torne bem óbvio que se trata aqui do homem e suas obras, o Apóstolo explica: *Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?*(1 Cor 3, 16).

Note bem a expressão do apóstolo: *o tal será salvo, todavia como pelo fogo:* de novo não é do céu, onde não há fogo, nem no inferno, onde não pode ser salvo: é no*purgatório*, onde se purifica, *como pelo fogo para ser salvo* (1 Cor 3, 15).

III. Mais uns argumentos

Quer mais provas, amigo protestante? Escolhemos mais uma, bem textual. S. Paulo descreve aos Filipenses: *Ao nome de Jesus se dobra todo joelho dos que estão no céu, na terra* (Filip. 2, 10).

Os amigos protestantes falsificaram o texto e traduziram: *no céu, na terra e debaixo da terra;* porém isso pouco importa, e até fornece mais uma prova.

Qual é este lugar, *debaixo da terra,* onde os joelhos se dobram ao nome de Jesus? O inferno? É impossível: os demônios são uns revoltosos que blasfemam e não dobram o joelho para adorar... *Estes infernos,* ou *o lugar debaixo da terra,* é pois, o *purgatório.*

No segundo livros dos Macabeus conclui o inspirado autor: *É um santo e louvável pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres de seus pecados* (2 Mac 12, 46).

Os protestantes rasgaram até o livro, porque condena os seus erros!... Porém não deixa de existir e ser a palavra de Deus, para os católicos.

Que quer dizer isso? Quer dizer que os mortos podem estar num lugar que não é nem o céu, nem o inferno, dois lugares onde não precisam mais de orações; mas num lugar de expiação, onde devem pagar, como diz o Salvador, até o último ceitil; e este lugar é o *purgatório.*

Paremos aqui com os textos. As provas citadas são positivas, irrefutáveis e estabelecem, em termos claros, a existência do *purgatório.* Pouco importa que o *nome* não figura na Bíblia, basta o *lugar* estar indicado... E este lugar existe, dêem-lhe o nome que quiserem.

IV. A existência do limbo

Vamos agora às provas da existência de outro lugar, que não é nem o céu, nem o inferno, nem o purgatório.

A existência do limbo é igualmente negada pelos protestantes, embora esta negação seja contra o bom senso e contra a Bíblia.

A razão é sempre a mesma: o catolicismo diz que o *limbo* existe; é o bastante para que o protestante negue a asserção. Por que nega?... Porque a palavra *limbo* não figura na Bíblia.

Bela razão... então tudo o que não figura na Bíblia não existe? A Bíblia não fala de aviões, nem de submarinos, nem de carabinas, nem de canhões, entretanto tais objetos existem, e nenhum protestante teria a coragem de negá-lo.

As armas de defesa são aí nomeadas... É o bastante. São *armas*, e, embora o nome próprio não figure na Bíblia, as armas então conhecidas aí figuram.

Escute, amigo protestante, e juntos vamos descobrir o famoso *limbo.* Cristo, morrendo na cruz, disse ao bom ladrão: *Na verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23, 43). O amigo protestante nunca se lembrou talvez do que seria tal *paraíso?*

Será o céu? Impossível, pois o céu estava fechado para o pecado original, e só seria aberto na ocasião da ascensão do Salvador.

Subindo ao alto, diz o Apóstolo, *levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. Ora, isto, que subiu, que é, senão o que também antes tinha descido às partes baixas da terra?Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas* (Ef 4, 8-10).

Será o Purgatório que prometeu ao bom ladrão? Impossível, pois o Purgatório é ainda um castigo, e o salvador prometeu uma recompensa.

Qual é então o tal *paraíso,* que não é nem o céu, nem o purgatório? A Igreja Católica responde: é o *limbo.*

Está vendo que o tal limbo não é uma invenção, uma inovação e uma criação da Igreja: é uma verdade claramente expressa no evangelho. A verdade aí está: falta só o nome. E a Igreja, para evitar a confusão na doutrina, deu a este paraíso provisório o nome de *limbo.*

O *limbo,* do latim *limbus* – auréola, é pois, o lugar de espera, o paraíso provisório, onde os justos da antiga lei esperavam a vinda do Messias e a abertura do céu, e onde hoje crianças mortas sem batismo gozam de uma felicidade natural.

V. Outras provas ainda

Há muitas outras provas de igual valor comprobatório. Na história do mal rico e do pobre Lázaro, o evangelho fala do s*eio de Abraão* (Lc 16, 22) como lugar de felicidade onde estava Lázaro, em recompensa dos sofrimentos da vida, e indica que o mal rico estava no*inferno* e entre os dois lugares havia, diz Abraão, *um grande abismo* (Lc 16, 26).

Lázaro não estava no céu, é certo; pela mesma razão que o bom ladrão, estava num paraíso, aqui chamado s*eio de Abraão:* qual é este lugar?

É o *limbo!* Só pode ser o *limbo*... Podem chamar este lugar *paraíso, seio de Abraão,*ou *limbo;* pouco importa o vocábulo empregado, o *lugar* está claramente indicado no evangelho.

VI. Crianças mortas sem batismo

A doutrina católica ensina que as crianças mortas sem batismo não vão para o *céu,* nem para o *inferno.* O bom-senso e as escrituras nos indicam as razões.

Jesus Cristo disse que *só entra no céu quem renascer da água e do Espírito Santo* (Jo 3, 5). Ora, as crianças não renasceram na água e no Espírito Santo, o que se faz pelo batismo, que não receberam. Não podem, pois, entrar no céu.

Não podem, tampouco, serem condenadas ao inferno. Os réprobos ou réus do eterno delito são *blasfemadores do Espírito Santo* (Mc 3, 19); *os escandalosos* (Mt 18,8); *os transgressores de sua lei de justiça e de amor* (Mt 25, 46). Ora, as crianças, sem a discrição de razão, são incapazes desses pecados passíveis de condenação eterna, embora não tenham recebido, pelo batismo, a promessa da vida eterna. Não podem, pois, ser condenadas ao inferno. *Para onde* irão então? Irão para o *limbo.* Irão para um lugar onde não há as delícias do céu, nem as penas do inferno e este lugar é designado pela Igreja: o*limbo.* Doutrina bela, consoladora, lógica, apoiada sobre as Sagradas Escrituras, embora o vocábulo aí não

se encontre; porém é o bastante que a verdade esteja aí expressa, cabendo aos homens dar um nome a esta verdade, a fim de evitar confusões e erros. Eis o resumo desta bela doutrina:

O *céu* é o lugar onde Deus se manifesta face a face e o dá como recompensa aos justos ou santos.

O *limbo*, onde não se sofre, nem se gozam as delícias sobrenaturais do céu, mas onde as almas vivem felizes, numa beatitude natural. É aí que os justos da antiga lei esperavam a redenção; e onde hoje são recolhidas as crianças sem batismo.

O *purgatório*, ou lugar de purgação, de expiação, onde as almas pagam *até o último ceitil* as faltas leves cometidas.

O *inferno*, ou lugar de reprovação, onde os réprobos são horrivelmente atormentados num fogo que nunca se apaga, e num desespero que nunca terá fim.

VIII. A oração pelos mortos

A conclusão é a 15ª objeção protestante, pedindo *um texto que prove que devemos orar pelos mortos.*

Sim, amigo crente, devemos orar pelos mortos; é um dever de justiça e de caridade.

Antes de tudo, convém notar o que nós chamamos a *comunhão dos santos.* Tal comunhão é como a base da obrigação de oração pelos mortos.

A Igreja de Cristo é composta de três partes, ou de três categorias de membros: a Igreja *triunfante*, dos santos do céu; a Igreja *padecente*, das almas do purgatório; a Igreja*militante*, dos cristãos, na terra.

Estas três categorias formam uma única família de Deus na terra; um só corpo, cuja cabeça é Cristo.

Ainda que muitos, diz S. Paulo, *somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros* (Rom 5, 12).

Esta união não é uma utopia, é uma realidade. Os santos do céu oram por nós, que aqui labutamos na terra; nós invocamos aos santos, que são nossos amigos e irmãos, e oramos pelas almas do purgatório que lá sofrem e expiam as faltas da vida. É o laço de caridade que une todos os que professam a mesma fé no mesmo Deus.

Eis o que a Igreja nos ensina, que o bom-senso nos indica e o que a Bíblia nos mostra pelo seu ensino e pelos exemplos de santos.

Escute bem este trecho, amigo protestante. *Judas Macabeu mandou quase doze mil dracmas de prata para Jerusalém, a fim de serem oferecidos sacrifícios pelos pecados dos defuntos, dizendo ser um pensamento santo e salutar orar pelos defuntos, para que sejam livres de seus pecados* (2 Mac 12, 46).

É verdade que os protestantes, para se verem livres de um texto tão expressivo e esmagador, rasgaram os livros dos Macabeus.

Devemos orar pelos mortos, a exemplo de S. Paulo, que implorou com fervorosa oração a misericórdia de Deus pelo seu intrépido amigo *Onesíforo* já falecido. *O Senhor lhe conceda que, naquele dia, ache misericórdia diante do Senhor* (2 Tim 1, 18; 4, 19).

Os eruditos e sinceros protestantes são obrigados a confessar a verdade deste dogma salutar. A oração pelos mortos, - diz Forbes, - usada desde o tempo dos apóstolos, nunca deveria ser rejeitada como inútil pelos chefes da Reforma (Cons. Controv. 1858).

E Tcheldon, outra sumidade intelectual, ajunta: “A oração pelos mortos é uma das práticas mais eficazes da religião cristã” (Unterredung, 1822).

O famoso Collier, grande teólogo protestante, remata todos, dizendo: “Negando a oração pelos mortos, rompemos desta maneira com a igreja universal, mutilando nossa crença e repelindo um dos artigos da fé cristã”.

Paremos aqui. A verdade é clara e refulgente demais, para precisar dar mais provas.

A caridade é eterna e não se apaga pela morte. É, pois, lógico que ela continue a derramar os seus benefícios sobre aqueles que nos deixam.

São os nossos irmãos, sempre hão de ser; têm, pois, direito às nossas preces; e nós temos o dever de orar por eles.

Eis provadas as três verdades em foco: a existência do *purgatório*; a existência do*limbo;* a necessidade de *orar* pelos mortos.

Se o amigo crente não as compreender, é porque não quer... E contra a má vontade não há remédio. Brilhe a luz em todo o seu esplendor: o cego não a enxergará nunca!...

CAPÍTULO XIX

O ÚNICO MEDIADOR

A 14ª objeção do famoso repto protestante é de *citar um texto que prove que há mais de um mediador.* Tal objeção denota de novo grande ignorância da Bíblia e da significação dos termos, e visa sobretudo o culto da Santíssima Virgem Maria, invocada pelos católicos sob o título de *medianeira.*

Demos-lhe, pois, a resposta clara e bíblica.

I. Cristo Mediador

Só há um Deus, diz S. Paulo, *e só há um mediador entre Deus e os homens.*

Esta verdade é repetida diversas pelo Apóstolo (Gál 3, 20; Heb 8, 6; 9, 15; 12, 24). *E este mediador é Jesus Cristo homem* (1 Tim 2, 5).

Eis a verdade básica, que os católicos e protestantes aceitam integralmente e sem discussão.

Donde vem a discordância? Unicamente pela tendência perversa dos amigos protestantes, em quererem *protestar,* até nos pontos onde não há possibilidade de protesto, nem sombra de razão de protesto.

Nunca a Igreja Católica admitiu outro mediador entre Deus e os homens, senão Jesus Cristo; e isso pela razão admiravelmente exposta pelo Apóstolo: Cristo nos deu um novo testamento, mas, *onde há um testamento, é necessário que intervenha a morte do testador; pois o testemunho não se confirma senão quanto aos mortos* (Heb 9, 16-17).

Tudo isso é positivo e claro. – Por que então discutir? Cristo ofereceu-se, morreu derramando seu sangue divino, *e por isso é mediador do novo testamento* (Heb 9, 15).

Por que os católicos invocam a imaculada Mãe de Jesus, como *medianeira das graças*?

Eis que a palavra medianeira, aplicada à Virgem Santa, levanta e exalta a natural aversão dos protestantes à mãe de Jesus.

Não havia razão para isso, pois os católicos não perturbam em nada a ordem estabelecida e não pretendem, como julgam os amigos protestantes, colocar um outro mediador ao lado de Cristo.

Tal asserção denota simplesmente uma ignorância estupenda, ou, então, resolução de querer *protestar*, seja como for.

Examinemos bem, pois, a tal mediação, atribuída à Virgem Maria.

II. Maria Santíssima Medianeira

O único mediador, entre Deus e os homens, é Jesus Cristo. Note bem, amigo protestante. Os católicos colocam aqui, a Virgem Santíssima, não *diretamente* entre Deus e os homens, mas sim *entre Cristo e os homens,* o que é essencialmente diferente.

A teologia católica diz: *Mediatrix ad Christum mediatorem:* isto é, *Medianeira junto a Cristo mediador.* Deste modo, Cristo fica o *único mediador* entre Deus e os homens; e a Virgem Maria fica uma *medianeira* junto a Cristo; em outros termos: o mediador principal e perfeito é Cristo; sendo Maria Santíssima uma medianeira *ministerial* e *dispositiva.*

Neste sentido, todos os santos são intercessores, medianeiros, junto a Cristo, sendo-o a Virgem Santa, pela sua qualidade de mãe de Deus, de um modo mais excelente e eficaz.

Eis a doutrina muito simples e muito lógica.

Deus, o Pai e *Senhor* de tudo. Jesus Cristo, *único mediador* entre Deus e os homens. Maria Santíssima, *medianeira* entre Cristo e os homens, de um modo mais excelente, mas na mesma ordem do que todos os santos.

I. A dupla mediação

Tal é a *mediação particular* da Virgem Santíssima.

Ao lado desta mediação exerce ela ainda uma mediação *geral,* ao lado do mediador único, que é Jesus Cristo.

Maria SS. é Medianeira entre Jesus Cristo e os homens; ela é também *Medianeira* entre Deus e os homens, desta vez ao lado do seu divino Filho.

Esta segunda *mediação* resulta da unidade da obra redentora. A obra redentora – este ponto é o eixo sobre o qual giram todas as outras obras divinas – não é simplesmente a paixão e morte do Salvador, como o pensam os protestantes, mas é o conjunto de tudo o que se refere a ela, na *preparação,* na *execução* e na *aplicação.* A obra redentora, nos desígnios divinos, *é uma só:* é a nossa salvação por Jesus Cristo.

Estas três partes são, e devem ficar, inseparavelmente unidas, de tal modo que os elementos que constituem a primeira parte, devem encontrar-se na segunda e na terceira.

Sendo certo que Maria teve a sua parte ativa, ao lado de Jesus, na *obra redentora,* pelo fato mesmo, ela deve ter parte na obra de nossa *salvação* e em todas as graças que nos são dadas, em vista do Redentor, pois tudo isso é uma *única* e mesma obra redentora.

E tudo isso é ligado à maternidade divina. E Maria, devendo ser a *mãe de Jesus,* o é necessariamente no Jesus *inteiro,* de Jesus como *pessoa* e como *enviado* de Deus. Pelo fato de sua cooperação na *Encarnação,* Maria SS. cooperou em nossa redenção e em nossa *salvação.*

São estas as três partes constitutivas da obra redentora. Deste modo nós somos devedores a Maria de *Jesus inteiro:* é Jesus como resgate e como fonte do todas as graças.

Logo Deus nos dando Jesus, por Maria, dá-nos tudo por Maria; e ela se torna verdadeiramente associada à redenção, ou, em outros termos, co-redentora... A medianeira, ao lado de Jesus, entre Deus e os homens. Tal é a dupla mediação da Virgem Santíssima.

Para refutar os erros protestantes a esse respeito, repitamos que isso não significa de modo algum que nós aceitamos um mediador ao lado do mediador único, ou que a mediação de Jesus nos parece insuficiente, ou que atribuímos qualquer coisa a Maria, fora de Jesus.

Nada de tudo isto. Maria está, ao lado de Jesus-mediador, para constituí-lo *mediador perfeito,* neste sentido que ela ocupa na mediação da *vida* a parte que Deus lhe outorgou; como Eva estava ao lado de Adão, na mediação da *morte.*

Em ambos os sentidos aqui indicados, o nome de *medianeira* inclui para Maria SS. a dupla cooperação à obra redentora, acima exposta: cooperação pela sua *ação* na terra, cooperação pela sua *intercessão* no céu.

Estas duas mediações são universais, como é universal a mediação de Jesus, e se estendem a todas as gerações que nos são concedidas em vista de Jesus.

Numa das orações da festa da medalha milagrosa, a Igreja adota integralmente esta opinião, dizendo: *Senhor, Deus onipotente, que quisestes que recebamos todos os bens pela Mãe Imaculada de vosso Filho, concedei-nos, pelo auxílio de uma Mãe tão poderosa, etc.*

É o que a piedade cristã exprime neste axioma clássico: *tudo por Jesus, nada sem Maria!*

IV. O necessário e o útil

Podíamos mostrar, com outros argumentos, a lógica e o fundamento desta mediação, dizendo que a mediação de Jesus Cristo é uma mediação *necessária,* e a da Virgem Santíssima, uma mediação *útil.*

A seguinte comparação é de Carlos de Laet: podemos dizer que sem água não podemos viver: a água é, pois, *necessária;* porém, podemos ir buscar esta água ao longe, na fonte, como pode ser-nos transmitida por encanamento e chegar, deste modo, até dentro de casa, poupando-nos fadiga e tempo, para ir captá-la em cima dos montes. Tal encanamento não é necessário, porém é *muito útil*. Imagine-se agora que um homem venha dizer-nos: "não vos é *necessário* tal encanamento; urge, pois, destruí-lo, porque necessário é só a nascente". Que diria o meu amigo protestante a tal homem? Diria, de certo, o que o católico dirá: "É verdade que só a água é*necessária,* porém o encanamento é de suma *utilidade*".

Eis o que ensina a Igreja Católica: só a mediação de Cristo é *necessária*, mas a da Virgem Santa é sumamente *útil.* Cristo é a nascente, a fonte; Maria Santíssima é o canal, que nos transmite a água cristalina da graça divina. *"Aquaeductus gratiarum",* como dizem os teólogos e os santos padres.

V. Outra comparação

Suponhamos, amigo protestante, que o presidente da república só a nossa pátria, auxiliado por um ministro de confiança, por cujas mãos passassem todas as nomeações e cargos inferiores. Tal ministro será, deste modo, o único mediador entre o presidente e o povo. Suponhamos que tal ministro tenha junto a si a sua própria mãe, a quem muito estima, sem que ela tome parte na direção dos negócios públicos. Um belo dia, eis que o amigo protestante precisasse de um emprego, de um favor qualquer. Que faria o amigo?

Usaria de um pouco de diplomacia, e podendo entrar em relação com mãe do ministro, falaria com ela, para que intercedesse junto ao filho, a fim de alcançar-lhe o benefício almejado. Não seria isso lógico, natural? E podia o ministro ficar ofendido por não ter o suplicante recorrido a ele? De certo que não. Ao contrário, o pedido do amigo protestante, apresentado ao ministro pela própria mãe deste, adquiria duplo valor: o do *pedido* e o da *intercessão*.

Ainda assim fazem os católicos. Reconhecem que Deus é a fonte e o autor de todo o bem; reconhecem que Jesus Cristo é o único mediador *necessário,* mas reconhecem que, junto a ele, tem um valor extraordinário a sua Santíssima Mãe, e recorrem a ela como medianeira*secundária* de grande *utilidade* para que interceda por eles junto ao seu divino Filho.

Conclusão

Está vendo, caro amigo protestante, que é inútil citar trechos da Bíblia, para provar uma verdade que a Igreja Católica reconhece e aceita.

É inútil refutar objeções, que só existem na cabeça daqueles que a fabricam, sem indagar ou saber o que eles objetam, se existe ou tem, pelo menos, qualquer razão de existir. Que serve provar que o Sol existe, quando ninguém nega a sua existência?

Por que atribuir à Igreja Católica erros, que ela não possui, ou doutrinas, que ela não professa? Tudo isso, de novo, mostra ou uma ignorância sem igual, ou então uma leviandade sem nome.

Peço, pois, reter bem esta conclusão, que o senhor quer provar sem que ninguém o negue: *só há um Deus, e só há um mediador entre Deus e os homens, o qual é Jesus Cristo* (1 Tim 2, 5).

Os santos, por serem amigos de Deus, são intercessores junto de Deus, porém secundariamente.

Acima de todos os santos, elevada pela sua dignidade de Mãe de Deus, está a Virgem Santíssima, verdadeira *medianeira* entre Jesus e os homens, *medianeira* entre Deus e os homens, pois o seu Filho é Deus; porém *medianeira secundária*, não absolutamente necessária, mas sumamente *útil* para nós homens.

Eis porque os católicos têm em vista apresentarem-se a Jesus Cristo, acompanhados pela Virgem Santa, para, deste modo, dar mais valor às suas preces e serem mais bem acolhidos pelo único mediador *necessário*, isto é, Cristo Jesus, o Filho de Maria.

Como isto é lógico, suave, consolador e, sobretudo, esperançoso!

CAPÍTULO XX

JEJUM E ABSTINÊNCIA

A 15ª objeção foi respondida no capítulo XVIII; tratemos aqui a 16ª, pedindo *um texto que prove que devemos jejuar nas sextas-feiras.*

É uma objeção ridícula, pois é sabido por todos que o preceito do jejum nas sextas-feiras não existe senão no tempo da quaresma. O que existe geralmente, pela lei da Igreja, é a abstinência de carne nas sextas-feiras.

I. A razão de ser

A Igreja, ciosa de seguir em tudo as prescrições e os conselhos do divino Mestre, prescreveu o jejum e a abstinência, como penitência, em certos dias do ano.

O jejum consiste em privar-se de uma parte dos alimentos habitualmente usados, e refere-se à *quantidade* do mesmo alimento.

A abstinência consiste em privar-se de carne em certos dias, por espírito de penitência, e refere-se, pois, à *qualidade* do alimento.

Jesus Cristo prescreve o jejum sem indicar o dia deste jejum; aconselha esta prática como meio de alcançar o perdão das faltas, de expiá-las e de domar as paixões da carne. Tudo isto está claramente indicado na Bíblia.

Não tendo Jesus indicado o tempo, nem o dia destas penitências, cabe à Igreja determiná-los, para que os preceitos e os conselhos do Salvador não fiquem esquecidos.

Percorramos, meu caro crente, *os exemplos, os conselhos e preceitos* do jejum, indicando bem os passos, para que o amigo os possa verificar em sua bíblia.

II. Preceito do jejum

Digo logo, para espantar o meu amigo crente, que o jejum constitui não simplesmente um conselho ou uma lei eclesiástica, mas sim uma *lei divina,* como a *oração* e a *esmola.*

A prova é simples: o que Jesus Cristo une num mesmo preceito, deve possuir a força deste preceito. Ora, lemos em S. Mateus que o Salvador dez três preceitos para cumprir a lei e as profecias: *esmolas, oração* e *jejum.*

O capítulo VI de S. Mateus é a majestosa exposição desta verdade. Jesus Cristo diz ao terminar: *quando jejuardes, não vos mostreis tristes... Ungi a vossa cabeça e lavai o vosso rosto... Para não parecer aos homens que jejuais, mas a vosso Pai, que vos recompensará* (16, 17-18).

Em outro lugar o Salvador ensina que há tentações, que só se combatem à força de oração e do jejum (Mt 17, 20).

Ora, todos nós somos tentados... Todo homem é tentado pela sua própria concupiscência, diz S. Tiago (1, 14). Para resistir a estas tentações precisamos, pois, recorrer à oração e ao jejum.

Eis já o quanto é claro e irrefutável.

Examinemos agora se o tal preceito foi praticado pelo próprio Salvador.

III. Exemplo de Jesus Cristo

O grande modelo a imitar é Jesus Cristo. Ele é o caminho: Ego sum via, veritas et via (Jo 14, 6); e seguindo o seu exemplo não podemos enganar-nos. Ora, lemos em S.

Mateus, que antes de iniciar a sua grande obra – a fundação da Igreja, – o Salvador foi conduzido ao deserto, onde jejuou durante quarenta dias e quarenta noites (Mt 4, 12). Como é que os amigos protestantes, que pretendem seguir a Bíblia à risca, não imitam a Jesus Cristo jejuando, em vez de atacarem o jejum praticado pelos católicos, em imitação do seu divino modelo? Que contradição! A Bíblia está repleta de exemplos de jejum. Em toda parte, em todas as necessidades encontramos a oração e o jejum, como duas práticas inseparáveis, para aplacar a Deus e obter os seus benefícios.

O jejum é como o sustento da oração. É boa a oração acompanhada de jejum, diz Tobias (12, 8). Voltei meu rosto para o Senhor, meu Deus, para o rogar, o conjurar em jejuns, diz Daniel (9, 3-4).

O ímpio Acab, provocando a justiça de Deus, por causa da vinha de Nabot, jejuou coberto de um cilício e alcançou certa indulgência.

Os ninivitas, urgidos que fizessem penitência, observavam o jejum, para alcançarem a clemência de Deus, etc., etc.

IV. A origem da quaresma

A quaresma, ou os quarenta dias de jejum, praticados na Igreja Católica, foi instituída pelos apóstolos, em lembrança de do jejum de Jesus Cristo.

A prova desta asserção encontra-se na regra traçada por Santo Agostinho: "Toda prática, diz ele, recebida por toda a Igreja e cuja origem não pode ser atribuída, nem a um bispo, nem a um papa, nem a um concílio, deve ser considerada com uma instituição apostólica".

Ora, a quaresma foi sempre observada por todas as nações cristãs e não se pode remontar a sua origem a uma instituição humana, posterior aos tempos dos apóstolos; logo foi instituída por eles.

Os amigos protestantes dizem que tal prática foi instituída pelo Concílio de Niceia. É falso, pois o Concílio de Niceia realizou-se em 325, e encontramos já nos escritos de Tertuliano e de Orígenes, no ano 200, a menção positiva da quaresma.

S. Jerônimo, no ano 400, escreveu: "segundo a instituição apostólica, observamos um jejum de 40 dias" (Ep. ad Marcel.).

S. Leão é mais positivo ainda: "foram os apóstolos – diz ele – que, por inspiração do Espírito Santo, estabeleceram a quaresma".

"Jejuamos em qualquer outro tempo, – diz também Santo Agostinho, – se quisermos, mas, durante a quaresma, pecamos, se não jejuamos".

Eis, pois, bem demonstrado que a quaresma é uma instituição dos apóstolos, instituída por eles, talvez por ordem ou conselho de Jesus Cristo, para imitar e lembrar o jejum de 40 dias do próprio Salvador.

V. O jejum na antiga e nova lei

O jejum da sexta-feira, como já disse, não existe senão na cabeça do protestante à cata de objeções; mas se existisse, teria ainda sua razão de ser, o seu fundamento. Este fundamento seria a lei da Igreja.

A Sagrada Escritura prova a necessidade do jejum, sem determinar os dias deste jejum. Os apóstolos instituíram a quaresma. A Igreja de Jesus Cristo possui uma autoridade divina, igual à autoridade dos apóstolos, pois os papa é o legítimo sucessor dos apóstolos. É, pois, inegável que o papa possa prescrever jejuns ou suprimi-los, em certos dias, para um fim útil ou conveniente. O jejum, como mortificação do corpo, é um preceito divino; o modo prático de exercê-lo deve ser regulamentado pela Igreja, por lei eclesiástica, que obriga a consciência.

A Igreja recebeu de seu divino fundador o poder de legislar, ou formar leis: tal poder pertence necessariamente à autoridade de governar que S. Pedro recebeu do Salvador: Dixis ei (Pedro): Pasce oves meas (Jo 21, 17).

Não se pode negar este poder à autoridade eclesiástica, tanto mais que a lei antiga dava este poder a seus chefes, como lemos na Bíblia.

Josafaz fez publicar um jejum em toda a Judeia (2 Par 20, 3), o que foi aprovado pelo Senhor, que lhe concedeu o favor implorado.

Esdras publicou também um jejum pela feliz jornada dos judeus que voltaram do cativeiro da Babilônia. Publiquei um jejum, diz ele: nós jejuamos, pois, e tudo nos sucedeu com felicidade (1 Esd 8, 21-23).

Jeremias publicou igualmente um jejum em Jerusalém, para toda a multidão vinda de Judá, a fim de aplacar as vinganças do Senhor (Jer 36, 9).

O profeta Zacarias faz menção de quatro jejuns, ordenados por Deus (Zac 3, 19).

Eis como a Igreja do antigo testamento preceituava o jejum e determinava o tempo e o modo de praticá-lo, por ordem divina. É, pois, lógico que a Igreja do novo Testamento goze do mesmo poder de que gozava a Igreja antiga, que era apenas o esboço, o símbolo e a imagem da Igreja de Cristo.

VI. A abstinência da carne

Devemos, pois, concluir que a Igreja tem o direito de impor, em certos dias determinados, o dever de jejuar e de abster-se de certos alimentos por lei positiva do direito eclesiástico.

Se tem o poder de prescrever o jejum, deve ter também o poder de prescrever a abstinência de certos alimentos. Tal abstinência não é novidade; existiu na lei antiga, como existe hoje na Igreja Católica.

Os próprios apóstolos prescreviam tal abstinência. Abster-vos-ei de das carnes sacrificadas aos ídolos, do sangue e dos animais sufocados, dizem os Atos (15, 29).

Se os apóstolos prescrevem de abster-se de certas carnes, podem naturalmente prescrever tal abstinência em tempos e dias marcados, como faz a Igreja, prescrevendo em certos países a abstinência de carne, nas sextas-feiras, em lembrança da morte do divino Salvador. É claro, é simples e incontestável.

VII. Conclusão

A conclusão é irrefutável. A Igreja Católica, fiel aos ensinamentos da Bíblia, apoia-se em todas as suas doutrinas sobre o texto sagrado, e faz dele o pedestal divino dos dogmas, da moral e até das cerimônias de culto.

O protestantismo, pelo contrário, limita-se a exaltar a Bíblia, e na prática afasta-se completamente dos ensinos da mesma Bíblia.

Jejuar e abster-se de certos alimentos é uma prática que vem do começo da humanidade; pouco importa que o protestante proteste, porque a sua lei, a base do ser credo é protestar contra a verdade católica.

Se a Igreja proibisse o jejum e a abstinência, os amigos protestantes citariam centenas de textos para provar que o jejum e a abstinência são preceitos divinos. E estes textos poderiam ser encontrados, de fato.

A Igreja, firme na resolução divina, sustenta a verdade; e o protestante, embora não encontre nenhum texto, absolutamente nenhum, contra o jejum e a abstinência, protesta e quer textos que provem que se deve jejuar nas sextas-feiras.

É ridículo! É como se pedissem textos que provem que a gente deve deitar-se e dormir de noite.

O sono da noite é lógico: é o descanso das fadigas do dia; e tal como sono não precisa de textos para ser desejado e efetuado pelos protestantes como pelos católicos.

Eis os textos, caro crente. Queira lê-los, meditá-los e compreendê-los, e, em vez de protestar, faça também seu pequeno jejum nas sextas-feiras, com uma abstinência de carne para honrar a morte do Salvador e alcançar o perdão da sua incorrigível mania de protestar contra a lei divina!

CAPÍTULO XXI

O BATISMO

A 17ª objeção é fenomenal e contradiz a própria doutrina e o próprio uso protestantes. Desta vez, o protestante protesta contra si mesmo, contra Lutero e contra inúmeras seitas protestantes.

Protesta porque a Igreja Católica afirma que o pecado original existe, e que é remitido pelo batismo.

Basta esta afirmação para o nosso amigo protestante exigir: um texto que prove que o batismo lava o pecado original, nos faz cristãos, filhos de Deus, herdeiros do reino de Deus.

Vamos, de novo, satisfazer as exigências do nosso amigo crente.

I. Sacramento e lei

O batismo é um sacramento do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo, para apagar o pecado original.

Jesus disse: se alguém não for regenerado pela água e o Espírito Santo, não poderá entrar no reino de Deus (Jo 3,5).

Esta regeneração é o batismo. Conforme as palavras do salvador, a salvação é impossível sem o batismo.

Além de o batismo ser absolutamente necessário, há também uma lei que obriga a recebê-lo. As próprias palavras da promulgação o afirmam: ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28, 19).

Até aqui o amigo protestante deve estar de acordo conosco. Tiremos disso uma conclusão lógica: Jesus Cristo nada fez de útil, tudo o que fez e disse tem uma razão de ser.

Se, pois, ele exige tão rigorosamente a recepção do batismo, é porque o batismo para qualquer coisa, produz um efeito que só ele pode produzir. E qual é este efeito?

II. Efeitos do batismo

É a Sagrada Escrita que no-los vai indicar claramente: aquele que crer e for batizado será salvo, diz o próprio Jesus Cristo (Mc 16, 16).

Eis já o que é claro e positivo: a fé e o batismo são as chaves da nossa salvação.

Ora, para ter precisão de salvação, é preciso estar perdido; são dois termos correlativos: um supõe o outro. O homem estava, pois, perdido. Como? Pelo pecado original transmitido por Adão e Eva a todos os seus descendentes.

Isto é provado claramente pelo testemunho do apóstolo: por um homem só entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte; assim também a morte passou a todos os homens, por isso todos pecam num só (Rom 5, 12).

Eis o que é bem claro. Antes do apóstolo, o santo rei David já tinha dito a mesma verdade: fui gerado na iniqüidade, e minha mãe concebeu-me no pecado (Sl 50, 7).

Eis, pois, duas verdades bem provadas: o pecado original foi cometido pelos nossos primeiros pais. Este pecado é transmitido a todas as gerações humanas, sendo assim um pecado universal.

Procuremos agora um remédio para esta mal universal. É S. Pedro quem no-lo ensina: fazei penitência e cada de um de vós se faça batizar em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados (At 2, 38). O batismo é pois um meio de remir os pecados.

E quais são estes pecados? O batismo pode ser recebido em qualquer idade. A criança, não sabendo distinguir entre o bem e o mal, é incapaz de cometer pecado. Deve pois existir qualquer pecado que não seja cometido pessoalmente por nós, mas é transmitido pela geração. Tal pecado é o pecado original.

S. Paulo dissipa as últimas dúvidas e, num rasgo sublime, projeta sobre o batismo uma luz toda divina.

Escute estas passagens, caro protestante: que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como vivemos ainda nele? Ou não sabes que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? De modo que estamos sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele, na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição (Rom 6, 1-6).

Que sublime página de teologia sobre os efeitos do batismo! Se os amigos protestantes soubessem compreender um pouco a Bíblia, ficariam envergonhados das ineptas objeções que levantam.

S. Paulo dá a resposta completa à objeção protestante e prova a exposição católica que afirma que o batismo:

a) Lava do pecado original;

b) Faz-nos filhos de Deus;

c) E herdeiros do céu.

Somos batizados na morte de Jesus Cristo, diz S. Paulo. Ora, esta morte é a destruição do pecado. Não havendo pecado em nós, tornamo-nos filhos de Deus, ressuscitados da morte do pecado, como Cristo ressuscitou da morte do túmulo.

Semelhantes a Cristo pelo batismo, ressuscitados como ele, tornamo-nos participantes da glória do céu.

Somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Jesus Cristo, diz S. Paulo (Rom 8, 17). Ora, esta herança é graça na terra e a glória no céu.

Justificados pela graça, diz o Apóstolo, seremos herdeiros segundo a herança da vida eterna (Tito, 3, 7).

I. Conclusão

Concluamos, mostrando aos pobres protestantes como eles são ilógicos, e como estão em contradição com a Bíblia e com os seus próprios costumes.

Os protestantes administram o batismo para os seus próprios adeptos e, entretanto, não acreditam no próprio batismo. Fazem objeção contra o batismo e o conservam como obrigatório, para ser cristão, e até para ser protestante. De outro lado, sendo conseqüentes, não deveriam admitir o batismo. É um princípio por eles admitido que ninguém pode ser justificado sem um ato de fé em Jesus Cristo. Ora, as crianças não são capazes de fazer este ato. Logo, o batismo das crianças é inútil.

Outro argumento contra eles: é também um princípio protestante que nada se deve fazer que não seja autorizado por um exemplo tirado da Bíblia. Ora, não há nela nenhum exemplo de batismo de criança. Logo, os protestantes deveriam rejeitar o batismo de crianças, como contrário à Bíblia.

Até a escritura pode ser interpretada como favorável ao batismo de pessoas adultas, antes que das crianças. Aquele que crer e for batizado será salvo (Mc 16, 16).

A Igreja Católica manda batizar as crianças, não por indicação da Bíblia, mas pela interpretação do texto sagrado, pela tradição constante dos séculos, desde os apóstolos até hoje.

Eis umas citações antiguíssimas a esse respeito:

Dionísio Aeropagita, do século II, diz: "É uma tradição que nos vem dos apóstolos, que as crianças devem ser batizadas" (Eccl. hier, cult.).

S. Irineu, também do século II, diz: "todos aqueles que são regenerados em Jesus Cristo, isto é, crianças, jovens, velhos, serão salvos" (Sup. S. Luc.).

Orígenes repete a mesma verdade. É na Igreja uma tradição, provinda dos apóstolos, dar o batismo às crianças (Leb. 5, c. 6).

S. Cipriano, ainda no mesmo século, escreve: "parece-me bom e a todo o concílio que as crianças sejam batizadas, mesmo antes dos oito dias" (Lev. 3, ep. ad Fidum).

Eis testemunhos autênticos dos primeiros séculos, atestando sempre ter sido uso na Igreja batizar as crianças.

Eis como cai a objeção protestante e vira contra eles, mostrando como estão em contradição consigo mesmos: fazendo o que não acreditam e acreditando no que não fazem. No primeiro caso, não deviam batizar crianças como o fazem. No segundo, não podiam atacar o batismo, nem pedir textos para provar que o batismo apaga o pecado original e nos faz filhos de Deus.

É a eterna mania de protestar... Até contra eles mesmos!

II. O batismo dos sinos

A 19ª nona objeção pede um texto que prove o batismo dos sinos. Tal objeção não merece resposta, mas demonstra a supina ignorância dos biblistas, que pegam uma palavra e interpretam-na, não como é entendida pelos adversários, mas como eles mesmos a entendem.

Batizar um sino é apenas uma expressão popular, que significa: benzer um sino, isto é, consagrá-lo ao serviço de Deus.

Tal prática é completamente bíblica. Vemos na Bíblia que tudo quanto se dedica ao serviço religioso deve ser separado dos objetos profanos e reservado ao uso santo, a que é destinado. Os capítulos 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31 do Êxodo são a enumeração de todos os objetos que Deus manda fazer e reservar para o seu serviço.

E não somente Deus manda separar estes objetos, mas exige que sejam consagrados, bentos ou ungidos, de uma unção especial.

Ele manda fazer o azeite da santa unção, e diz: e com ele ungirás a tenda da consagração e a arca do testemunho, e a mesa com todos os seus vasos, e o altar do incenso, e o altar do holocausto com todos os seus vasos, e a pia com a sua base. Assim santificarás estas coisas, para que sejam santíssimas; tudo o que tocar nelas será santo (Êx 30, 26-30).

Eis, meu caro protestante, a origem da bênção ou a unção dos sinos e de todos os objetos de culto.

O sino não figura nesta enumeração, porque não existia naquele tempo; a trombeta era o instrumento para chamar os fiéis à casa de Deus.

A Igreja Católica, fiel e conservadora das prescrições divinas, conserva o mesmo costume, e benze, unge ou consagra todos os objetos que são destinados ao culto divino.

Isto é ou não é bíblico?... E o contrário, como fazem os protestantes, é ou não é completamente anti-bíblico?...

Basta ter olhos para ver... E querer ver!...

CAPÍTULO XXII

MUDANÇA DE RELIGIÃO

A 20ª e última objeção protestante do boletim citado seria de uma ingenuidade infantil se não fosse de um ridículo capcioso.

O amigo protestante pede: um texto das Escrituras que prove que um homem deve ser perseguido e amaldiçoado por haver abandonado sua religião em que nasceu e aceitado a religião de Jesus Cristo.

Aqui haveria muita coisa a distinguir; assinalarei apenas os seguintes pontos:

1º Um homem perverso deve ser perseguido e pode ser amaldiçoado: maledicti qui declinant a mandatis tuis (Sl 118, 21).

2º Pode-se abandonar a religião em que se nasce, tendo a certeza de ser errada e a certeza de a outra que se quer abraçar ser a verdadeira. – Revertimini a viis vestris pessimis (4 Rs 17, 13).

3º A religião de Jesus Cristo é uma só: Dominus Deus tuus, Deus unus est (Mc 12, 24). Vamos por partes.

I. O homem perseguido

É uma mania protestante o gritar de ser perseguido, quando não pode espalhar os seus erros ou encontrar qualquer oposição. É mania conhecida; a Bíblia diz muito bem: querem pegar a sombra e perseguem o vento (Ecli 34, 2).

Os protestantes andam atacando, caluniando e blasfemando contra o catolicismo, a Santíssima Virgem, o papa, os padres, os sacramentos e os sinos da Igreja.

Os católicos cruzando os braços, sorrindo e aceitando bíblias falsificadas, tudo corre bem, mas quando um deles repele os insultos, refuta os erros, diz-lhes meia dúzia de verdades, encolhem-se e gritam que são caluniados, perseguidos e maltratados.

É o ladrão, que, penetrando em casa alheia, é pego em flagrante no roubo, gritando que o dono da casa, que lhe administra umas pauladas nas costas, é um perseguidor, um algoz. Não, senhor, ele é um defensor em legítima defesa de seus bens.

Os católicos estão no mesmo caso. A religião é de paz e de concórdia; mas também é de dignidade, de brio e de firmeza.

Reagir contra o ladrão não é perseguir; é defender-se.

Repelir o caluniador não é perseguir; é restabelecer a verdade perturbada.

Refutar o erro não é perseguir: é manter a verdade, é fazê-la triunfar.

Defender a sua religião contra os ímpios e hereges é um ato de dignidade, de brio e de convicção, como é de brio o fato de defender a sua pátria contra o inimigo invasor.

Os que não ouvirem a Igreja, diz o Salvador, devem ser considerados como gentios ou publicanos (Mt 18, 17). Haverá menos rigor para Sodoma, do que para aqueles que não aproveitam a minha palavra, diz ainda o Mestre (Lc 10, 13).

Podemos, pois, tratar os protestantes como tratamos os gentios, não com ódios, mas com compaixão, e dizer que terríveis castigos esperam a sua revolta contra a Igreja.

Isso não é perseguir: é dizer a verdade. É permitido e é dever mesmo para os católicos opor-se à invasão do protestantismo, repeli-lo como se repele o ladrão, o assassino, o lobo, que se introduz numa casa ou num rebanho.

II. Mudança de religião

Aqui, meu caro protestante, temos um ponto complexo que deve ser bem compreendido. Mudar de religião é um negócio sério! Três casos se apresentam:

a) O homem sabe que está no erro: neste caso deve mudar.

b) O homem duvida da sua religião. Neste caso deve consultar.

c) O homem tem a certeza de estar com a verdade: neste caso deve ficar firme e inabalável. Só o segundo caso é aplicável ao ponto em discussão.

O homem duvida da sua religião. Tal dúvida pode ser uma tentação do demônio, como pode ser uma inspiração divina; pode ser também uma falta de instrução.

Mas vejamos de perto. Por que duvida ele? Duvida ele porque encontra em sua religião certos pontos incompreensíveis, misteriosos? Não há razão, porque a religião, sendo divina, nunca pode ser completamente compreendida pela inteligência humana.

Duvida ele porque há abusos e fraquezas na religião? Não há razão ainda, porque, se a religião é divina, os homens que a praticam não são divinos, e apesar de sua boa vontade, podem conservar ainda abusos e cometer faltas.

Duvida ele porque a sua religião não possui os caracteres da religião verdadeira? Aqui o caso é diferente. A dúvida tem sua razão de ser. É preciso orar, estudar, indagar e refletir. A solução é bastante simples para um homem culto. Basta ele procurar conhecer os sinais distintivos da religião verdadeira.

III. Os sinais da religião verdadeira

É fora de discussão a existência da religião, e que esta religião é uma só: unus Dominus, uma fides, unum baptismaI (Ef 4,3). Um senhor, uma fé, um batismo, diz o Apóstolo.

Jesus Cristo fundou uma só Igreja: é certo, conforme a sua própria palavra: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mt 16, 18). Ele chama-a minha Igreja, para indicar que só ela está fundada sobre ele e é dele.

Esta igreja, para ser conhecida entre as diversas igrejas, tem quatro caracteres próprios, que a distinguem de todas as outras.

Esta igreja deve ser uma, santa, católica e apostólica.

Isto quer dizer que a Igreja verdadeira deve ser uma nos pontos essenciais, na fé, no culto e na constituição hierárquica. Deve ser una em sua doutrina, em seu culto e em muitos de seus membros. Deve ser católica ou universal, porquanto deve existir em todas as épocas e estar difundida pelo mundo inteiro. Deve ser apostólica, porque deve ter a sua origem dos apóstolos.

Eis a pedra de toque para descobrir a Igreja verdadeira e distingui-la das seitas humanas. Queira fazer isto, caro crente, ou querendo, façamo-lo juntos.

IV. Uma comparação

O protestantismo não é um: é dividido em centenas de seitas, que professam doutrinas diferentes, nem se sujeita a um governo central ou supremo.

O catolicismo é um: na fé, que nunca mudou; no culto, tendo sempre o mesmo sacrifício e os mesmos sacramentos; no governo, que é e foi sempre o sumo pontífice ou papa de Roma.

O protestantismo não é santo: em sua doutrina, que é de rancor, de ódio e de calúnia; em seu culto, rejeitando muitas coisas instituídas por Jesus Cristo; em seus membros, desde a sua separação até a presente data.

O catolicismo é santo: em sua doutrina, que nada encerra de absurdo ou de indigno de Deus; no culto, possuindo todos os meios de santificação instituídos por Jesus Cristo (sacramentos, missa, festas, etc.); em seus filhos, contando milhares e milhares de virgens, de mártires e de homens santos, mostrando a sua santidade pelos milagres que operam depois da morte.

O protestantismo não é universal, porque não tem existido sempre (nasceu em 1518, fundado por Lutero, padre apóstata) e porque não está espalhado pelo mundo inteiro. São Igrejas locais ou nacionais e não universais.

O catolicismo, ao contrário, é verdadeiramente universal: a) porque existiu sempre; b) porque está difundido por todo o mundo. Ele sozinho tem mais filhos e membros que todas as seitas protestantes englobadamente.

O protestantismo não é apostólico, porque nascera quinze séculos depois da morte dos apóstolos e, por outro lado, não tem conseguido provar, com milagres, a existência de uma missão extraordinária para pregar.

Quanto ao catolicismo, é genuinamente apostólico: a) porque tira a sua origem dos apóstolos, aos quais remonta a história. b) Porque seus bispos são legítimos sucessores dos apóstolos; e em particular o Bispo de Roma, o Papa, é o sucessor de S. Pedro, – primeiro Bispo de Roma.

V. Aplicação

Os caracteres aqui citados podem e devem ser conhecidos por todos.

Deus não pode permitir a dúvida em matéria tão grave como é a religião; e tal dúvida não pode existir numa alma sincera, num coração reto.

A religião é divina e por isso não pode ser completamente compreendida por uma inteligência humana; mas nunca pode estar em contradição com esta inteligência humana, pela razão de ser Deus o autor de ambas. A contradição recairia sobre o próprio Deus.

O homem pode e deve perscrutar a religião, estudá-lo, conhecê-la o melhor possível. Por meio dos quatro caracteres, qualquer um pode provar a verdade ou o erro da sua religião: está ao alcance de todos. O católico deve fazê-lo, não pela dúvida, mas para dar firmeza à sua fé. O protestante deve fazê-lo, para verificar e compreender o que está errado.

Depois deste exame, o homem pode conscienciosamente abandonar a sua religião, desde que esta não satisfaça aos requisitos. Sem este exame, sem esta verificação o homem não pode abandonar a religião em que nasceu, ou que professa.

O amigo protestante deve ver, pois, que está errado. Sendo protestante, pode aceitar a religião de Jesus Cristo: a religião católica. O católico não pode de modo nenhum deixar a sua religião para fazer-se protestante.

E não vale a pena mudar o nome do protestantismo, chamando-o de “religião de Jesus Cristo”. Nunca foi, nunca há de sê-lo!

A religião de Jesus Cristo é uma só: – a católica; o protestantismo pode ser chamado “religião de Lutero”, nunca “de Jesus Cristo”, com que não tem outra relação, senão a Bíblia que é comum a ambas, mas cuja interpretação pessoal ou eclesiástica cava um abismo entre ambas.

O protestantismo interpreta a Bíblia a seu talante, contrariamente à Bíblia.

S. Pedro diz que toda a profecia da Escritura não pode ser feita por interpretação própria (2 Ped 1, 20).

O catolicismo escuta a Igreja para esta interpretação, conforme o ensino da Bíblia: o Espírito Santo colocou os bispos para governar a Igreja de Deus (At 20, 28).

Aquele que não escuta nem a sua consciência, nem a Igreja de Deus, deve ser tratado como um pagão, diz o divino Mestre (Mt 18, 17).

A Igreja Católica não persegue ninguém: ela é de caridade; mas refuta os erros, orando pelos que erram, conforme o conselho de S. Agostinho: interficite errores, diligite errantes.

Convém notar, entretanto, que o amor não é covardia nem traição. O protestantismo é uma heresia composta de seitas humanas, que profanam os mistérios de Deus, o que fazia dizer a Melanchthon, contemplando as águas do Elba: todas estas águas são insuficientes para lavar os grandes males da reforma protestante (Cartas).

Ora, deixando de condenar a heresia, a Igreja Católica não seria tolerante; seria simplesmente traidora de Deus e da sua missão, traidora da verdade. E isto é absolutamente impossível, sendo a Igreja, no dizer de S. Paulo: a coluna e o firmamento da verdade (1 Tim 3, 15).

VI. Conclusão

Está vendo, caro amigo, que a sua conclusão é falsa e falsíssima: um homem não deve ser perseguido por abandonar a religião em que nasceu; mas, antes de abandonar uma religião, um homem deve examinar a religião que quer deixar e aquela que pretende abraçar, para ver qual delas satisfaz aos quatro caracteres indicados: unidade, santa, catolicidade e apostolicidade.

Achando que a religião em que nasceu possui estes quatro caracteres, não pode mudar, pois está na verdade. Achando que não satisfaz a estes quatro requisitos, pode e deve abandoná-la, para abraçar aquela que os possui, e que só é a religião de Jesus Cristo.

Possa meu amigo crente compreender estas verdades claras e divinas, e adotá-las como regra de vida; é o único desejo daquele que procura refutar os seus erros, mas que ama a sua alma, e anela em salvá-la.

CONCLUSÃO GERAL

Ao iniciar este trabalho de respostas, eu disse, na Introdução, que “atacar a crença dos outros não é provar a autenticidade de sua própria crença”.

Nas páginas precedentes tenho atacado o protestantismo e refutado as objeções que ele formula, provando assim a doutrina legítima, autêntica e divina, da Igreja Católica, Apostólica, Romana.

O protestante que ler estas respostas deve ficar convencido, tanto pelo raciocínio do seu bom-senso, como pelas mil provas da Sagrada Escritura, que o protestantismo é um erro, uma heresia, o antípoda da religião verdadeira, enquanto a Igreja Católica segue integralmente os ensinos, os preceitos, os conselhos e as intuições de Jesus Cristo.

Não receio repetir que as respostas dadas são absolutamente irrefutáveis. Não há uma única resposta que não esteja baseada e firmada no texto sagrado do Evangelho, como o leitor pode ver.

Nenhum sofisma, nenhuma interpretação ambígua ou incerta entra nestas páginas. É a Sagrada Escritura, clara nas suas expressões e clara na sua interpretação.

É um trabalho de exegese séria, que não admite réplica, porque a palavra de Deus, no seu sentido óbvio, é indiscutível. Possa este livrinho ser um raio de luz para nossos pobres irmãos separados, – os protestantes, – como para os próprios católicos.

Os primeiros precisam de luz para ver; os segundos precisam dela para ver melhor.

Os primeiros precisam ver o erro que professam e a verdade que ignoram; os segundos devem ver o erro, para evitá-lo, e a verdade, para continuarem a seguirem, com convicção e desassombro.

Peço ao divino Mestre, pela intercessão da Virgem Imaculada, ser para todos os que ele disse de si mesmo a Tomé: via, veritas et vita (Jo 14, 6). O caminho, a verdade e a vida.

O caminho é a moral ensinada por Jesus Cristo.

A verdade é o dogma revelado por ele.

A vida é a união com ele pela graça divina.

É o tríplice laço que prende o homem a Deus:

A moral dirige as faculdades e as ações.

O dogma nutre-lhe o espírito e o coração.

A graça transforma-lhe a alma.

A moral é o indicador do caminho.

O dogma é o indicador da verdade.

A graça é o indicador da vida.

Pela moral o homem faz o bem.

Pelo dogma, o homem segue a verdade.

Pela graça, o homem se transforma.

Pelo bem, feito na verdade, o homem se transforma em santo. Sejamos, pois, santos, como Deus é santo. – Sancti estote, quia ego sanctus sum (Lv 11, 14).